

Livro da Instituição
dos
Primeiros Monges
Fundados no Antigo Testamento
e que
perseveram no Novo
por
Juan Nepote Silvano, Bispo XLIV de Jerusalém

Traduzido do latim por
Aymerico, Patriarca de Antioquia
e do latim para o castelhano por um
Carmelita Descalço

e

Carta de São Cirilo Constantinopolitano
Traduzida para o castelhano

Ávila
Imprensa e Livraria Vida de Sigirano
1959

Censura da Ordem
Imprima-se
Madrid, 6 - XII - 1958

INTRODUÇÃO

Aqui, amado leitor, te apresento o Livro da **Instituição dos Primeiros Monges** e a **Carta de São Cirilo Constantinopolitano**, traduzidos para o castelhano.

Esta tradução tem o propósito de divulgação. Já tereis ouvido falar muito do **Livro da Instituição dos Primeiros Monges** e a experiência me ensinou que são muito poucos os que o leram, nem os próprios estudiosos, fora uns poucos especializados.

São demasiadamente poucas as edições deste livro e todas bastante antigas e estão em livros pouco usados ou que se encontram em poucas bibliotecas e esta é a causa pela qual tão poucos o têm lido.

Pareceu-me conveniente colocá-lo ao alcance de todos os Carmelitas em edição bem manual e traduzido para o castelhano porque ignoro se foi traduzido em alguma língua moderna; e hoje se preferem as línguas modernas às mortas.

É livro de divulgação, não de polêmica nem pretendo fazer aqui estudo histórico, nem da obra, nem de seu Autor, apenas uma simples apresentação e recordar sua influência na formação dos Carmelitas e em sua doutrina espiritual.

Os críticos sabem muitas coisas e além disto escrevem muitas mais das que sabem não sei se é para que creiamos o que eles ignoram, porém nos dizem.

Muito escreveram sobre este Livro e ainda mais sobre o Autor nos séculos passados. Embaralharam bastante a história e a obscureceram; não sei se chegaram a esclarecer algo. Hoje não temos forças nem para ler o que eles escreveram. Talvez nem eles mesmos leram o que escreveram. Escreviam para os outros. As provas de suas novidades talvez se perderam entre os apontamentos. Prescindo das novidades e direi o que parece seguro na doutrina e só aludirei à história como nô-la expunha a tradição. É opinião de todos os Carmelitas, inclusive dos modernos, que, desde que se escreveu o livro, serviu como de Regra para toda a Ordem, sobretudo na formação espiritual e na doutrina ascética. Era uma Regra não precisa e normativa, mas de exortação e expositiva e como tal se considerou até que Santo Alberto de Jerusalém escreveu a atual, fundamentada no mesmo livro, porém já normativa e concreta.

O Padre Crisógono diz ao estudar as fontes de São João da Cruz: *“Pode-se afirmar desde logo que São João da Cruz o leu e tornou a ler muitas vezes. É o Livro de João de Jerusalém o como é sabido o a autêntica expressão do primitivo espírito do Carmelo.*

“A Ordem o olhou sempre com a veneração devida a uma regra explicada, e pelos dias do século XVI devia andar nas mãos dos noviços carmelitas”.

Este mesmo ensinamento nos dá o Padre Gabriel Wessels dizendo: *‘A Regra de João 44 em seu ensinamento ascético teve uma influência enorme na Ordem. Antes do século XVII era o principal livro de que se serviam os Religiosos Carmelitas para fazer leitura espiritual, especialmente desde que foi impresso no ano de 1507. Todos o consideravam como a Regra antiga da Ordem. Seu influxo se fez sentir na doutrina de Santa Teresa e de São João da Cruz, como também em Miguel de Santo Agostinho, no Diretório de Noviços e em outros livros de ascética’.*

O Padre Tomás de Jesus nos diz também: *“Da Regra que dirigiu os Carmelitas desde o ano 400 da Encarnação, até 1171.”* Convém fazer notar que João, neste seu **Livro da Instituição** fez uma Regra formada, parte pela história dos Padres antigos que desde os tempos de Elias viveram no Carmelo e parte pelos ensinamentos e avisos da Sagrada Escritura combinados por sua própria habilidade...

Escreveu esta Regra em grego e os Carmelitas a tinham por regulamento e norma espiritual até Aymerico, Patriarca de Antióquia. Aymerico a fez traduzir do grego para o latim e continuou sendo a Regra até que, pelo ano 1171, Alberto, Patriarca de Jerusalém lhes deu a nova Regra.

Hoje são muito poucos os que têm lido o livro de João de Jerusalém, nem é fácil encontrá-lo; por isto me decidi traduzi-lo e colocá-lo em volume fácil de usar, para que todos possam facilmente conhecê-lo.

A doutrina é muito formosa e serviu de fundamento à nossa espiritualidade, como dizia o Padre Crisógono, em suas bases especiais. Em várias passagens me fez recordar, ao traduzi-lo, algumas de Nosso Pai São João da Cruz, bem poucas, certamente. É indiscutível para quem quer que tenha visto algo dos primeiros

Padres da Reforma, que o usaram muito e mais ainda, talvez, antes da Reforma. Para torná-lo mais acessível o Padre Tomás de Jesus o imprimiu em tomo de fácil manejo no livro que acabo de citar.

Literariamente falando, é de pouco mérito: tem muitas repetições para dizer a mesma coisa em algumas frases sobre o que narra ou explica.

Procurei conservar quase todas as repetições na tradução e, de modo geral a versão está feita muito ao pé da letra, exceto algum capítulo, ainda que tivesse lucrado muito com uma tradução mais livre.

Não são citados, em todo o livro, outros autores nem autoridades senão as da Sagrada Escritura. Estas citações sim, são muito abundantes; umas literalmente, outras apenas no sentido. Para a tradução da Bíblia uso a de Amat.

O livro foi escrito em grego, como nos dizia o Padre Tomás de Jesus e na Carta de São Cirilo refere-nos porque Aymerico mandou traduzi-la para o latim. Hoje não conhecemos o texto grego.

A importância para nossa história de Carmelitas, desde os mais remotos tempos em que foram instituídos, formavam seu espírito lendo a Sagrada Escritura, logo encontravam o resumo da doutrina espiritual necessária para sua santificação neste livro e era sua norma de vida em tudo, por isto continuamente o usavam.

Dele Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém extraiu a nova Regra, mais densa e precisa, a qual durou e dura até nossos dias, pois por ela se rege atualmente, nossa vida de carmelitas.

A tradição da Ordem nos ensinou que o autor deste livro era João, Bispo 44 de Jerusalém, cujo nome próprio era João Nepote Silvano.

Segundo esta tradição, João foi monge do Monte Carmelo e, muito jovem, aos trinta anos o nomearam Bispo de Jerusalém. Viveu nos fins do século IV, na mesma época de São Jerônimo, de Santo Epifânio e do historiador Rufino, com os quais se relacionava.

Caprásio, monge como ele no Carmelo lhe pediu que escrevesse em livro tudo que lhes havia ensinado oralmente sobre o princípio de sua fundação e o espírito e o método de vida que deviam observar e João o presenteou com este livro.

Isto sabíamos pela tradição e o Padre Tomás de Jesus o narra como uma história autêntica da qual ninguém duvida. Mais tarde a crítica fez muitas observações, tanto sobre o autor, como sobre o tempo em que foi escrito; fez observações, porém não soube que João de Jerusalém não o tivesse escrito e que não pudesse ter sido escrito nesse tempo; só levantou dificuldades, que há de fato, e formulou hipóteses menos certas que a verdade que negava.

O Padre Florêncio, na história do **Monte Carmelo**, reúne as dificuldades e dá as soluções e recompõe tudo que se escreveu até os últimos tempos. O leitor que quiser informar-se melhor ali o encontrará exposto com muito bom critério.

Eu apresento o livro tal como é. Cada leitor pensará como melhor lhe aparecer: o simples o receberá com simplicidade; o crítico, talvez, com certa prevenção; todos, porém, já o podem ler e conhecer; é o que pretendo. Outros farão uma tradução mais elegante e menos sujeita à letra, todos poderão aproveitar-se de sua doutrina.

É certo com toda a certeza histórica que já estava escrito pelos anos de 1.150.

Para a tradução segui o texto do Padre Pedro Wertel; é o mais correto. Na divisão de Capítulos e nas epígrafes (títulos) dos mesmos segui o Padre Tomás de Jesus. A mesma divisão de Capítulos, porém sem títulos, traz a Biblioteca Veterum Patrum.

O Padre Florêncio faz um belo e compendioso resumo do conteúdo do livro. Eu traduzo o que fez o Padre Tomás de Jesus em sua edição e o declaro antes de começar o texto do mesmo livro.

Em seguida, pareceu-me conveniente traduzir também a **Carta de São Cirilo Constantinopolitano**, porque embora o Padre Gabriel Wessels a tenha publicado na **Analecta Carmelitarum**, não é bastante lida e principalmente porque nos explica algo do mesmo Livro de João de Jerusalém e nos fala do hábito e dos sofrimentos sob o domínio dos sarracenos.

Sabe-se que São Cirilo foi o terceiro Geral latino dos Carmelitas no Monte Carmelo e sucessor imediato de São Brocardo. Sua morte se deu no ano de 1234. Para maiores dados veja-se também o **Monte Carmelo** do Padre Florêncio do Menino Jesus. Recebei-o, amadíssimos Carmelitas, com o afeto com que o fiz, pois só para vós o fiz.

ARGUMENTO DA REGRA E INSTITUIÇÃO DE JOÃO

João estuda neste livro o princípio e a origem da Ordem dos Carmelitas e começa por Elias que foi o fundador desta Religião expondo em que tempo viveu aquele grande Profeta, de quem nasceu, de onde era e os principais lugares onde viveu.

Logo explica que método de vida observou e dispôs que observassem seus sucessores.

Continua dizendo os lugares onde viveram no princípio os que abraçaram esta religião e como observavam ali sua vida segundo o que Elias lhes ensinava, da subida de Elias ao Paraíso e de Eliseu seu sucessor na profissão da vida monástica.

Chegando aos tempos da Igreja cristã primitiva, trata do tempo em que estes monges foram batizados e conheceram a verdade evangélica.

Por último dá a razão pela qual a Ordem do Carmo se honra de chamar-se **Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria** e porque veste a capa branca, o báculo, correia e escapulário.

Este livro contém os fundamentos monásticos e está cheio de outros sublimes ensinamentos fundamentais tirados da Sagrada Escritura, da vida de Elias e de seu exemplo.

O autor é abundante nos sentidos alegóricos e nas interpretações místicas que com Genádio podemos dizer dele: seguiu não a doutrina, mas o gênio de Orígenes.

(Prefácio do Padre Tomás de Jesus em sua edição).

Razão do Livro, nascimento do Profeta Elias e onde viveu primeiro.

Com razão muito justa me pedem antes de tudo, amadíssimo aprásio, te diga o princípio desta ordem, como nasceu e onde teve sua origem.

E embora só tenhamos recebido a verdade desta vida que vou referir-te pela tradição e a experiência e só possam expô-la com toda a claridade e verdade os que a viveram e tu mesmo não chegarás a compreendê-la bem senão com muito esforço e interesse, procurando estudá-la e vivê-la, ser-te-á, entretanto, mais fácil e de maior utilidade conhecer a doutrina da profissão que abraçaste e te animarás a vivê-la com maior esmero e exortarás com mais proveito aos demais para que a abracem quando conheceres a grandeza de seus autores e fundadores e souberes como foi a origem desta Ordem.

E para proceder com método, começaremos dizendo algumas notícias do primeiro fundador desta religião e do princípio de sua fundação.

Depois narraremos alguns fatos santos de sua vida, suas excelsas virtudes e descreveremos a veste ou hábito com que cobria seu corpo.

Trataremos muito brevemente da pessoa do Fundador, de seus primeiros discípulos e dos demais monges antigos que professaram esta religião; trataremos também de como entenderam e viveram todos os que nesta Ordem passaram sua vida antes de nós, e nô-lo ensinaram com suas palavras e seus exemplos tanto no Antigo como no Novo Testamento.

Com isto verás quão sólido é o fundamento que para viver este modo de vida temos nesta religião, ensinado por Santos tão preclaros e com quanta segurança para a alma podemos continuar vivendo este modo de viver; pois não dirigimos a Deus nossos passos e nossos corações guiados por novidades inventadas nem por fábulas vãs, mas pelos primeiros e aprovados exemplos de toda a vida monástica, e preparamos e aplainamos o caminho por onde o Senhor há de vir à nossa alma, para que, quando chegar e nos chamar saíamos logo a abrir-lhe a porta (Lc XII, 36) pois nos diz: Olha que estou à porta e chamo; o que ouvir minha voz e sair a abrir-me, entrarei e cearei com ele e ele comigo. (Apoc III, 20).

Sabes e recorda-o agora que desde o tempo em que o rei de Israel, Acab, até a encarnação de Jesus Cristo, transcorreram quase noventa e quatro décadas de anos (940).

Acab, como nos dizem os sagrados historiadores, começou a reinar nesta décadas anteriores à Encarnação de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Pois durante o reinado deste Acab, rei de Israel, e em seu domínio, viveu um grande Profeta chamado Elias, nascido em Tesbis, na região de Galaad, pertencendo à tribo de Aarão e filho de Sabaco. Por ser natural de Tesbis, Elias ficou conhecido com o nome de Tesbita.

Elias morou mais tarde na cidade de Galaad, assim chamada pelo monte em que está situada como se chamou também Galaad a região que está do outro lado do Jordão, porém contígua com o monte que coube por sorte à tribo de Manasses.

Elias, o primeiro monge, institui a vida monástica por inspiração de Deus. Do Retiro de Elias no Deserto. Do duplo fim da vida eremítica e da renúncia aos bens terrenos.

Este Elias, Profeta de Deus, foi o primeiro de todos os monges que existiram e nele teve princípio a santa e gloriosa instituição monacal.

Com a ânsia que sentia pela divina contemplação e o veemente desejo de progredir na virtude, retirou-se para longe das cidades e despojando-se de todos os interesses terrenos e mundanos, se propôs começar a viver a vida eremítica, religiosa e profética, consagrando-se a ela como ninguém até então havia feito, e com a inspiração e o impulso do Espírito Santo, começou a vivê-la e a instituiu.

Porque, aparecendo-lhe o Senhor, lhe ordenou que fugisse dos povoados dos homens e se escondesse no deserto, e vivesse dali em diante a vida monástica da maneira que lhe havia inspirado.

Isto se prova claramente com as palavras da Sagrada Escritura. Referindo-se a isto, lê-se no Livro dos Reis: “E falou o Senhor a Elias, dizendo-lhe: Sai daqui dirige-te para o Oriente e esconde-te na fonte do Carit, que está defronte o Jordão. Ali beberás da fonte e mandei aos corvos que te levem de comer.” (III Rs, 3,4).

O Espírito Santo pôs em Elias um veemente desejo de executar tão santo e tão conveniente mandato que lhe havia inspirado, e o escolheu e fortaleceu para que pusesse em prática tão desejadas promessas.

Os Religiosos monges eremitães que somos, devemos meditar sempre mais cada uma destas palavras, não só no sentido literal histórico, mas principalmente no sentido místico, e com tanto maior solicitude, quanto nelas se encerra mais perfeitamente a instituição, isto é: *o modo de vida para chegar à perfeição profética e, enfim, à vida religiosa eremítica.*

Esta vida de perfeição religiosa encerra dois fins: *um podemos consegui-lo com nosso esforço e o exercício das virtudes, ajudados pela graça divina.* Este fim consiste em oferecer a Deus o coração santo e limpo de toda mancha atual de pecado.

Consequimos este fim quando já formos perfeitos e estivermos no Carit, ou seja, quando nos tivermos escondido naquela caridade da qual disse o sábio: *“a caridade cobre todas as faltas”* (Prov 10,12).

Mostrando o Senhor a Elias que queria que chegasse a este fim de caridade, lhe disse: *te esconderás na torrente do Carit.*

O outro fim da santa vida eremítica é dom totalmente gratuito de Deus que Ele comunica à alma. Consiste em que, não só depois da morte, mas ainda nesta vida mortal, possa gozar no afeto do amor e no gozo da luz do entendimento, algo sobrenatural do poder da presença de Deus e o deleite da eterna glória. Isto quer significar beber da torrente da delícia divina.

Deus prometeu este fim a Elias ao dizer-lhe; ali beberás da torrente.

Para conseguir estes dois fins, o monge deve abراسar-se na vida profética e eremítica, como o disse o Profeta; neta terra deserta, sem caminho e sem água, ponho-me em tua presença como no santuário, para contemplar teu poder e tua glória. (Sl 62, 3).

Por isto escolheu viver em terra deserta, sem caminho e sem água, para deste modo apresentar-se como num santuário diante do Senhor, que é o coração limpo de pecado, afirma o primeiro fim da vida solitária escolhida, que é oferecer a Deus o coração santo e limpo de todo pecado atual.

E o que segue para contemplar teu poder e tua glória, expressa claramente o segundo fim da vida eremítica que consiste em experimentar de alguma forma nesta vida ver misticamente dentro da alma algo do poder da divina presença e saborear a doçura da eterna glória.

O Primeiro fim que é o coração limpo se alcança pelo esforço e a prática das virtudes, ajudados pela divina graça. Ao segundo, chega-se pelo amor perfeito e pela pureza do coração; isto é: *chega-se a saborear deleitosamente algo de uma alta notícia de Deus e da glória celestial, conforme o que disse o Senhor: “o que me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei nele”* (Jo XIV, 21).

Pois, conforme as palavras que até aqui copiamos, Deus falou a Elias para lhe ensinar como o primeiro e principal de todos os monges e nele persuadir-nos a todos quantos nos propusermos imitá-lo: *“que sejamos perfeitos, como nosso Pai celestial é perfeito* (Mt III, 48); *e, sobretudo, mantende a caridade que é o vínculo da perfeição”* 1º aos Cor, 3, 14).

Para que cheguemos a obter os dons da perfeição aconselhada e a saborear a visão da glória prometida a Elias pelo Senhor nas palavras citadas, esforçemo-nos com atenta diligência por entendê-las com exatidão e logo pô-las em prática.

Quando o Senhor fala a Santo Elias, diz a todo Religioso do Antigo ou do Novo Testamento: “Sai daqui, isto é, das coisas mundanas e passageiras e vai para o oriente, isto é: dirige tua luta contra a natural concupiscência de teu corpo, e esconde-te na torrente do Carit: não vivas nas cidades, entre o povo, mas diante ou melhor, defronte do Jordão, que é o viver separado do pecado pela caridade”.

Subindo por estes quatro degraus, chegarás ao cimo da perfeição profética e ali beberás da torrente. E para que não te falte a perseverança neste modo de viver, mandei aos corvos que te levem de comer.

Compreenderás isto com maior clareza quando eu o explicar-te ordenadamente, expondo-o frase-por-frase.

Do primeiro grau da profissão monástica, ou seja da renúncia aos bens, e do desprendimento da pátria e da família.

Agora te aconselho que estudes estes graus por ordem e discorras sobre cada um deles.

O primeiro que te disse em minha disposição foi: “*sai daqui, ou seja: sai da tua terra, deixa teus parentes, e a casa do teu pai*” (Gen 12, 1) *não só com a intenção, cuidando que teu coração não ponha seu afeto nos bens materiais de tua família, nem nas riquezas perecedoras do mundo, mas que saias de fato, desfazendo-te dos bens que possuis, porque* **“aquele dentre vós que não renuncia a tudo o que possui não pode ser meu discípulo.”** (Lc 14, 33).

Pois se a posse das riquezas não fecha a porta do reino celeste ao rico enquanto não põe o coração nas riquezas, como nô-lo diz o Sábio: **“Bem-aventurado o rico que foi encontrado sem mancha e que não anda atrás do ouro, nem põe sua esperança no dinheiro e nos tesouros** (Eclo 31, 8), mas com o que o mesmo Sábio continua dizendo: **“Quem é este e o elogiaremos?”** nos ensinou clarissimamente quão difícil é encontrar um homem que, possuindo riquezas não coloque nelas o afeto de seu coração uma vez que o coração do homem se apega facilmente ao que, ordinariamente lhe dá prazer.

Enquanto se possuem as riquezas, elas mesmas aumentam no coração a chama e engendram uma nova ânsia de possuí-las, mais veemente como também o disse o Sábio: *“o rico está tão repleto de manjares que não pode dormir”* (Ecl 5, 11).

Absorvido pelo inútil amor às riquezas que possui, vendo-se forçado a administrar a valiosa fazenda, sente-se continuamente preocupado sob o peso de incessantes cuidados os quais o impedem de desejar e cumprir os preceitos do Senhor. Os apegos do século e a ilusão das riquezas e os demais apetites desordenados a que dão entrada, abafam a palavra divina e a torna sem fruto (Mc 4, 19); por isto dificilmente entrará o rico no reino nos céus (Mt 19, 23).

Assim pois, filho meu, se queres ser perfeito e viver bem a finalidade da vida monástica eremítica, e ali **“beber da torrente, sai daqui”**, ou seja: separa-te das

coisas precedoras deste mundo, deixando de coração e por obras, todos os teus bens terrenos e até a possibilidade de tê-los, por meu amor. Porque este é o caminho mais fácil e mais seguro para progredir na perfeição profética e também para chegar ao reino dos céus.

“Todo aquele que deixar casa e irmãos, o pai, a esposa ou filhos, ou casas por causa do meu nome, receberá cem vezes mais em bens mais sólidos, (Mt 19, 29), gozando já nesta vida a suavidade da minha doçura, com vezes superior às doçuras terrenas e logo possuirá a vida eterna”.

Muito brevemente ouviste aqui o primeiro grau pelo qual poderás subir ao cume da perfeição profética.

Segundo grau da perfeição monástica. Da renúncia à própria vontade e às inclinações da carne.

Escuta, agora, a explicação do segundo grau.

Prossegue minha exortação dizendo-te: **e dirige-te para (contra) o oriente**, que é o mesmo que dizer-te: **luta por desfazer a desordenada inclinação de tua natural concupiscência carnal**. Porque deves ter presente que *“no dia do teu nascimento não se arrancou de ti a raiz do pecado”* (Ezequias, 15, 4) e nasceste todo envolto em pecado”(Jo 9, 34) como disse o Profeta de todo aquele que nasce do homem e da mulher: *“Olha que fui concebida na iniquidade e que minha mãe me concebeu em pecado”* (Sl 50, 7).

Deste pecado original em que nasce todo homem, procede que *“a carne tem desejos contrários aos do espírito”* (Gal 5, 17). O Apóstolo diz: *sinto outra lei em meus membros, a qual resiste à lei do meu espírito e me submete à lei do pecado que está em meus membros*. (Rom 7, 23).

Esta lei do pecado é a porta larga pela qual entra quem consente no pecado e é o caminho espaçoso por onde vai o homem quando vive segundo a sua concupiscência, que conduz à perdição, sendo muitos os que entram por ela. (Mt 7, 13).

Àquele, porém, que se esforça no serviço de Deus convém *“abster-se dos desejos da carne que combatem contra a alma”* (1Pd 2, 11) e permanecer na justiça e temor de Deus, preparando sua alma, não para o descanso e o prazer, mas para a tentação e a angústia, pois *“é necessário passar por muitas tribulações para entrar no reino de Deus”* (At 14, 21), porque apertada é a porta e estreito o caminho que conduz à vida eterna e são poucos os que entram por ela. (Mt 7, 14) uma vez que são poucos os escolhidos e pequeno o rebanho ao qual aprouve ao Pai celestial dar o reino dos céus.

Pois, meu filho, se queres ser perfeito e conseguir o objetivo da vida monástica, e eremítica, e aí beber da torrente, *“vai para o oriente”*, isto é, luta contra a concupiscência ou contra os apetites desordenados da carne e *“não reine o pecado em vosso corpo mortal de modo a obedecerdes às suas concupiscências”* (Rom 6, 12).

Porque conheço e sei reservar os males para os tormentos no dia do juízo, principalmente para aqueles que, para satisfazer seus desejos impuros seguem a concupiscência da carne e negam as potestades (II Pd 11, 9). *“Não te deixes arrastar por tuas paixões”* e *“aparta-te de teu próprio querer”* (Eclo 18, 30), prescindindo totalmente dele e entrega-te à reta vontade do Superior, submetendo-te humildemente por meu amor até a morte.

“Não é o discípulo superior ao Mestre” (Mt 10, 24), mas o discípulo que é como o Mestre é perfeito. *“Eu, Senhor e Mestre dos Profetas, descí do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade do Pai que me enviou* (Jo 6, 38) e *“me fiz obediente até a morte e morte de cruz”*(Fi 12, 8). *“Por isto, se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me”* (Mt 16,24), e *“o que não carrega sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14, 27).

Se queres, portanto, ir até o oriente ou seja: contra a natural concupiscência de tua carne, para vir atrás de mim, escuta como tem que levar tua cruz. Quem está pregado na cruz, já não pode mover seus membros, nem se virar segundo deseja, mas há de estar necessariamente fixo e imóvel onde foi pregado e como o pregou o crucificador; deste mesmo modo hás de permanecer pregado e te hás de negar a ti mesmo sem que escolhas tua vontade ou ao que no presente te agrada ou deleita, mas debes abraçar com toda a tua vontade o que a minha dispõe para ti e *“todo o tempo que viveres na terra viverás, viverás, não conforme as tuas paixões humanas, mas conforme a vontade de Deus”* (I Pd 4, 2).

E como o que está pregado na cruz não se detém a contemplar o que está diante de seus olhos, nem traz à memória o passado, nem se preocupa com o que viverá no futuro; não o move a sensualidade da carne, nem o envaideceu nem o excita a soberba nem o desprezo, nem a vingança, nem a inveja, mas que, embora respirando no corpo, se considera morto para o mundo e fixa sua atenção somente onde sabe, com certeza, que logo chegará; assim, pregado com o santo temor de Deus, debes estar morto para tudo quanto acabo de dizer-te, e debes ter fixa tua atenção aonde, a cada instante, esperas que vais entrar.

Sai, pois, como te é indicado, *“para o oriente”*, ou seja: apagar a natural concupiscência do teu corpo. Por isto *“os que são de Cristo crucificam sua própria carne com os vícios e paixões”* (Gal 5, 24) levando sempre presente em seu corpo por todas as partes a mortificação de Jesus, a fim de que a vida de Jesus se manifeste também em seus corpos (II Cor 4, 10) e quando chegaram a transformar-se na vida de Cristo, chegarão por ela à posse da glória sobrenatural como disse o Apóstolo: *“já estais mortos e vossa vida está escondida com Cristo em Deus: Quando aparecer o Cristo que é vossa vida, então aparecereis também com Ele Gloriosos”* (Col 3, 3-4).

Eis aqui como brevemente coloquei ante a tua consideração o segundo degrau por onde hás de subir ao cume da perfeição profética.

Terceiro grau da perfeição monástica, ou seja: da castidade e da solidão em que deve viver o monge.

Agora procura compreender bem o terceiro grau.

Em minha exortação continuo dizendo: “*e esconde-te na torrente do Carit*”. Não quero que daqui em diante convivas com as pessoas da cidade: “*pois vejo que a cidade está cheia de iniquidade e discórdia. Dia e noite a iniquidade paira sobre seus muros*”. Em meio dela habita a opressão e a injustiça; não se separam de suas graças a usura e a fraude (Sl 54, 10-12).

E porque é necessário evitar tudo isto, o Profeta que te foi dado por modelo escolheu viver no deserto e não na cidade.

Disse: “*Olha como me separei, fugindo e permanecendo na solidão*” (Sl 54, 8). E o Sábio disse: “**Guarda-te de procurar a multidão na cidade, e não te metas no torvelinho do povo. Não acrescentes pecados a pecados; porque nem sequer de um só há de ficar sem castigo**” (Eclo 7, 7-8). Como, segundo o Sábio, vivendo a sós não te verás livre do pecado, deves tremer e chorar na solidão, e isto é cumprir com a obrigação do monge.

Monos em grego significa **singular** ou **sozinho**; **Ajaos** em grego significa **triste**; daí procede a palavra **Monge** que é igual a sozinho e triste, e que há de chorar na solidão seus pecados e os alheios; pede-se que escolhas isto e não tua relação com as pessoas da cidade.

Pois se, conforme nos diz o Sábio, vivendo em solidão, não poderás ver-te livre do pecado, quanto mais, continua dizendo, somarás pecados a pecados se viveres em meio das pessoas e aumentarás o dobro de pecados? E por isto te convém tremer e chorar mais largamente.

Afasta-te, pois, das concorrências das pessoas, para que não te aconteça que, vivendo na cidade te sintas forçado a fazer voluntariamente o que não devias por tua natureza; como se te irasses pela ira de outros, ou tivesses que suportar as lutas de outros; ou seja ocasião de queda para o olhar da mulher desenvolta; ou te atraia a abraços ilícitos a beleza encantadora de um corpo; ou te prendam os laços da avareza ou de outros vícios; de tudo isto se vê livre o que vive na solidão. “*Quem deixou em liberdade o asno selvagem e quem soltou suas ataduras, senão o que lhe deu casa no deserto e abrigo em uma terra estéril? Por isto despreza o povo das cidades; não ouças os gritos do asno severo*” (Jó 39, 5).

O asno selvagem é um animal que gosta da solidão e é figura do solitário que, separado das pessoas das cidades, conversa amorosamente com Deus; e Deus rompe os laços dos pecados do solitário e lhe perdoa, tirando-o da escravidão do mal, quando “*houver escolhido por morada a solidão e por abrigo a terra estéril*”, na qual cresce a sede, para que sintas a sede da justiça da pátria celestial. Pois “*bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça; porque serão saciados*” (Mt 5, 6).

Portanto, meu filho, se queres ser perfeito e atingir o fim da vida monástica e eremítica, e ali beber da Torrente, esconde-te na Torrente do Carit, guardando o silêncio no recôndito da solidão.

Conhecendo tua fragilidade do vaso que levas, deves ter medo de tropeçar na cidade e o quebrar; e então, talvez, caias e te rompa. “*Senta-te, portanto, só e calado, porque é bom guardar em silêncio a salvação que vem de Deus*” (Jer 3, 26).

Da mesma forma esconde-te na Torrente do Carit que significa **separação**, porque é de suma conveniência para alcançar tua profética perfeição que estejas recolhido e separado do trato com os homens, que não te unas à mulher como refúgio. “*É coisa louvável no homem não tocar em mulher* (I Cor 7, 1); enfim, digo isto para teu

proveito... e somente para exortar-te ao mais louvável e ao que te prepara para servir a Deus sem nenhum embaraço. (I Cor 7, 35).

É conveniente para ti que te separe dos que te impedem de te entregares totalmente a Deus na vida perfeita.

O cuidado deste mundo e o engano das riquezas abafam a palavra de Deus e impedem a alma de amar a Deus com todas as suas forças. Conforme o Sábio, “os que amam a Deus guardam sua palavra” (Eclo 2), mas o que vive com mulher, está embaraçado com as coisas do mundo e não se decide a entregar-se por completo à perfeita união com Deus. “*Anda embaraçado.. em como agradar à mulher; o que não tem mulher anda unicamente solícito pelas coisas do Senhor; e no que há de fazer para agradar a Deus*” (I Cor 7, 26-40). E assim, se estás sem mulher, não procures, casar-te; muito mais feliz serás se permaneceres segundo o meu conselho (I Cor 7, 26-40), para que sejas “*daquelas viagens que se fizeram impotentes pelo reino dos céus*” (Mt 19, 12)

“*De minha parte lhes darei um lugar especial em minha casa e dentro de meus muros, e um nome mais apreciável do que o que lhe dariam os filhos e filhas: dar-lhes-ei um nome sempiterno que jamais se acabará*” (Is 56, 35).

Vês como te expliquei o terceiro grau por onde podes chegar ao cume da perfeição profética.

Quarto grau da perfeição monástica - A caridade perfeita e a fuga dos vícios.

Escuta agora a explicação do quarto grau.

Em minha advertência de exortação contínuo dizendo: “*A Torrente do Carit está defronte o Jordão*”. A palavra Jordão significa “**baixada**” por isto não está fora de sentido dizer que significa “**pecado**”. Pode haver algo que faça o homem descer da imagem e semelhança de Deus que tinha até a miséria e a torpeza tanto como o pecado que é a transgressão dos mandamentos divinos? Isto nos afirma o Sábio quando diz: “*O pecado faz os povos infelizes*”. (Prov 4, 34). Daí que Moisés disse ao seu povo quando desobedeceu aos mandamentos de Deus: “*descerás e serás inferior*”.

Toda criatura, ainda que esteja limpa ou formosa segundo seu gênero e espécie, quando é comparada a outra superior, parece feia e manchada e como que descendo de sua natural formosura; e quando se mistura um objeto precioso com um outro inferior, desmerece e perde a formosura, ainda quando o objeto de natureza inferior não se desvalorize nem se torne feio. Assim o ouro perde valor e formosura quando se mistura com a prata.

Mas eu, como diz a Sagrada Escritura, dotei o homem de tão maravilhosa natureza que o constitui rei de todas as criaturas.

Quando o homem se apega ao gozo das criaturas, perde sua dignidade e inferioriza seu coração, sem que as criaturas percam a beleza segundo a sua espécie. Esta é a razão que moveu a língua do Profeta a dizer dos que põem seu afeto nas coisas criadas: “*foi dissipada a fartura do Jordão*” (Zac 11, 3), ou seja: do pecado;

porque os homens tanto como desprezando os mandamentos de Deus pelo pecado se erguem contra Deus, outro tanto decaem pelo estrago da corrupção e da abominação, como disse o Profeta: *“corromperam-se e se tornaram abomináveis por seguirem seus pecados”* (Sl 13, 1; 52, 2).

Carit significa separação e por ela, com razão, entendemos a caridade, uma vez que a divina caridade separa o homem do Jordão, ou seja, da queda no pecado.

Aqui se diz que Carit ou a divina caridade esta defronte ou contra o Jordão, que é contra a queda do pecado, pois segundo nos ensina o Apóstolo: *“se um homem fosse dotado de bens todos os demais, se falasse todas as línguas e tivesse o dom da profecia, e dominasse toda a ciência; é ainda que distribuísse todos os bens para sustento dos pobres e entregasse seu corpo às chamas, porém se lhe falta a caridade, de nada lhe serve tudo isto”* (I Cor 13, 2-3), nem sai da morte do pecado para a vida da graça, pois o que não ama permanece na morte (I Jo 3, 14).

O homem se separa desta morte e muda para a vida pela caridade divina como o disse o mesmo Apóstolo S. João: *“Conhecemos haver sido salvos da morte para a vida, se amamos aos irmãos”* (I Jo 3, 14).

Em verdade, Carit, ou seja a caridade, está em frente ou contra o Jordão, ou é oposto à queda do pecado, pois como diz o Sábio: *“a caridade cobre todos os pecados”* (Prov 10, 12).

Meu filho, se queres ser perfeito e chegar ao cume da vida monástica eremítica, e assegurar-te contra o Jordão; que é permanecer oposto à queda no pecado, esconde-te bem no Carit que é o amor de Deus e ali beberás da Torrente: *“amarás ao Senhor Deus de todo o teu coração; e com toda a tua alma, e com toda a tua mente”* (Mt 22, 37). Quando cumprires isto, serás perfeito e estarás escondido no Carit, em frente o Jordão, que é o amor de Deus. Se recusares fazer isto, serás um pobre e desgraçado, e não viverás escondido no Carit, mas no Jordão, ou seja, no barranco do pecado.

E se amas alguma coisa mais que a mim, já não me amas com todo o teu coração, nem estás escondido no Carit e no amor perfeito de Deus e por isto não és digno de ver-me, *“pois quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim, não merece ser meu, e quem ama o filho ou a filha mais do que a mim, tão pouco merece ser meu”* (Mt 10, 37).

E ainda que ames alguma coisa tanto como a mim, não me amas com todo o teu coração, nem moras no Carit ou em meu amor; pois se me amasses com todo o teu coração, por muito que te amasses a ti mesmo e a tudo mais, anteporias a todas as coisas o meu amor, e desprezarias e até odiarias tudo que incitasse teu coração a apartar-se do meu amor, porque *“se quem me segue não aborrece (não ama menos que a mim) seu pai, sua mãe, sua mulher, seus irmãos e irmãs, e a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”* (Lc 14, 26).

Mas se me ofereces teu coração com tão grande amor, e te entregas a ti mesmo a mim com tanta verdade que por meu amor evitas e até odeias o que eu quero que se evite e te proíbo, por difícil que te pareça; e se observas e cumpre por meu amor tudo o que eu quero e te mando, por mais duro e difícil que te pareça, começarás então a amar-me com todo o teu coração e com toda a tua alma, e com toda a mente, e a viver no Carit que é a caridade divina; *“pois, em verdade, me ama quem recebe meus mandamentos e os observa”* (Jo 14, 25).

E o primeiro e principal de todos os mandamentos é este: *“Escuta, ó Israel, o Senhor teu Deus é o único Deus e Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas potências. Este é o primeiro e principal mandamento”* (Dt 6, 4-5).

E como não se pode observar este mandamento se não se ama ao próximo, porque *“o que não ama ao seu irmão a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê”* (I Jo 4, 20), daqui vem o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro: *“amarás a teu próximo como a ti mesmo”*; ou seja: *“ama-o da mesma forma e pelo mesmo motivo pelo qual deves amar a ti mesmo e deves amar-te no bem verdadeiro, não no mal. Se te amares no mal, já não te amarias a ti mesmo, antes te terias ódio; “porque o que ama a maldade odeia sua própria alma”* (Sl 10, 6).

Deves, pois, amar a teu próximo como a ti mesmo no bem, não no mal, para que *“o que desejas que te façam os homens, faça tu com eles”* (Mt 17, 12), e o que não queres para ti, nunca o forces ao outro já que *“o amor que se tem ao próximo não suporta que se lhe faça nenhum dano”* (Rom 13, 10).

Deves amar e comportar-te com teu próximo, fazendo o que contribui para o seu bem, ainda que seja mau; e o que o ajude a perseverar no bem, se já é bom.

E a ti, deves amar-te, não por ti mesmo, mas por Deus; o que se ama por si mesmo, se ama por que em si põe a finalidade da alegria e a vida bem-aventurada e a própria esperança de consegui-la é já nesta vida um grande consolo. Nem em ti nem em nenhum outro homem deves pôr tua esperança de vida feliz: *“porque maldito seja o homem que confia em outro homem e não em Deus e se apoia em braço de carne miserável e aparta do Senhor seu coração”* (Jer 17, 5).

Hás de por em Deus o fim de tua alegria e a segurança de tua vida bem-aventurada como nô-lo disse o Apóstolo: *“Agora, tendo ficado livres do pecado e se tornado servos de Deus, colhereis por fruto a vossa santificação e por fim a vida eterna em Jesus Cristo, nosso Senhor”* (Rom 6, 22).

Se bem compreenderdes isto, vereis como deveis amar a Deus por si mesmo; e a ti, não por ti mesmo, mas por Deus.

E estando obrigado a amar o próximo como a ti mesmo, deves certamente amá-lo não por ele mesmo, nem por ti, mas por Deus. E que outra coisa é isto senão amar a Deus no próximo? O Apóstolo São João nos diz: *“Nisto conheceremos que amamos aos filhos de Deus, se amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos”* (I Jo 5, 2).

Tudo isto vives em tua intenção se amas a Deus por Deus e se por amor de Deus, amas ao próximo como a ti mesmo, já que nestes dois mandamentos se encerra a lei e os profetas (Mt 22, 40) e amor é o complemento da lei (Rom 13, 10).

O Apóstolo São Pedro nos exorta a que cumpramos a lei, dizendo: sobretudo mantendo constante a mútua caridade entre vós; porque a caridade sobre a multidão dos pecados (I Pd 4, 8).

Porém Carit, ou seja tua caridade tanto menos apaga os pecados e está menos oposta ao Jordão, que é separada da queda no pecado, quanto é menor teu amor a Deus e ao próximo, pois o amor menos intenso merece menor perdão dos pecados como está escrito: *“amas menos aquele a quem menos se perdoa”* (Lc 7, 47); tanto mais **Carit** ou teu amor perdoa os pecados e está oposta à queda no pecado, tanto mais amas a Deus e ao próximo; porque o amor mais intenso merece maior perdão dos pecados, como também está escrito: *“porque muito amaste, muitos pecados ser-te-ão perdoados”* (Lc 7, 47).

Eis aqui como te expliquei o quarto grau com o qual poderás chegar à mansão da perfeição profética.

NOTA: A edição de Paris coloca “mansão” e assim a traduzo; Tomás de Jesus e Wartells usa “bem”. O sentido é o mesmo pois a morada da perfeição é o **BEM**.

O Caminho para alcançar a perfeita caridade, pelos Religiosos, é a pobreza, a castidade e a obediência e fugir de tudo que resfria o amor.

Agora só falta que te fixes no que hás de fazer para chegar por estes quatro graus ao cume da perfeição profética e vivas profundamente o fim da vida monástica e eremítica.

Em minha proposta continuo dizendo: “e ali bebendo da torrente”. Veja que te é muito conveniente, segundo o Sábio, “negar ao teu corpo o uso do vinho e demais deleites para dedicar teu ânimo à Sabedoria e evitar o erro” (Ecl 2, 3). Luxuriosa coisa é o vinho, e a embriaguez está cheia de desordens. Não será sábio quem a ela se entrega (Prov 20, 1).

Para que possas chegar mais facilmente à verdadeira Sabedoria, vivendo em Cristo, te absterás do vinho e, para apagar tua sede, e repor o vigor de teu corpo, “beberás ali da torrente” material, ou seja, da água que ali corre. Tem presente o que te disse antes: “e ali beberás da torrente”, ensinando-te antecipadamente; te esconderás na torrente do Carit. E advertidamente o antecipei porque, para que possas beber espiritualmente da torrente precisas, antes, viver no Carit, ou seja, estar escondido na caridade.

Porém não podes estar escondido nesta divina caridade desde o primeiro momento em que comesças a vivê-la, pois fica claro que não é qualquer amor divino que apaga todas as culpas, mas só o amor perfeito. Ainda quando desde o primeiro momento em que comesças a amar-me com todo o teu coração já estás vivendo no Carit, ou na caridade, porque não ficas de todo separado da atual concupiscência do pecado, já que não desaparecem logo as inclinações ou concupiscências sensuais, nem as torpes imaginações quando se recebeu o amor, mas, às vezes, se alvoroçam e investem mais contra ti, intentando arrastar teu coração ao proibido, e arrancar-te de novo todo o meu amor. Esta é a causa pela qual não podes amar-me ainda perfeitamente com todo o teu coração.

Pois ainda quando teu coração vive habitualmente e continuamente em meu amor, não podes, entretanto, ser perfeitamente atraído para mim por um atual amor sereno. E para que não voltes a perder este meu amor, então te é necessário esforçar-te para vencer as rebeldes imaginações de torpeza e as sensuais inclinações opostas ao meu amor. E, ainda que as venças por serem proibidas ou más, não estarás, por isto, já escondido no Carit ou na caridade divina, pois ainda não terás podido chegar a amar-me com todo o coração. Pois há muitas outras coisas lícitas que eu nem te mandei ou proibir: tais são: o matrimônio, as riquezas, os negócios terrenos e outras semelhantes já mencionadas.

Quando te envolves e comprometes com tudo isto, é certo que não arrancam todo o meu amor do teu coração, porém com freqüência te impedem recolher-te em mim e de mim te lembrares, e apagam o calor do meu amor do teu coração, e quanto menos for o fervor que tenhas, tanto mais será a dificuldade de amar-me com todo o teu coração; e quanto menor for teu amor por mim, tanto menos te hás escondido no Carit ou em perfeito amor; e quanto menos estiveres escondido em meu amor, tanto menos te esmeras em chegar à perfeição profética e viver a finalidade da vida monástica eremítica.

Pois, meu filho, para que possas chegar logo a esconder-te no Carit, ou na caridade perfeita, e chegar ao fim que abraçaste, e ali beber da torrente, foge, não só de tudo que te proibir e te separa completamente de meu amor como são as inclinações carnis e as imaginações torpes contrárias ao meu casto amor, mas foge também de tudo que entorpeça em ti o crescimento do meu amor, como são as que, por isto mesmo, te enumerei: o matrimônio, as riquezas e todos os demais negócios seculares, que inquietam e prendem: *“já que nenhum que tenha se alistado na milícia de Deus deve embarçar-se com negócios do século, a fim de agradar àquele que o alistou”* (II Tito 2, 4).

Procura, com todo o teu esforço, viver tudo que te ajude a crescer em meu amor como são os mandamentos de minha lei e tudo o que antes te aconselhei, para que te escondas em meu amor, que é abraçar-te com a pobreza, matar a concupiscência de tua carne, professar, obediência e renunciar à tua vontade própria, viver em continência e na solidão do deserto.

Se te exercitares tanto em viver meus mandamentos e conselhos que não só hajas afugentado as torpes imaginações e as más inclinações de tua carne, mas tudo quanto te impedir ou retardar teu crescimento em meu amor, e escolheres praticar as obras que o fazem crescer, e com isto chegues a amar-me com tanta veemência e te unas a mim em tudo com tão ardente caridade, que já não sintas em tua alma nenhum desejo contrário ao meu amor nem o que te atrase em seu exercício, então comesas a amar-me perfeitamente com todo o teu coração, e a estar escondido no Carit ou na caridade perfeita e a conseguir o fim que havias abraçado, uma vez que o fim dos mandamentos é a caridade que nasce de um coração puro de uma boa consciência e da fé sincera (Tim 1, 5).

Tudo que em minha lei mandei ou aconselhei é para que afugentes de ti as torpes imaginações e as concupiscências da carne e do mundo, a fim de que teu coração se mantenha totalmente limpo; já para que prestes teus serviços em favor do próximo e evites ter encontros com ele e deste modo vivas na paz, sem remorsos de tua consciência, já para que ofereças os obséquios devidos à minha honra e assim estejas consagrado ao meu serviço com Fé não fictícia, mas de toda verdade.

Lembro-te todas estas verdades e as aconselho, para que brote de teu coração limpo, de tua boa consciência e de tua fé sincera um amor tão ardente e veemente que encha a tua alma de paz e serenidade e te una totalmente a mim sem resistência nem cansaço, nem sintas mais o que é contrário ao meu amor ou sobrecarregue teu espírito, mas que descanses em meu amor.

Viver a quietude deste meu amor não é outra coisa senão ter o coração completamente limpo de toda atual mancha de pecado e estar escondido no Carit que é aquele amor perfeito do qual disse o Sábio “que o amor apaga todos os pecados”.

Quando tiveres chegado a viver com perfeição este fim da vida profética, monástica e eremítica, e estiveres deste modo escondido no Carit, ou sejas submergido na caridade perfeita, então “beberás ali da torrente”; porque nesta íntima união que chegaste a ter comigo te darei de beber, a ti e a teus irmãos, da água da

vida daquela torrente a que se referia o Profeta quando, falando comigo dizia: “Os farás beber na torrente de tuas delícias” (Sl 35, 9). Pois também está escrito: “se te converteres ao Todo Poderoso, serás restabelecido e expulsarás a culpa de tua morada. Em vez de terra te darei torrentes e mananciais que levarão ouro em lugar de pedras. O Todo Poderoso te protegerá contra teus inimigos, e a prata entrará em tua casa com abundância. Então, nos braços do Todo Poderoso, abundarás em delícias e cheio de confiança elevarás para Deus o teu rosto”. (Jó 32, 23-26).

Reflete como serás levado passo-a-passo ao último grau do amor se te entregares a Deus de todo o coração como te foi explicado.

Primeiramente hás de expulsar a culpa de tua mansão, ou seja, de tua alma, porque se não fizeres isto não poderás unir-te com o Todo Poderoso como está escrito: “Se dissermos que temos união com ele e andamos entre as trevas do pecado, mentimos (I Jo 1, 6) porque nossos pecados põem um muro de separação entre nós e Deus; e nossos pecados afastam seu rosto de nós” (Is 59, 2).

O segundo diz: em vez de terra, entendendo por terra os afetos terrenos, e as riquezas ou bens, que já deixaste, o Senhor te dará uma fonte de ardente e intensa caridade.

O pedernal é uma pedra dura e própria para o fogão, da qual se faz saltar a chispa do fogo e é como figura daquela caridade perfeita da qual disse o Sábio: “o amor é forte como a morte; os ciúmes implacáveis como o inferno; suas brasas, brasas ardentes e um vulcão de chamas (Cant 8, 6). O doador deste, fogo santo é Deus, como disse o Apóstolo: “a caridade de Deus foi derramada em nossos corações por meio do Espírito Santo, que nos foi dado” (Rom 5, 5).

O terceiro, pelo pedernal duro, a ardente é perfeita caridade em que já vives, “te dará o Senhor torrentes de ouro”, ou seja aquelas suaves e inefáveis delícias das quais se disse: “o olho não viu, nem o ouvido ouviu, nem passou pelo pensamento do homem as coisas que Deus preparou para aqueles que o amam” (I Cor 2, 9). E diz que essas delícias são torrentes, porque descem sobre a alma do profeta com grande ímpeto e em grande abundância de gozo à maneira das torrentes, como também está escrito: “como torrente que transborda são as palavras do homem sábio” (Prov 18, 4).

Quando domina o calor do sol, a torrente logo seca e também estas delícias espirituais secam e desaparecem do espírito do Profeta quando se aviva a sensualidade.

Em verdade, estas torrentes são de ouro, pois brilham pela chama do amor divino que inflama a alma do profeta e pelo conhecimento claro de Deus que misteriosa ou misticamente põem no espírito do profeta como o disse o Senhor: “o que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei; e eu mesmo me manifestarei nele” (Jo 14, 21).

O quarto, quando te for comunicada esta alta e clara notícia de Deus, o TODO PODEROSO te protegerá contra teus inimigos visíveis e invisíveis, defendendo-te contra eles, pois assim o disse o Senhor: “eu o protegerei por haver conhecido e adorado meu nome” (Sl 90, 14).

O quinto promete que a prata entrará em tua casa em abundância, sobre isto disse o Salmista: “palavras puras e sinceras são as palavras do Senhor; são prata derretida no fogo, purificada no crisol” (Sl 11, 7) o qual não é outro senão o amor.

Porque por amor de Deus e para unir-te com o próprio Deus com coração limpo, sai do mundo e do trato com os homens e torna-te digno de que o Senhor te faça gozar com abundância de sua divina comunicação, e até que te revele, por vezes, verdades ocultas e futuras. Então serás cumulado de inestimáveis delícias sobre Deus

e será fortalecida a vista de tua inteligência para que possas contemplar a Deus, segundo teu desejo sem que ninguém te possa perturbar.

Vês como te expliquei o modo de chegar à perfeição profética e como conseguirão viver o fim da vida monástica.

Remédios para perseverar humilde na perfeição da vida eremítica.

Convém também que reflitas sobre o que hás de fazer para perseverar vivendo com perfeição a vida eremítica.

Segue minha promessa dizendo: *“mandei aos corvos que te levem de comer”*. Julguei ser muito necessário anunciar-te isto para teu consolo. Pois, ainda que estejas nadando em delícias inefáveis, enquanto bebes da torrente do meu gozo, tua alegria, entretanto, não pode ser completa por duas causas.

A primeira porque do íntimo de tua alma sentirás um veementíssimo desejo de ver claramente o meu rosto e ainda não podes vê-lo porque *“nenhum homem me verá sem morrer”* (Ex 33, 20), *“pois eu habito em uma luz inacessível, a qual nenhum homem viu, nem pode ver nesta vida”* (I Tim 6, 15).

A segunda causa é porque enquanto estás te esforçando para saborear aquelas delícias inefáveis da torrente do meu insuperável gozo, de repente te verás privado delas pela fraqueza de teu pobre corpo e te encontrarás de novo contigo mesmo, *“pois o corpo corruptível prende a alma, e este vaso de barro deprime a mente que está ocupada com muitas coisas”* (Sab 9, 15).

Por estas duas razões: não poder ver claramente o meu rosto e não poder permanecer muito tempo naquela gloriosa contemplação de doçura pela fraqueza de teu corpo corruptível, se quiseres perseverar na perfeição, debes suplicar a Deus com gemidos, dizendo-lhe: *“meu Deus, meu Deus! A Ti aspiro e me dirijo desde a aurora. De Ti está sedenta a minha alma! E da mesma maneira o está também o meu corpo! Nesta terra deserta, sem caminho e sem água me ponho em tua presença como em teu santuário para contemplar teu poder e tua glória”* (Sl 62, 2-3).

Para que então não morras desconsolado com os incontidos soluços e tristezas do coração pela ânsia de ver-me e a fome de saborear a suavidade da doçura de minha glória, *“mandei aos corvos que te levem de comer”* para dar-te consolo.

Por corvos se entendem aqui, alegoricamente, os Santos Profetas que te precederam e mandei para que fossem teus modelos. Eles nunca sentiram presunção da equidade de sua vida santa, mas conhecendo-se bem pela graça da humildade e vendo sua fraqueza, confessavam ao próprio deficiências dizendo: *“se dissermos que não temos pecado, nos enganamos a nós mesmos e a verdade não está em nós”* (I Jó 1, 8). De cada um destes Padres se escreveu: *“Quem prepara para o corvo seu alimento quando seus filhotes levantam para Deus seus gritos, indo de um lado ao outro do ninho por não ter nada que comer?”* (Jó 38, 3).

O corvo tem o instinto de olhar para os seus filhotes quando nascem e os vê branquinhos e que se movem de um lado ao outro do ninho, abrindo seus bicos e

pedindo alimento. Porém só os alimenta ao vê-los com plumagem negra, reconhecendo pela cor que se parecem com ele; quando vê que a plumagem se torna negra, então põe todo o seu esforço em alimentá-los. De semelhante modo nascem também os pintinhos ou discípulos do Profeta que eu envie e logo, com seu exemplo, chegam a conseguir tanta graça que bebem da torrente de minha delícia, como bebeu o Profeta Elias.

Quando por fraqueza da própria natureza não chegam a saborear de minha suave doçura, devem dirigir-me suas súplicas movendo-se com o desejo de um lado para outro, porque ainda não lhe é possível tomar do desejado alimento da doçura espiritual, e como está escrito: *“se não vos tornardes semelhantes às crianças na simplicidade e inocência, não entrareis no reino dos céus”* (Mt 18, 3); devem reconhecer humildemente que ainda são filhotes ou crianças na virtude e não deixar de crescer no bem para não cair no mal, pois está escrito: *“todos nós tropeçamos em muitas coisas”* (Tiago 13, 2).

Porque muitas vezes deixam de meditar em seus pecados e na própria miséria e por isto não podem vestir-se da cor negra da humildade que precisam ter para preservar-se do brilho vão da soberba do mundo. Quanto mais pretendem brilhar no exterior, afanando-se nas atenções da presente vida, tanto menos aptos estarão para poder receber e apreciar em sua alma aqueles manjares espirituais.

O corvo olha os biquinhos abertos de seus filhotes que, famintos lhe pedem de comer, porém enquanto não os vê cobertos de preto não lhes dá alimento, e o Profeta, meu enviado antes de levar e manjar de minha doçura a seus discípulos para que o saboreiem, lhes ensina e exorta a que, como ele, abandonem o brilho vão da vida presente e espera para ver se pelos sofrimentos da penitência e pela meditação em seus pecados se vistam de negro e se reconheçam humildes em sua fraqueza. Se com a humilde confissão de sua vida passada se vestirem como de negras plumas de prantos e gemidos brotados do íntimo da alma, meu Profeta acudirá solícito a todos que lhe pedem com o manjar que eu mesmo tenho lhes preparado, já que os convida a saborear a doçura que mana da torrente de minhas delícias e tanto mais gostosa e proveitosamente os alimenta que mais os vê perfeitamente separados do brilho do mundo e cobertos de negro pela compunção da humilde penitência.

Para que os discípulos se dêem perfeita conta de que os alimentos oferecidos pelo Profeta os recebem diretamente de mim, se lhes propõe muito prudentemente em forma de pergunta: *“Quem prepara ao corvo seu alimento quando seus filhotes levantam seus pupilos para Deus, indo de um lado a outro do ninho por não ter nada para comer?”* (Jó 38, 41). Procura convencer-te: só Deus dá comida e nenhum outro, como está escrito: *“chamai pelo que dá alimento aos filhotes do corvo”* (Sl 146, 9).

Meu filho, quando chegares à perfeição profética e viveres com perfeição o fim da vida monástica eremítica, e te for dado beber da torrente de minha delícia, não te envaideças porque gostas de tanta doçura; sentirás que, de repente, desaparece por algum tempo a causa da fraqueza e miséria do teu corpo.

Então, cuida bem para que não desças da altura desta perfeição e tornes a abraçar algumas das coisas que já havias deixado e renunciado; porque *“quem põe a mão no arado e olha para trás, não é apto para o reino dos céus”* (Lc 9, 62) e por isto, *“esquecendo o que ficou para trás, e olhando só o que está para a frente”* (Fil 3, 2), *“esforçando-te a ti mesmo prossegue até obter o prêmio a que Deus te chama lá do alto!”*

Não se promete o prêmio a quem começar a viver isto, mas a quem perseverar até o fim, este se salvará (Mt 10, 22).

Prova isto, indo e vindo com a consideração, como os filhotes do corvo no ninho, debes dizer-me em súplica ininterrupta: *“Como o cervo sedento anseia pelas fontes de águas, assim, ó meu Deus, chama por Ti a minha alma”* (Sl 61, 2).

E se não voltares a experimentar logo aquela suavidade da minha doçura, já antes experimentada, será para que te dêes conta, primeiramente, de que se chegaste a provar de tão inefável doçura, não foi por teus próprios méritos, mas por minha benignidade, e em segundo lugar para que a desejes com maior veemência e aumentando o desejo te prepares melhor para poder consegui-la.

E para que neste tempo não desfaleças de todo na perfeição, *“mandei aos corvos que te levem o alimento”* e assim dispus que os santos Profetas, teus antecessores, te alimentassem com a doutrina dos exemplos da humilde penitência; com a penitência, viam eles, humilhados o negror de seus pecados e não caíam no fascinante brilho da vida carnal.

Para que durante este tempo saibas o que debes fazer, alimenta-te com muita solicitude com sua doutrina como está escrito: *“o Sábio buscará a sabedoria de todos os antigos e estudará nos Profetas”* (Eclo 39, 1).

Se à sua imitação te esforças por apagar de ti o vão brilho da vida presente e procuras vestir-te de luto, como os filhotes do corvo, com a meditação da própria fraqueza e a prática da verdadeira humildade e elevas ao Senhor tuas fervorosas e humildes preces e a correspondente confissão de teus pecados e os abundantes gemidos de dor, como se fossem as plumas negras do corvo; e também se, à semelhança de seus filhotes, te separas do tumulto das cidades, estabelecendo tua vivenda na solidão, te escondes longe da glória da vida mundana e das posses e demais bens e riquezas do mundo, o Senhor te dará de novo de beber e saborearás a doçura do manjar que nasce da torrente de sua delícia.

Por isto se tem escrito: *“olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em seus celeiros, e Deus as alimenta”* (Mt 6, 26).

Já te ensinei como debes viver para perseverar humilde na perfeição da vida profética eremítica.

Santo Elias alcançou a perfeição da vida eremítica pela renúncia dos bens, pela pureza da castidade e pela negação da vontade própria.

Assim que Elias ouviu do Senhor a referida disposição de procurar alcançar a perfeição profética, o fim da vida monástica e eremítica e o modo de permanecer na perfeição, meditou *“que não são os que ouvem, mas os que praticam serão justificados”* (Rom 2, 13), por isto se dedicou com todo o esforço de sua alma em trabalhar para conseguir esta perfeição profética e viver com toda a delicadeza o fim da vida monástica e eremítica e pôs em obra a ordem recebida do Senhor como lemos nas citadas palavras do Livro os Reis: *“Foi-se, então Elias, e executou as ordens do Senhor; e retirou-se para a torrente do Carit, que corre defronte o Jordão onde os*

corvos lhe levaram pão e carne pela manhã e à tarde e bebia da torrente” (III Rs 17, 5).

Exporemos agora as palavras copiadas em sentido histórico e no místico, pois os dois se cumpriram em Elias.

“Foi-se, pois, Elias”. Aonde foi? *“Contra o Oriente”* para o Jordão, que quer dizer: contra a natural concupiscência de seu corpo. Como na natural inclinação de seu corpo não se sentia bem, preferiu *“não ser devedor à carne para viver segundo a carne”*; pois como disse o Apóstolo: *“se viverdes segundo a carne morrereis; mas se fazeis morrer as obras ou paixões da carne, vivereis”* (Rom 8, 12-13).

Elias, para viver perfeitamente no espírito para Deus, crucificou sua carne com os vícios e paixões (Gal 5, 24), mortificando os membros dos pecados, que se cometem no mundo como são a fornicação, a sensualidade, a torpeza e a concupiscência de uma maneira mais perfeita que seus antecessores. Para igualar aos anjos, imitando-os em seu modo de viver pela pureza da castidade e a incontaminação de sua carne, embelezou sua alma, oferecendo por amor de Deus o primeiro de todos os homens, a virgindade perpétua.

Negando-se a si mesmo em tudo e renunciando ao seu próprio querer, cumpriu diligentemente a vontade de seu Superior que era o próprio Deus, conforme se disse dele: *“foi para onde o levava a vontade de Deus”* e continua dizendo: *“agiu segundo a palavra de Deus”*, pois havendo saído de sua terra natal, de sua família, da casa de seu pai, estabeleceu sua morada na solidão e por isto que havia renunciado, Deus o favoreceu com coisas mais nobres como preservá-lo da morte e elevá-lo até a perfeição da vida monástica.

O povo de Israel, pervertido pouco antes por seu rei Acab, adora a Baal como a Deus doador da chuva, da fertilidade e dos demais bens temporais. Não se dava conta de que tudo isto era dom do verdadeiro Deus de Israel e não Baal, como se condoía o Senhor, dizendo por um Profeta: *“e não sabia que fui eu quem lhe dei o trigo e o vinho, e o azeite; e lhe dei a abundância da prata e do ouro que ofereceram a Baal”* (Os 2, 8).

Querendo Elias mostrar, tanto ao Rei como ao povo de Israel que o Deus verdadeiro era o que ele adorava, e Baal a quem o Rei adorava instigado pela rainha e obrigava o povo a adorar era um falso Deus, em nome do Senhor lhes anunciou que enquanto adorassem a Baal não choveria, *“e nestes anos assinalados não cairia nem chuva, nem orvalho sobre a terra, até que Elias o pedisse ao Deus de Israel”*.

Pela falta d'água sobreveio uma terrível fome no reino de Samaria, e por isto o Rei procurava Elias para matá-lo. Mas antes que o Rei o encontrasse, obedecendo Elias à Palavra de Deus, evitou que pudesse encontrá-lo, saindo de sua pátria, deixando seus parentes e seus pais e fugindo para a solidão; deixou também, não só pelo afeto, mas em realidade, os bens da terra para não dificultar com o cuidado dos bens paternos, nem com a abundância, nem com as posses terrenas, alcançar a perfeição da vida monástica para a qual, então, o chamava o Senhor.

O texto continua dizendo: *“caminhando, retirou-se para junto da torrente do Carit, contra o Jordão”*; desde este tempo Elias abraçou, em silêncio e com firme vontade, viver na aridez do deserto e foi o primeiro homem que, deliberadamente, escolheu viver a vida monacal eremítica, e começou a vivê-la bem conforme o significado do nome, na solidão da torrente do Carit, pois Carit quer dizer divisão, para que o próprio nome do lugar onde estabeleceu sua morada indicasse a separação do trato com os homens e da vida mundana.

Assentou-se solitário na torrente do Carit, derramando uma torrente de lágrimas dia e noite (Trevos 2, 18); deste modo estava contra o Jordão que significa

estar contra a queda no pecado; enquanto com seu modo de viver se tornava claro com quanta perfeição começava, então, deliberadamente, o primeiro entre todos os homens, a vida e o estado de monge.

Daí por diante foi sempre verdadeiro monge, pois permaneceu só ou singular, e compungido, chorando abundantemente seus pecados e os alheios.

A interpretação mística é: *“e havendo caminhado Elias contra o Jordão, ou seja, vencendo a natural concupiscência de sua carne, se retirou para a torrente do Carit que está contra o Jordão; porque permaneceu então vivendo sempre no Carit que é o amor de Deus, pois a caridade divina separa do Jordão que é a queda no pecado”*. Ele viveu no amor e assim dizia: *“Vive o Senhor Deus dos exércitos em cuja presença estou”* (III Rs 17, 1).

E com razão merecia estar diante da excelsa grandeza da Majestade divina, pois assentou o seu espírito no mais alto cume da perfeição de tal modo viveu que ninguém nascido de mulher jamais foi superior a ele na plenitude da perfeição. E embora o Salvador tenha dito que *“entre os nascidos de mulher não havia ninguém maior que João Batista (Mt 11, 11)*, Elias foi igual ao Batista como afirmou o Arcanjo São Gabriel quando disse a Zacarias: *“que João viria adiante do Senhor revestido do espírito e da virtude de Elias”* (Lc 1, 17).

Como o coração do Profeta de fogo se abrasava dentro de si mesmo com ardente amor vivendo na solidão, e como crescia o fogo do amor divino na oração, saboreava com freqüência o prêmio da inefável glória de Deus e descansava na torrente da divina delícia que Deus dá para beber aos que o amam, conforme disse o Profeta: *“Lhes dareis para beber a torrente de tuas delícias”* (Sl 35, 9).

Elias procurava com diligência descansar sem interrupção no gozo da contemplação de favores tão inefáveis e de tão altas delícias, porém não podia gozar muito tempo tão íntimos deleites, impedindo-o a fraqueza do corpo.

De volta aos seus sentidos, gozava algumas vezes no interior, com silenciosa lembrança de tanta suavidade, e outras vezes dava fortes suspiros pelas ânsias de voltar a saborear doçura tão deleitosa.

E continua o texto: *“os corvos lhe levavam pão e carne pela manhã e à tarde”*. Com estes alimentos confortava Elias no deserto seu desfalecido corpo para não morrer. Não se deve duvidar que era o próprio Deus quem lhe levava o pão e a carne por meio dos corvos, pois o havia anunciado antes que fosse para a torrente do Carit: *“mandei aos corvos que te levem ali de comer”* (III Rs 17, 4).

Confiado nesta palavra do Senhor todo o tempo que permaneceu no Carit, Elias deixou o cuidado de sua alimentação na mãos de Deus, pois Ele tinha cuidado com Elias. Tudo que precisava para esta vida lhe era proporcionado por Deus, porque o Profeta *“buscava primeiro o reino de Deus e sua justiça”* (Mt 6, 33).

Refletindo misticamente, seus predecessores os Profetas que simbolizam os corvos, conforme explicamos, lhe proporcionavam o pão da instrução, da compunção e da penitência e a carne da verdadeira humildade. Eles o traziam pela manhã, ou seja, quando se alegrava com a lembrança da suavidade experimentada, e igualmente à tarde quando o invadia a tristeza por haver deixado de experimentar suavidade tão confortadora.

E para que não morresse de tristeza recordando a suavíssima doçura perdida, os corvos **lhe levavam pão** do qual se disse: *“os alimentarás com o pão das lágrimas”* (Sl 79, 6). Pois os santos Profetas, com os exemplos que lhe haviam deixado nas divinas letras, lhe traziam à memória o negror de seus pecados e meditando sobre eles se fartava com a dor das lágrimas e, humilhado, se via indigno de experimentar

aquela inefável delícia, da qual havia antes gozado, não por seus méritos, mas por pura bondade de Deus.

E igualmente para que não presumisse com vã glória lembrando a alegria da suavidade recebida: *“os corvos lhe levavam carne”*, por que os Santos Profetas com seus exemplos lhe punham ante os olhos a fragilidade e a torpe inclinação de seu corpo, desfazendo com isto as suaves alegrias passadas.

A meditação de sua fragilidade era o alimento que lhe ensinava a permanecer humilde, vendo que *“toda carne é feno e toda a sua glória é como a flor do campo”* (Is 40, 6).

Meditando algumas vezes sobre a fragilidade de sua carne e outras sobre seus pecados, *“as lágrimas foram seu pão de dia e de noite”*, enquanto os corvos que são os Profetas, lhe diziam diariamente: *“onde está teu Deus?”* (Sl 41, 4-11).

Com estas palavras que os Profetas lhe repetiam recordando-lhe que pelo negror de seus pecados e pela fragilidade de sua própria carne lhe eram retiradas aquelas comunicações gozosas feitas pelo próprio Deus, se desfazia seu alma em si mesma clamando a Deus com abundantes suspiros de dor numa fervorosa oração e com a humilde confissão de seus pecados.

E o texto continua: *“bebia na torrente”*, ou seja, da água da torrente, abstendo-se do vinho, a fim de que seu espírito estivesse melhor preparado para receber aquela água de sabedoria saudável da qual se disse: *“e lhe darei a beber a água da ciência da salvação”* (Eclo 15, 3), *“e esta fonte da sabedoria é uma caudalosa torrente”* (Prov 18, 4). Embriagava-se com sua abundância, bebendo da torrente de delícias.

Arrebatado de novo o espírito, Elias era transportado *“ao local do admirável tabernáculo até a casa de Deus”*(Sl 41, 5).

Deste modo vivia Elias no deserto a vida profética e monástica.

Vivendo Elias na torrente do Carit, tomou os primeiros discípulos, filhos dos Profetas, para formá-los na vida monástica. Seu nome de Profetas.

Elias foi o primeiro de todos os homens que deliberadamente começou a viver a vida monástica e eremítica e estabeleceu sucessores que continuassem vivendo-a perpetuamente.

E para ser o Pai de todos os monges escolheu por discípulos alguns santos varões que com ele se refugiavam na torrente do Carit, para não se verem forçados pelo rei Acab e pela rainha Jezabel a prestar adoração a Baal como o resto do povo.

Estes santos varões, cheios do temor de Deus, vendo que Elias, com sua palavra, havia fechado o céu para que não caísse chuva sobre a terra, procuravam ocultamente a solidão do Carit, vendo Elias como o guardião do Deus verdadeiro e se

punham sob sua direção para se livrarem da idolatria e, com seus ensinamentos, perseverar dando culto ao Deus verdadeiro.

A estes varões que temiam a Deus, teve Elias por primeiros discípulos e verdadeiros imitadores de sua vida monástica, tal como o Senhor Ihes havia ensinado. Também Ihes ensinou a profetizar, ou seja, a cantar louvores a Deus com hinos e salmos, acompanhando-se com instrumentos musicais, Compreendeu que *“é bom louvar o Senhor e cantar salmos ao seu nome altíssimo, celebrando pela manhã sua misericórdia e á noite sua verdade, acompanhando o cântico com o saltério de dez cordas e com o som das cítaras”* (Sl 91, 2-4).

O Eclesiástico, recomendando esta obra de Elias e em seu louvor disse: *“formaste profetas que te sucedessem”* (Eclo 48, 8).

Alguns escritores, tomando as palavras do Eclesiástico muito superficialmente se esforçaram por interpretá-las com o mesmo sentido do que Deus disse a Elias: *“ungirás Eliseu... como profeta, teu sucessor”* (III Rs 19, 16), e como conseqüência disto disse o mesmo Eclesiástico a Santo Elias: *“forma profetas que te sucedam, como se com isto Ihes houvesse concedido fazer profetas aos seus sucessores que anunciassem o futuro, pois Deus Ihes disse: “Ungirás a Eliseu como profeta, teu sucessor”*.

Porém não está nada claro que seja este o sentido das palavras do Eclesiástico. O Apóstolo São Pedro disse: *“as profecias não trazem sua origem da vontade dos homens, mas porque os varões santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo”* (II Pd 1, 21). Como era possível que Elias fizesse profetas que predissessem o futuro quando só o Espírito Santo pode fazê-lo? Isto mesmo confirma também o Apóstolo São Paulo quando disse: *“a uns o Espírito Santo dá o dom de fazer milagres; a outros, o dom da profecia; a uns o discernimento dos espíritos... mas todas estas coisas as faz o mesmo Espírito indivisível, repartindo-as a cada um como querer”* (I Cor XII, 10-11).

Não se deve pensar que Elias fizesse tais profetas, pois só o Espírito Santo os formou. Deixando pois, este sentido por estar, certamente, fora da intenção do Eclesiástico, procuremos esclarecer o que quis dizer o Sábio:

Sabemos com certeza que as divinas Escrituras chamam profetas não só os que vêem de antemão e predizem o futuro, mas também os homens dedicados a cantar devotamente os louvores de Deus, acompanhando-os com instrumentos musicais. A mesma coisa se diz no livro dos Paralipómenos com estas palavras: *“os cantores, filhos de Asaf, estavam em seu coro, conforme o disposto por Davi, por Asaf, Herman e Iditun, profetas do Rei.”* (II Par 35, 15).

Neste lugar se denominam Asaf, Herman e Iditun profetas de Davi, porque este rei os instituiu cantores para louvar a Deus com instrumentos musicais como está escrito em outro lugar do mesmo livro: *“Assim David e os chefes ou príncipes da multidão, escolheram os filhos de Asaf, de Herman e de Iditun para cantar os louvores de Deus, ao som das cítaras, dos saltérios e címbalos, servindo em número conveniente no ofício que Ihes fora destinado”* (I Par 25, 1), e um pouco mais adiante diz: *“Iditun cantava ao som da cítara à frente dos que celebravam ou louvavam ao Senhor* (I Par 25, 3).

Neste lugar se diz dos filhos de Asaf, Herman e Iditun que profetizavam não porque viam ou anunciavam o futuro, mas porque louvavam a Deus e o cantavam ao som de instrumentos musicais como se diz no mesmo livro, um pouco mais adiante: *“todos os referidos estavam sob a direção de seus pais, isto é: de Asaf, de Herman e de Iditun para cantar no templo do Senhor com címbalos, saltérios e cítaras no serviço da casa do Senhor, junto ao Rei”* (I Parul 25, 6).

Segundo isto, quando o Senhor escreveu sobre Elias: *“forma profetas que te sucedam”*, não o disse porque lhes comunicara o espírito de ver ou anunciar o futuro, mas porque fundou os monges não só para que, quando desaparecesse, continuassem vivendo a vida monástica do mesmo modo que Deus lhe havia manifestado, mas para que cumprissem o ofício de profetizar, ou seja, de cantar devotamente a Deus salmos e hinos e não só louvassem a Deus com o coração e com a boca, mas acompanhando-se de instrumentos musicais.

Por esta razão se chamam *“profetas”* que equivale a cantores de Deus acompanhando-se com instrumentos e ao modo de vida que tinham se chamou **profético** que significa vida consagrada a cantar louvores e salmos a Deus acompanhados de instrumentos musicais.

E porque obedeceram com ânimo generoso e pronto ao Santo Profeta, tanto no cantar os salmos com devoção é com esta solenidade, como em observar a vida monástica do modo que Deus comunicou a Elias, mereceram que o Eclesiástico lhes dissesse quando fala de seu pai Elias: *“Ditosos os que te viram e foram honrados com tua amizade”* (Eclo 48, 11).

Estes são os profetas do Senhor dos quais Abdias, como se diz no Livro dos Reis, preservou da morte, escondendo-os em cavernas quando a rainha Jezabel mandou matar a todos os demais.

A divina Escritura lhes dá ali o nome de **profetas**, não porque previram ou vaticinaram o que havia de suceder, mas porque devotamente cantavam a Deus salmos, cânticos e hinos, acompanhando-se de instrumentos musicais como já dissemos e ainda o verá melhor com o seguinte:

Lemos no Livro dos Reis que Abdias disse a Elias que havia escondido em cavernas e preservado da morte a cem destes profetas do Senhor. Logo Elias se apresenta ao povo de Israel no monte Carmelo e lhe diz: *“Fiquei apenas eu dos profetas do Senhor”* (III Rs 18, 22). Sabendo Elias que viviam cem profetas do Senhor escondidos por Abdias, perguntou: *“Como este homem de Deus pode dizer sem mentir só restei eu dos profetas do Senhor?”*.

Longe de nós suspeitar que homem tão santo dissesse mentira, uma vez que a Divina Escritura nos diz que *“sua palavra era como ardente chama”* (Eclo 48, 1); nem viviam outros profetas do Senhor além dele. Como podia ignorar que viviam se nem o número dos profetas de Baal ignorava e declarou que eram 450 e outros 400 os profetas dos bosques sagrados? Não lhe assegurou Abdias, pouco antes que havia escondido nas cavernas e preservado da morte a 100 profetas do Senhor? E sabendo que viviam estes 100 profetas do Senhor, como era possível que dissesse a verdade ante o povo, anunciando-lhe: *“Só eu fiquei dos profetas do Senhor”*, mas porque sabia que naquela região não havia no reino de Israel outro profeta além dele que conhecesse, por inspiração do Espírito Santo o futuro e o anunciasse aos demais mesmo sabendo que viviam estes profetas do Senhor preservados da morte por haver Abdias os escondido nas cavernas?

Mas como a Sagrada Escritura chama estes homens de profetas do Senhor porque cantavam devotamente os louvores de Deus acompanhando-se de instrumentos musicais e não porque conhecessem ou anunciassem o futuro, como Elias fazia então no reino de Israel inspirado pelo Espírito Santo atendo-se a esta verdade e muito longe de toda mentira, disse Elias ao povo: *“Só eu fiquei dos profetas do Senhor”*.

Exceto ele não ficara em Israel nenhum outro profeta que, ensinado pelo Espírito Santo, conhecesse e anunciasse o que havia de suceder pois o povo de Israel matou todos, como o expressou o próprio Elias depois quando, queixando-se ao

Senhor, fugia para refugiar-se ao Senhor na cova do Horeb por medo de Jezabel que o perseguia para matá-lo: *“os filhos de Israel abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e passaram ao fio da espada teus profetas; somente eu fiquei”* (III Rs 19, 14).

Em que tempo começou Elias no Monte Carmelo os primeiros fundamentos da profissão monástica e porque se chamaram **Filhos dos Profetas**.

Mandando Deus a Elias que deixasse a gruta Horeb, na qual viveu durante algum tempo, e que voltasse à terra de Israel, retirou-se com seus discípulos para o Monte Carmelo e logo começou a formá-los na vida monástica como o Senhor lhe havia ensinado, exortando-os a vivê-la; também os instruiu com esmero na ciência profética ordenando-lhes que cantassem devotamente os louvores de Deus acompanhando-se do saltério, da cítara e de címbalos de júbilo.

Não lhes havida sido possível realizar antes este ofício com perfeição, vendo-se continuamente perseguidos pelo rei Acab e mais ainda pela rainha Jezabel, sua mulher.

Passadas as perseguições pela misericórdia de Deus, o Senhor, desde então, escolheu por profetas alguns homens excelentes dentre estes monges que se distinguiam sobre os demais na arte de cantar com devoção e alegria os salmos louvando ao Senhor e acompanhando-se com instrumentos musicais, para que profetizassem e cantassem como o fazia Elias.

Com o som jubiloso do canto dos salmos ofereciam a Deus, tão amorosamente seus corações e, não raras vezes, o Senhor infundia em suas almas o espírito de profecia. Por isto quando desejavam que o Senhor lhes manifestasse o futuro, o invocavam com este devoto e harmonioso canto dos salmos.

Temos como exemplo o que nos narra o Livro dos Reis. Numa ocasião, perguntando o Rei Josafá a Eliseu, muito preparado nesta ciência, que lhe anunciasse o futuro, e não tendo Eliseu inspiração sobre o que havia de acontecer, pediu que lhe trouxessem um altério, e enquanto cantava muito recolhido, ofereceu seu coração a Deus, pedindo luz, e o Senhor lhe concedeu o espírito de profecia e lhe deu o conhecimento que pedia.

Desde então, como pela divina Sabedoria crescesse o número destes monges fundados por Elias, o próprio Elias escolheu alguns eminentes profetas que prediziam o futuro para que fizessem este ofício, para que em sua companhia e depois quando faltasse instruissem com esmero os monges na vida monástica segundo o próprio Senhor lhe havia ensinado e lhes ensinassem o conhecimento ou ante profética e a cantar os salmos acompanhando-se do saltério, e os formasse com tanta solicitude e esmero como se fossem seus próprios filhos.

Esta é a razão pela qual estes monges, conhecidos antes com o nome de **profetas**, se chamassem depois **filhos dos profetas**, uma vez que eram discípulos dos referidos profetas desta religião e viviam a vida de observância profética e monástica sob a sua direção e governo, como se os Profetas fossem seus verdadeiros pais.

Quando o Livro dos Reis menciona estes monges, os chama, quase sempre, **FILHOS DOS PROFETAS**.

Dos discípulos de Elias. Do primeiro que foi Jonas Profeta

Já em vida do Profeta Elias, de tal maneira chegou a estender-se o instituto dos Filhos dos Profetas, que tanto nos desertos como nos subúrbios das cidades, se constituíram centros ou grupos de monges, sendo necessário que, além de Elias, alguns de seus discípulos mais destacados, estivessem à frente, dirigindo-os e governando-os.

Os monges chamavam a estes que os precediam e dirigiam de Pais e eles eram chamados Filhos dos Profetas.

Parece-me oportuno dizer aqui algo, ainda que brevemente, sobre estes Profetas, discípulos de Elias, não de todos, mas apenas dos quatro principais.

O primeiro de todos que Elias escolheu foi São Jonas. Jonas era natural de Get em Ofir (Galiléia), filho daquela mulher viúva à qual Elias se apresentou em Sarepta dos Sidônios quando recolhia um pouco de lenha e em cuja casa se refugiou durante o tempo em que o rei Acab mandou procurá-lo por todo o reino para matá-lo.

Elias havia ressuscitado este Jonas em sua infância, quando o Profeta se hospedava e comia na casa de sua mãe. A mãe, por gratidão pelo milagre e ao Profeta, lhe entregou o filho para que o instrísse na ciência profética da vida monástica e, feito discípulo de Elias, o servia.

Quando Elias se pôs a orar no monte Carmelo para pedir ao Senhor que enviasse a chuva logo, mandou o jovem Jonas olhar para ver se aparecia algo no mar e, tendo olhado, lhe disse: *“não se vê nada”*. Replicou-lhe Elias: *“volta até sete vezes e em uma das vezes Jonas viu que subia do mar uma pequena nuvenzinha como a pegada de um homem”*, (III Rs 18, 43). Quando comunicou isto a Elias, ele compreendeu que ia cair uma grande chuva sobre a terra e mandou que Jonas fosse dizer isto ao Rei que tanto o detestava.

Depois que Elias foi levado ao céu, também Eliseu enviou Jonas para que em Ramot de Galaad ungisse a Jehu rei de Israel e que vingasse a morte dos profetas discípulos de Elias.

Finalmente, por ordem do Senhor, foi a Nínive pregar que, passados quarenta dias, seria destruída; viu, por revelação do Espírito Santo, que, movidos por sua pregação, os ninivitas fariam penitência e alcançariam o perdão de Deus.

E para que não duvidassem do que lhes anunciasse, fugia de Nínive, até que, lançado ao mar, e devorado por um peixe descomunal foi vomitado na praia depois de três dias.

Sabendo também por revelação do Espírito Santo, que os ninivitas, convertidos por sua pregação, arruinaram a sua nação hebraica, tinha preocupação de que se convertessem, porque, com isto, temia a destruição de seu povo de Israel.

Porém, revelando-lhe Deus que ainda não era chegado o tempo da ruína final de Israel, mandou-lhe que voltasse aos israelitas e vaticinasse que Jeroboão, rei de Israel, restabeleceria os limites de sua nação desde a entrada de Emat até o mar Morto.

Do nascimento do Profeta Eliseu, principal discípulo de Elias.

Santo Eliseu foi outro Profeta e o discípulo mais eminente de Elias. Foi filho de Safat e oriundo de Abelmeula na região de Celmaã.

Lemos no Livro dos Reis que quando Elias regressava da gruta do monte Horeb à sua terra de Israel, encontrou Elias no campo, arando. Elias pôs sobre ele o seu manto e deste modo, o escolheu por seu discípulo. Depois da imposição das mãos, Elias matou os dois bois com que arava e fez com eles um banquete para o povo. Logo depois, despedindo-se de seu pai e de sua mãe e deixando os bens terrenos, seguiu a Elias e, servindo-o, vivia em sua companhia imitando-o na vida monástica e profética.

Quando Santo Eliseu nasceu, aconteceu um grande prodígio: um ídolo dos bezerros de ouro que Israel adorava na propriedade de Eliseu deu um forte mugido. Ouvindo-o em Jerusalém, um sacerdote do Senhor disse por inspiração divina: *“acaba de nascer um profeta em Israel, que destruirá os ídolos e as estátuas dos deuses falsos”*.

Sendo Eliseu discípulo de Elias, recebeu de Deus o espírito de profecia. Iluminado por este espírito, comunicava ao rei de Israel todas as emboscadas que o rei da Síria seu inimigo, preparava contra ele. Em certa ocasião alcançou do Senhor que ficassem cegos todos os soldados do exército da Síria e os conduziu ante o rei de Israel na cidade de Samaria.

Estando esta cidade de Samaria sitiada pelo exército da Síria e muito apertada pela fome, Eliseu predisse que se veria livre da fome e do cerco.

Com os contínuos milagres e portentos que operava, convenceu o povo de Israel para que voltasse a prestar culto ao Deus verdadeiro e com suas exortações e maravilhas destruiu o culto dos falsos deuses. Vemos quando mandou a um de seus monges Filhos dos Profetas a Jonas que fosse para Ramor de Galaad e ungissem a Jehu, rei de Israel.

Jehu, proclamado rei, aconselhado por Eliseu, mandou matar todos os profetas de Baal e tirando o ídolo do templo, o queimou; derrubou o templo e acabou com o culto a Baal em Israel.

Morto Eliseu, enterraram seu cadáver junto ao sepulcro do Profeta Abdias, em Samaria. Uns homens deixaram um cadáver em seu sepulcro e logo que este tocou os ossos de Eliseu, recobrou a vida.

De Miquéias profeta, discípulo de Elias.

O profeta Miquéias, filho de Jemsa, foi também discípulo de Elias.

O Profeta Miquéias, não é aquele Miquéias Moratite que, no tempo de Joatan, Acab e Ezequias, reis de Judá, e se enumera entre os doze profetas menores; este discípulo de Elias profetizou muito antes, no tempo de Acab, Ocozias e Joran, reis de Israel; quando Elias, por ordem de Deus, voltou da gruta do monte Horeb para Israel, Miquéias juntou-se a ele como discípulo.

Elias instruiu Miquéias no conhecimento profético da vida monástica e, pertencendo aos Filhos dos Profetas, o Senhor lhe concedeu o espírito de profecia com o passar do tempo.

Inspirado por Deus, predisse ao rei Acab as duas vitórias que obteve na guerra contra Benadab, rei da Síria. Na segunda vitória Acab se apoderou da pessoa de Benadab, o qual era digno de morte; mas Acab lhe concedeu a liberdade e por isto Miquéias, inspirado por Deus, disse a Acab: *“Isto diz o Senhor: porque deixaste escapar de tuas mãos um homem tão digno de morte, tua vida pagará pela dele”* (III Rs 20, 42); e assim aconteceu.

Saindo Acab com Josafá, rei de Judá, a guerrear em Ramot de Galaad contra Benadab rei da Síria, um soldado de Benadab armou seu arco e, disparando para o ar, casualmente, feriu o rei de Israel entre o pulmão e o estômago (III Rs 20, 34). Acab morreu em conseqüência disto nesta mesma tarde, conforme lhe havia vaticinado o Profeta Miquéias, dizendo-lhe: *“ouve a palavra do Senhor: vi o Senhor sentado sobre seu trono e toda a milícia celeste que estava em seu redor, à direita e à esquerda. E disse o Senhor: quem enganará a Acab, rei de Israel, para que vá e pereça em Ramot de Galaad? Sobre isto um disse uma coisa e outro disse outra. Mas saiu do abismo o espírito maligno e apresentou-se ante o Senhor dizendo: Eu o enganarei se tu mo permitires. Perguntou-lhe o Senhor: de que maneira? E ele respondeu: Sairei e serei um espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. E disse o Senhor: o enganarás e alcançarás teu intento”* (III Rs 22, 19-22).

Quando, mais tarde, Joran, filho de Acab, estava no trono, Miquéias o repreendia porque dava culto aos ídolos e o Rei Joran o matou atirando-o num precipício.

Deste modo, havendo sido coroado com a palma do martírio, foi enterrado sozinho, junto ao sepulcro de Senaquim.

Abdias Profeta, discípulo de Elias

Outro Profeta discípulo de Elias foi Santo Abdias, nascido no campo de Becataran da região de Siquém. O Livro dos Reis nos diz que desde a sua infância foi muito temente a Deus.

Abdias esteve inicialmente como administrador do Rei Acab. Já dissemos que quando a rainha Jezabel matava os Profetas de Deus, tomou cem profetas

discípulos de Elias e durante a perseguição guardou cinqüenta em uma gruta e cinqüenta em outra, alimentando-os com pão e água.

Mais tarde, morto o rei Acab, seu filho, o rei Ocozias mandou dois capitães com cinqüenta soldados (duas vezes) para que os trouxessem a Elias. E Elias com sua oração fez baixar do céu um fogo que os devorou na terceira vez, o rei enviou Abdias com outros cinqüenta homens; quando chegou ao monte Carmelo, se pôs de joelhos diante de Elias e lhe suplicou com humildade que salvasse a sua vida e a dos cinqüenta homens que o acompanhavam.

Vendo Elias a humildade de Abdias e recordando que cem discípulos seus estavam vivos graças a Abdias, quis pagar-lhe nesta ocasião e conservou-lhe a vida e a dos cinqüenta homens que o acompanhavam.

Reconhecendo Abdias esta graça singular que recebeu de Elias, renunciou no honroso serviço do rei Ocozias e, deixando seus próprios filhos em sua casa com sua mulher, se fez discípulo do Profeta Elias.

Porque alimentou cem profetas discípulos de Elias, Deus lhe concedeu o dom da profecia. Com este espírito vaticinou que os Idumeus ajudariam os Assírios na guerra contra os Hebreus e, em castigo desta ajuda o exército de Nabucodonosor derrotaria os Idumeus.

OBSERVAÇÃO: Os comentaristas da Bíblia discutem, sem resolvê-las, as dificuldades que se apresentam na vida de Abdias e as datas da história. Unas opinam que só houve um Profeta Abdias que viveu no Tempo de Elias e vaticinou contra os Idumeus; outros, que foram dois profetas com o mesmo nome e viveram em tempos diferentes.

Elias foi para seus discípulos o modelo da vida monástica com atos e com palavras. Dele procede a origem da vida monástica.

Aquele que serve de modelo a todos que devem professar a vida monástica deve levar uma vida tão perfeita, que os demais não encontrem nenhum motivo de desedificação que lhes sirva de tropeço, conforme disse o Senhor: *“ai do homem que causa escândalo!”* (Mt 17, 7) e assim Elias, como homem enviado por Deus de tal maneira ordenou sua vida que nunca teve um defeito em suas ações.

Nem é suficiente que o mestre e modelo da vida profética e monástica se esmere em não cometer falta alguma diante de Deus e dos homens, mas deve estimular seus companheiros, com seu exemplo, a viver a santidade como nô-lo disse o Apóstolo: *“em todas as coisas aplica-te na prática das boas obras”* (Tito II, 7).

Assim Elias, para incentivar, com seu exemplo, seus discípulos, que eram todos os monges mencionados, vivessem santamente sua religião, procurou fazer sobressair diante deles a sobriedade da pobreza, a abstinência da privação, o domínio dos apetites da carne, o resplandecer com a brancura da pureza, o renunciar à própria liberdade, fugir do tumulto e confusão do povo e arder no fogo da caridade, conforme lhe ensinara o Senhor.

Foi vontade de Deus que a perfeição desta religião se fundamentasse e se erguesse na imitação de Elias e por isto o Profeta de Deus apresentou, ante o afetuoso olhar destes monges, admiráveis exemplos com seus atos e com seus méritos, da ciência profética e da vida monástica.

Cheio de luz o espírito dos monges com estes exemplos, e entusiasmados, se propuseram imitá-lo com todas as suas forças em renunciar, de todo o coração, ao mundo e a todas as coisas terrenas, e as inclinações da sensualidade, crucificando a carne com a continência e a abstinência, e à vontade própria, pondo-se humildemente sob a obediência do superior e fugindo da vista dos homens, escondendo-se numa vida monacal e eremítica como a que vivia o próprio Elias na solidão e, de modo especial, como a viveu no monte Carmelo.

Este modo de vida decidiram vivê-lo os monges, tanto no monte Carmelo como nos demais desertos ou lugares escolhidos para este fim.

Sabiam que quanto mais se esmerassem em vivê-lo, mais intimamente suas inteligências gozariam da união do amor com Deus.

Os monges que caminham por esta senda, vivendo segundo o espírito e o modo de vida profética e monástica que Elias viveu e recebendo com entusiasmado amor em sua alma os ensinamentos de Elias para pô-los em prática, então bem seguros da salvação de suas almas como o confirma o Sábio quando falando com Elias, diz: *“Ditosos os que te viram e foram honrados com tua amizade”* (Eclo 48, 11).

Do Profeta de Deus Elias procede como causa exemplar e como autor pioneiro e principal tudo que existe nesta religião de perfeição e de virtude.

Procedeu primeiro nos já mencionados varões Filhos dos Profetas, seus discípulos.

Mais tarde, por estes Filhos dos Profetas, se comunicou a todos que professaram em nossa religião, tanto os que viviam juntos vida monástica, como os que habitavam nos lugares habitados.

E, finalmente, por meio destes, os que vivem em outras regiões.

Porém a profissão e o modo de vida santa de todos os monges procede de Elias e destes seus discípulos, Filhos dos Profetas.

Embora depois de Elias e já na lei evangélica tinha havido em diferentes lugares do mundo distintos diretores e superiores de monges, que têm dado diversas regras a seus discípulos segundo os diversos institutos para organizar a observância da vida monástica, nenhum destes superiores e diretores pretendeu guiar seus discípulos para outro fim, nem por outros meios ou caminhos, senão a este fim principal e por todos estes mesmos graus para chegar à perfeição monástica, como Elias ensinou a seus discípulos o que havia recebido de Deus. E estes Diretores e principais Superiores dos monges, com sua doutrina e ensinamentos santos sobre a vida monástica, foram como canais particulares derivados de Elias que foi o principal manancial e o primordial de todos os demais canais.

Explica-se porque os monges sucessores de Elias se chamam Carmelitas e não Caritas

Desejarás também, amado Caprásio, saber porque os monges que vivem nesta religião e com este modo de vida se chamam Carmelitas. Havendo começado a viver este modo de vida por ordem de Deus não no monte Carmelo, mas no Carit, julgam alguns, como tu dizes, que deveriam chamar-se Caritas e não Carmelitas.

Porém, se reparares bem, observarás como o Senhor quis que Elias começasse a viver este modo de vida monástica que lhe havia comunicado na solidão do Carit e permanecesse ali só algum tempo, escondido do rei Acab e da rainha Jezabel, para que pudessem chegar até ele, ainda que às escondidas, alguns varões piedosos dos quais seria o pai da vida monástica.

Porque, como já dissemos, durante o tempo que Elias viveu no Carit, uns homens tementes de Deus fugiram para viver com ele por medo de que também eles, compelidos por Acab e Jezabel, caíssem na idolatria dando culto a Baal como o restante da nação.

Exatamente neste tempo em que viveram no Carit com Elias levando vida monástica, o Profeta lhes ensinou o significado místico daquele lugar, ensinamento necessário para a vida monástica já antes explicada.

O Senhor não mandou que Elias começasse a vida e o modo monacal no Carit para que ali ficasse arraigado e permanente, ou seja, para que ele e seus discípulos ali fixassem sua moradia por muito tempo, já que os monges careciam de condições para viver porque ali não encontravam água. E assim, logo que começou a viver naquele lugar, como o arroio ficasse seco, o Senhor mandou a Elias que saísse.

Naqueles dias Elias, milagrosamente, havia fechado o céu para que não caísse nem chuva nem orvalho sobre a terra como castigo da idolatria do rei Acab e da rainha Jezabel e por todos os pecados do povo, sobrevivendo uma fome espantosa por toda a Samaria.

Jezabel, cheia de ira contra Elias pela fome da nação, convenceu Acab a procurá-lo entre todos os povos e nações e o mandasse matar. Por causa desta perseguição, o Profeta não podia viver com segurança e permanência a vida profética e monástica em nenhum deserto; porém como errante e fugitivo procurava vivê-la na torrente do Carit, ora refugiando-se na casa da viúva de Sarepta, ora no deserto de Bersabéia, ora na gruta do monte Horeb.

Não o encontrando o rei em nenhum lugar a rainha Jezabel tramou uma cruel vingança pela fome da nação contra seus discípulos, mandando matar todos os Filhos dos Profetas que encontrou, por uma ou outra causa os perseguia até matá-los.

Como era idólatra se esforçava para estabelecer em todo o Israel o culto de Baal e fazer desaparecer por completo o culto do Deus verdadeiro.

Elias, ao contrário, para restabelecer o culto contínuo de Deus, havia fundado, como já se disse, o Instituto destes profetas que se consagravam ao louvor de Deus cantando, acompanhados pela cítara. Viviam escondidos nos desertos sem se atrever a fixar morada permanente por longo tempo em nenhuma solidão do reino de Israel por medo do rei Acab e de sua mulher Jezabel, mas, como escreveu o Apóstolo: *“andavam girando de cá para lá, cobertos de peles de ovelhas e de cabra, desamparados, angustiados, maltratados, dos quais o mundo não era digno, vagando pelas solidões, pelos montes e escondendo-se em gruta e cavernas da terra”* (Heb 11, 37).

Como por esta causa não pudessem fixar sua morada no Carit nem em nenhum outro lugar, não deveriam chamar-se Caritas, de Carit, nem receber um nome próprio de outro lugar, pois pela perseguição que sofriam, não fixaram sua vivenda em nenhuma parte, e como nos descreveu o Apóstolo, se viam obrigados a andar errantes e fugitivos de uma parte para outra.

O Senhor aparece a Elias no Monte Horeb e manda que volte para Israel.

Compadecendo-se por fim o Senhor da tribulação dos Filhos dos Profetas e querendo pôr-lhe o devido fim, apareceu a Elias que ainda morava na gruta do monte Horeb e lhe disse: *“Que fazes aqui, Elias?”* (III Rs 19, 13), como repreensão por não viver no reino de Israel. E Elias, escusando-se, respondeu ao Senhor: *“Estou abrasado de zelo pelo Senhor Deus dos exércitos, porque os filhos de Israel abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e passaram ao fio da espada teus profetas”* (III Rs 19, 14).

Então, como nos diz o Sábio, *“Elias ouviu no Horeb o juízo de sua vingança”* (Eclo 48, 7). Por que o Senhor lhe mostrou, numa visão admirável, os juizes com que havia determinado defender a ele e a todos que perseveraram dando-lhe culto contra todos os que se propuseram acabar com o culto do Deus verdadeiro no reino de Israel e mataram seus profetas, introduzindo em seu lugar o culto a Baal, porque a um mataria por meio de Hazabel, a outros por Jehu e a outros por Elias, até extirpa-los de Israel.

Lhe revelou também, para seu consolo, que ainda restavam em Israel muitos discípulos seus e, adoradores do verdadeiro Deus que não haviam quebrado o pacto com o Senhor e agora os defenderia, como também a ele, dos inimigos e os guardaria no reino de Israel para viver, no futuro, na tranqüilidade da paz e assim lhe disse: *“Sai para fora e põe-te sobre o monte, na presença do Senhor e aí passará o Senhor e, adiante dele soprará um vento forte e impetuoso, capaz de transtornar os montes e fender os rochedos; não está o Senhor no vento. Depois do vento virá um tremor de terra; aí também não está o Senhor. Depois do terremoto virá um fogo; não está o Senhor no fogo. E depois do fogo soprou uma brisa aprazível e suave”* (III Rs 19, 11-12).

Passando o Senhor em forma de um vento forte e impetuoso mostrou ali a Hazabel e deu a conhecer a Elias nesta visão que Hazael passaria para o reino de Israel transtornado os montes ou seja, os grandes do povo; e quebrando as pedras, isto é, as cidades fortificadas de Israel.

Hazael significa **fortaleza de Deus**, porque por ele quis o Senhor aniquilar os grandes e destruir as cidades fortificadas de Israel por haver deixado de dar-lhe a devida adoração. Assim predisse o Profeta Eliseu a Hazael: *“O Senhor me mostrou que serás rei da Síria”* (IV Rs 8, 13); *“sei os males que hás de fazer aos filhos de Israel. Entregarás as chamas suas cidades fortificadas e passarás ao fio da espada seus jovens; e atirarás seus meninos ao solo; e abrirás o ventre das mulheres grávidas”*(IV Rs, 8, 12).

O Livro dos Reis confirma como Hazael realizou, mais tarde, estas profecias no povo de Israel com cruel justiça.

Continua o texto: *“não está o Senhor no vento forte”*. Em verdade, Deus não estava em Hazael que destruiu Israel com terrível violência para perdoar ao povo, porque o povo o havia afastado de si pela idolatria.

Quando se fez sentir o tremor de terra, Deus deu ao Profeta a figura de Jehu o qual passaria pelo reino de Israel como um terremoto destruídos da casa de Acab. Jehu significa **sacudida, terremoto**, porque Deus o escolheu para que destruísse como um terremoto a família de Acab por haver introduzido o culto de Baal no reino de Israel, haver desprezado o culto do Deus verdadeiro e matado os profetas do Senhor, como predissera o profeta Jonas a Jehu: *“Isto diz o Senhor Deus de Israel: eu te ungi rei do meu povo de Israel e exterminarás a casa de Acab, teu senhor, e eu vingarei o sangue de meus servos, os profetas, e o sangue de todos os servos do Senhor derramado por Jezabel, e Extirparei toda a família de Acab e matarei de sua casa até os cães, desde o mais estimado até o mais vil e desprezado em Israel... E a Jezabel, a comerão os cães no campo de Jezrael sem que haja quem a enterre”* (IV Rs 9, 6-10).

O Livro dos Reis narra como, mais tarde, Jehu realizou detalhadamente a destruição da família de Acab com dura justiça.

E continua o texto: *“Deus não está no terremoto”*; porque na família de Acab sangrentamente destruída por Jehu, como se referiu, Deus não estava por havê-lo deixado e posto em seu lugar a idolatria para dar-lhe culto. Claramente Deus não estava com Jehu destruidor da casa de Acab para perdoá-la, porque esta família se havia separado por completo de Deus pela idolatria.

“O fogo” que passava era figura de Eliseu. Deus mostrou a Elias, na referida visão, a pessoa de Eliseu que passaria pelo reino de Israel à semelhança de um fogo devorando os idólatras.

Eliseu significa **saúde de meu Deus**, porque, havendo sido devorados os filhos dos idólatras quando os amaldiçoou e nome do Senhor, veio sobre os adoradores a Deus verdadeiro a saúde do Senhor.

Nem é de estranhar que acontecesse tal castigo àqueles jovens porque continua dizendo a visão: *Deus não estava no fogo*. Evidentemente Deus não estava com Eliseu para perdoar àqueles juvenzinhos devorados como por um fogo, porque seus pais os educavam para que fossem sacerdotes de ídolos.

O sopro de uma brisa suave que passa era figura de Elias. Deus lhe mostrou que ele passaria pelo reino de Israel à semelhança de um sopro suave; porque chamaria seus discípulos e todos os demais servos de Deus, passadas as perseguições, para que vivessem no consolo da paz.

Elias significa **Deus Senhor**, por que estava Deus disposto a mostrar-se por seus discípulos e pelos outros homens bons, como o Senhor contra seus inimigos; porque destruídos estes inimigos por Elias, como ficou disto conservaria seus discípulos em paz no reino de Israel. Porque Deus estava nestes discípulos e homens bons, pelos quais passou o sopro da brisa suave; estes não abandonaram o culto de Deus verdadeiro para entregar-se à idolatria como o disse o próprio Deus: *“reservei em Israel sete mil varões que nunca dobraram o joelho ante Baal, nenhum deles beijou sua própria mão, estendendo-a depois em sinal de adoração”* (III, Rs 18).

Observação: beijar a própria mão e enviar com ela o beijo para a estátua do ídolo era o reconhecimento de sua divindade e sua adoração.

Havendo o Senhor mostrado a Elias todas estas coisas em visão, ordenou-lhe que as cumprisse dizendo: *“anda e volta pelo mesmo caminho do deserto até Damasco e, chegando lá, (Não em tua pessoa, mas na de Eliseu), ungirás Hazael rei da Síria”* (III Rs 9, 15), isto é: predirás de minha parte que será ungido Jehu e elevado a rei de Israel; e ungirás a Eliseu, isto é, predirás de minha parte que Eliseu seja ungido e elevado a profeta para que te suceda a ti; para que, quando fores arrebatado ao céu, profetize e anuncie a Hazael e a Jehu que eu os proclamo reis.

O Senhor colocou estes três homens: Hazael, Jehu e Eliseu nas mencionadas dignidades para que executassem os julgamentos que mostrou a Elias na referida visão. E por isto disse o Senhor em outra ocasião a Elias: *“e acontecerá que quem escapar da espada de Hazael, será morto por Jehu; e o que se livrar da espada de Jehu, será morto por Eliseu”* (III Rs 19, 17).

Elias escolhe o monte Carmelo para viver ele e seus discípulos - Reúnem-se num oratório para cantar juntos os louvores divinos.

Assim que Elias voltou da gruta do monte Horeb para a terra de Israel obedecendo à disposição do Senhor, começou, como suave brisa, a soprar, ou seja, reunir seus discípulos e os outros servos de Deus, para que, com segurança, levassem adiante o culto a Deus no reino de Israel, anunciando-lhe, em nome do Senhor, que já haviam terminado as perseguições e Deus os conservaria em paz; disse-me o Senhor: *“eu reservarei em Israel sete mil varões que nunca dobraram os joelhos ante Baal, nenhum dos quais beijou sua própria mão estendendo-a depois em sinal de adoração”*. (III Rs 19, 18).

Como, desde então, Elias e seus discípulos puderam viver livres e seguros no Reino de Israel, o Profeta procurou um lugar apto onde, dali por diante, pudesse fixar sua mansão e vivenda a religião que havia começado a fundar no ano décimo do rei Acab, rei de Israel. Escolheu o monte Carmelo para estabelecer-se, ele e seus discípulos, preferindo este monte a outros muitos desertos como mais apropriado para poder ensinar e viver melhor a arte profética e a vida monástica.

O monte Carmelo oferece ao monge solitário um ambiente silencioso, convidando-o ao silêncio e ao recolhimento, com suas grutas lhe oferece refúgio suficiente para recolher-se; com seus bosques lhe comunica alegria; com seu alto cume lhe dá ar puro: com suas plantas e seus frutos, alimento para seus agregados e para os monges; com seus mananciais, doce refrigerio para mitigar a sede.

Por todas estas razões Elias escolheu este monte, não só para morar, mas construiu um local determinado para a oração e lhe pôs o nome de **semnion**.

OBSERVAÇÃO: Semnion em grego significa, **pequena reunião de bons**.

É bom lembrar que este Livro da Instituição foi originariamente escrito em grego e conservou esta palavra ao ser traduzido para o latim; o primitivo seria palavra hebráica.

A razão deste nome foi porque o próprio Elias ordenou que seus discípulos saíssem três vezes do dia de suas tendas ou de suas grutas e se reunissem muito devotamente naquele local-oratório, não para darem juntos alimento ao corpo, nem para executar outras ocupações materiais, mas para pedir misericórdia ao Criador de todas as coisas, e honrá-lo com ladainhas e orações e para que cada um deles repetisse com o Profeta Davi: *“À noite, de manhã e ao meio dia contarei e exporei ao Senhor minhas necessidades e Ele ouvirá benigno a minha voz”* (Sl 54, 18).

Reuniam-se todos no oratório, formando um coro para cantar fervorosamente louvores a Deus com salmos, cânticos e hinos, acompanhando sua voz com instrumentos musicais e para escutar e ler os livros da Sagrada Escritura que contêm a lei e os profetas e a explicação de seu pai Elias.

Cresciam e se consolidavam na solidão do Carmelo, vivendo a vida monástica conforme Deus a ensinou a Elias e se esforçavam por alcançar a vida perfeita e feliz, instruindo-se continuamente nestes conhecimentos e vivendo a regra de vida estabelecida.

Porque Elias preferiu o monte Carmelo a outros montes

Para que os discípulos de Elias estabelecessem de maneira permanente a residência no monte Carmelo, procurou fazer deste monte um lugar muito devoto, não só com sua vida exemplar vivendo ali o resto de seus dias que foi de dezesseis anos, mas destacando-o sobre todas as outras solidões, onde havia vivido, com alguns milagres portentosos realizados para provar claramente aos idólatras que o Deus de Israel era o Deus único e verdadeiro.

Havendo os Sacerdotes de Jerusalém dito a seus pais, antes do nascimento de Elias que este seu filho julgaria Israel com a espada e o fogo, a Escritura Sagrada nos assegura no Livro dos Reis que os portentos realizados no monte Carmelo comprovaram bem ser verdadeiro este vaticínio.

O povo de Israel juntamente com seu rei Acab deram culto a Baal e desprezaram o culto de adoração ao Deus verdadeiro seduzidos pelos sacerdotes daquele falso deus. Abrasada a alma de Elias pelo zelo da glória de Deus e sofrido pela transgressão idolátrica do povo reuniu neste monte Carmelo toda a nação com seu rei e lhe propôs este julgamento: se Baal, ouvindo as petições e súplicas de seus sacerdotes enviasse do céu fogo que queimasse o sacrifício que neste monte lhe iam oferecer, fosse proclamado deus de Israel, porém se Baal não tivesse poder para enviar fogo do céu nem para ouvir as súplicas de seus sacerdotes, e lhe enviava o Deus de Israel a petição de Elias para queimar o sacrifício que lhe ia oferecer neste monte, que a nação abandonasse para sempre o Baal e acreditasse com firmíssima fé que o único e verdadeiro deus era o de Israel.

O povo acolheu benignamente esta proposta de Elias; porém Baal não pode enviar fogo do céu para queimar o sacrifício que seus sacerdotes lhe ofereceram; então Elias construiu neste monte Carmelo um altar onde ofereceu o sacrifício e na presença de todos e suplicou ao Deus de Israel que mandasse descer do céu o fogo para queimar seu holocausto e Deus assim fez.

Deste modo o povo de Israel, induzido até então à idolatria pelos sacerdotes de Baal voltou, ensinado por Elias a dar culto ao único Deus verdadeiro no monte Carmelo e Elias passou ao fio da espada na torrente do Cedron a todos os profetas de Baal que haviam seduzido o povo, para que não voltassem a enganá-lo.

Ainda fez mais: enganados pelos profetas de Baal, o rei e o povo invocavam e suplicavam constantemente a Baal durante três anos e seis meses que lhes mandasse chuva porém o ídolo não pudera enviar-lhes a chuva nem impedir, durante este tempo, que se cumprisse a palavra anunciada por Elias: *“Não há de cair nem orvalho nem chuva durante estes anos até que eu o ordene”* (III Rs 17, 1).

Evidenciada deste modo a impotência de Baal durante tanto tempo; se manifestou mais patente o poder de Deus; porque, pondo-se Elias em humilde oração diante de Deus neste monte Carmelo, alcançou logo que lhe mandasse abundante chuva para a nação.

Além disto, Elias mandou emissários a Ocozias, rei de Israel que estava doente, para que lhe comunicasse que, certamente, morreria, porque se cuidava consultando a Belzebu, deus de Acaron, o resultado de sua doença, menosprezando o Deus de Israel. Fortemente é impressionado o rei com esta notícia, se enfureceu contra Elias e, desejando matá-lo, enviou um capitão com cinqüenta soldados para que fossem ao monte Carmelo e lhe levassem Elias. Se Elias não quisesse ir voluntariamente, o levassem à força.

Este capitão, cooperador voluntário do rei no crime, marchou irritado e orgulhoso com seus cinqüenta soldados em busca de Elias e o encontrou sentado no alto do monte Carmelo, com desprezo o chamou **homem de Deus** e com imponência lhe mandou que descesse do monte e fosse com ele à presença do rei.

Vendo Elias que aqueles soldados desprezavam o Deus verdadeiro em sua pessoa, fez baixar fogo do céu sobre o monte Carmelo, o qual abrasou o Capitão e seus cinqüenta soldados.

Com isto, o rei se irritou muito mais ainda e mandou pela segunda vez outro Capitão com seus cinqüenta soldados. De novo Elias fez baixar do céu fogo que, como da vez anterior, abrasou o Capitão com seus cinqüenta soldados no monte Carmelo.

Com estes evidentiíssimos julgamentos da espada e do fogo, Elias mostrou aos incrédulos que o Deus verdadeiro era o que ele adorava no monte Carmelo e não Baal, a quem o pérfido Acab dava culto com o povo de Israel, nem Belzebu a quem o sacrílego rei. Ocozias mandou consultar, desprezando o verdadeiro Deus.

**No antigo e no novo testamento muitos Padres
desta religião viveram no monte Carmelo à
imitação de Elias guardando a justiça, o retiro e o
silêncio.**

Elias preferiu, para viver, o monte Carmelo a todos os demais lugares desertos onde por algum tempo habitou, como o mais apto para nele estabelecer a religião profética da vida monástica e o melhor para ensiná-la e para vivê-la, como já

dissemos. Elias esclareceu este monte e o fez muito conhecido com os milagres já relatados que realizou diante do povo para provar que o Deus de Israel era o único Deus verdadeiro e Baal era um deus falso e devia ser desprezado. Por esta razão, Eliseu e todos os demais discípulos de Elias, homens religiosos chamados **Filhos dos Profetas** e todos que os sucederam, tanto no antigo testamento como no novo, tiveram especial devoção pelo monte Carmelo e o preferiram a todos os demais desertos por julgá-lo o lugar mais vantajoso para a sua religião.

E assim estes homens religiosos serviram ao Senhor Deus de Israel com recolhimento na solidão deste monte, tendo por modelo e norma aquele santo e solitário Elias, o Profeta de Deus e os ensinamentos e o modo de viver que o próprio Deus lhe comunicou; ali viveram na justiça da vida profética e monástica; ali viveram sem interrupção a vida religiosa solitária, isolados cada um em sua choça, ou nas grutas e cavernas ou num quarto pequenino junto à fonte de Elias, pois a devoção e santidade deste lugar os animava a observar com maior espírito a vida eremítica; ali, dominando com esforçado sacrifício suas paixões, acabaram com a sensualidade exercitando constantemente as virtudes, alcançaram a pureza do coração.

Livres de discussões e disputas se preparavam para os cultos do Senhor com o silêncio, num mesmo sentimento e afeto, reunindo-se todos no **“semnion”** ou local comum, diariamente nas horas estabelecidas, cantando com paz e fazendo com santo temor e reverência ao criador tudo que se referia ao culto de Deus e se relacionava com a justiça do reino dos céus. O Profeta Isaías, falando em nome do Senhor e referindo-se a estes monges e a este lugar disse: *“E a equidade e a virtude habitará no deserto; e a justiça e a santidade fixarão sua morada no Carmelo e a obra e fruto da justiça será a paz e o resultado desta justiça será o sossego e a segurança eterna; e repousará meu povo em formosa mansão de paz e em tabernáculo de perfeita segurança e no descanso da opulência”* (Is 32, 16-18).

Grava em ti com que beleza descreve Isaías, ordenadamente, a vida santa daqueles monges que seria o modelo que copiaríamos os que os sucederíamos.

Inicialmente aqueles moradores viviam sozinhos, cada um por si em seu quartineiro ou cela do monte Carmelo, se reuniam todos os dias para se examinarem a si mesmos no interior de sua consciência para ver se seus pensamentos acusavam ou os defendia de algum mal, como por exemplo, se haviam se desviado do caminho reto da justiça divina. Por isto disse o Profeta: *“a justiça habitará no deserto”*.

Em segundo lugar, quando a consciência os acusava de algo mau, cumpriram com sua obrigação de monges, porque “a justiça fixava sobre eles sua morada no Carmelo”; exercitando a justiça, tristes e solitários castigavam com verdadeira penitência aquele mal realizado e logo se emendavam. Por isto disse o Profeta: “e a justiça fixará sua morada no Carmelo”.

Terceiro: se no exame não encontravam nenhum mal nas atividades de sua alma, pelo que tivessem que fazer expiação ou penitência, então do cuidado com que conservavam todas as demais atividades de seu espírito em harmonia com a reta razão, lhes brotava a paz e fazia saborear a justiça; e por isto disse o Profeta: “o fruto da justiça será a paz”.

Quarto: Dizendo-nos o Sábio que *“no muito falar não faltará pecado; mas quem refreia sua língua é homem muito previdente”* (Prov 10, 19) ou guarda sua alma; para perseverar livres do pecado observavam continuamente a justiça com o silêncio e por isto disse o Profeta: “o efeito desta justiça é o sossego e a segurança eterna”. E louvando o Senhor a vida de todos estes monges anunciou: “e repousará meu povo em formosa mansão de paz”, fazendo referência à paz interior e no tabernáculo de perfeita caridade que é a que esperamos conseguir na glória eterna, e “no gozo

abundante da inteligência”, que é a abundância que procede do gosto pela contemplação, dos gozos nascidos na torrente de minha delícia divina.

Como estes monges guardaram continuamente no Carmelo a justiça da vida monástica à imitação de Elias, se chamaram “Eremitas do Carmelo” ou “Carmelitas”, porque ali estabeleceram sua morada do modo já dito, confiando na vida de justiça sem interrupção, como também disse o Profeta: “a justiça fixará sua morada no Carmelo”.

Os demais monges desta mesma religião que viviam fixos em outros lugares, desejaram chamar-se também “Carmelitas” porque o modo de sua religião e sua vida santa procede daqueles monges que, no monte Carmelo, procuraram e procuram até o dia de hoje, sem interrupção, imitar humildemente a vida religiosa do Profeta Elias..

Todos os verdadeiros membros desta religião, quer vivessem no Carmelo, ou em outros lugares, confessam com simplicidade que continuam aquela santa e profética justiça que Elias, o Profeta de Deus, instituiu e observou e mostrou que deviam continuar do mesmo modo que Deus lhe ensinou e que ele ensinou a seus discípulos, com a palavra e com o exemplo, o modo de vivê-la, em especial quando residiu no monte Carmelo.

Porque Elias e Eliseu fundaram nas cidades os grupos dos Filhos dos Profetas, os quais depois de uma formação primária, faziam sua profissão.

Ainda quando Elias, Eliseu e todos os demais verdadeiros religiosos que se haviam consagrado à mesma vida viviam principalmente nos lugares solitários, todavia algumas vezes, por mandato expresso do Senhor, socorriam as cidades e as vilas para o bem do povo, fazendo milagres nos povoados, anunciando-lhes o futuro, repreendendo os vícios dos homens, exortando-os a que honrassem a Deus de quem se haviam afastado e atraindo muitos para a sua religião profética.

Daí provém que nos bairros ou proximidades de algumas cidades ou vilas da Terra da Promissão, especialmente em Galgala, em Betel, Jericó e Samaria fundaram centros de Filhos dos Profetas, homens religiosos, como se lê no Livro dos Reis e nestes centros se hospedavam quando vinham às cidades e vilas.

A todos os homens do povo que podiam ganhar para sua religião profética lhes ensinavam nestes centros, primeiro a disciplina profética e os princípios da vida religiosa monástica para retirá-los gradualmente do trato das cidades e mais tarde os levavam para os desertos e lugares solitários.

Quando estes monges Filhos dos Profetas que moravam nas cidades aprendiam os princípios do conhecimento profético e da vida monástica religiosa, olhavam as cidades como cárceres e a solidão era para eles um paraíso.

Desejando crescer no caminho da perfeição, preferiam viver a vida monástica e profética longe das cidades desejando as solidões-se retiravam para viver

nelas com o conselho e aprovação dos Profetas que os orientavam e dirigiam. Assim lemos no Livro dos Reis que estes Filhos dos Profetas disseram a Eliseu: *“Bem vêes que o lugar onde vivemos em tua companhia é para nós apertado. Vamos até o Jordão e cada um de nós colha madeira do bosque para edificarmos ali um lugar onde morar”* (IV Rs 6, 1-2).

De tal maneira haviam aumentado os monges que não podiam viver todos com bastante espaço na solidão do monte Carmelo e por isto, seguindo a vontade dos Profetas que os orientavam, escolhiam viver, não só no monte Carmelo, mas além deste, em outros lugares solitários, muito próprios para sua devoção e seu gênero de vida e preferiam os lugares mais conhecidos pelos prodígios e milagres que neles realizaram Elias e Eliseu.

Como Elias e Eliseu se haviam tornado famosos junto ao rio Jordão pelos grandes milagres que fizeram ali como dividir suas águas em duas partes e por duas vezes tocando-as com o manto de Elias fazendo um caminho seco para que os dois Profetas atravessassem o rio e que Naaman, coberto de lepra, banhando-se por ordem de Eliseu no rio Jordão se viu livre da lepra e ficou completamente são, movidos alguns monges dos Filhos dos Profetas pela devoção destes milagres e atraídos pela vantagem da água, construíram suas tendas ou choças na solidão junto ao Jordão como lhes indicava Eliseu o Profeta de Deus e lemos no Livro dos Reis quando lhes disse: *“Ide ao Jordão. E um dos monges lhe disse; vem tu também com teus servos e respondeu ele: Irei. Foi, pois, com eles e tendo chegado ao Jordão, se puseram a cortar madeiras”* (IV Rs 6, 3-4) para a construção de suas choças.

Alguns destes monges Filhos dos Profetas escolheram para morar o monte de Efraim. A estes fazia referência Giui, o criado de Eliseu quando disse a Naamá o Sírio: meu Senhor me envia para que te diga: “acabam de chegar dois jovens da montanha de Efraim dos Filhos dos Profetas” (IV Rs 5, 22).

Vendo estes monges que o povo adorava o bezerro de ouro que Jeroboão havia posto para que o adorassem se separaram do povo e, por conselho de Eliseu, foram para a solidão do monte Efraim, temendo se contaminarem também eles pela idolatria com o exemplo dos demais e, na solidão se consagraram com maior liberdade ao culto a Deus.

Muitos de nossos monges, não só dos que viviam no monte Carmelo, mas em muitos outros lugares solitários da Terra da Promissão, receberam com muita alegria esta vocação de instruir-se no conhecimento profético da vida monástica destes nossos santos varões Filhos dos Profetas e vieram viver a mesma vida santa que eles viviam.

Muitos deram a estes monges o nome de **anacoretas** porque compungidos e como e como angustiados em seu coração com as abstinências dos jejuns e com as demais mortificações do corpo não recusaram entrar cada vez mais nos ringões desabitados da solidão do monte Carmelo e de outros desertos da Terra Prometida à imitação de Elias como já se disse.

Fortalecido o seu espírito nesta solidão, com pensamentos santos, fervorosas orações e com as demais armas da justiça, não só venciam as ocultas tentações do demônio mas menosprezando os ataques manifestos do demônio, elevavam com tanto ímpeto seu espírito à contemplação de Deus, à imitação do seu fundador Elias, que se consideravam como transportados aos coros celestiais olhando já sem vê-lo o rosto de Deus. (Cor 3, 18), gozando da conversação com o próprio Deus a quem estavam unidos pela pureza do seu coração e a tenção de sua alma.

Elias é arrebatado ao céu e Eliseu o sucede no espírito de profecia e no ofício de Superior

Havendo Elias governado com muita prudência e acerto a religião que ele mesmo havia fundado, soube por revelação divina que o Senhor queria levá-lo deste mundo ao Paraíso de delícias em um torvelinho de fogo.

Dirigindo-se ao lugar de onde devia ser elevado ao céu, foi com seu discípulo Eliseu ao Jordão. Chegando ao rio, Elias tocou com sua capa dobrada as águas e, nos diz a história sagrada no Livro dos Reis, que as águas se dividiram, separando-se para os lados, fazendo caminho para que passassem a pé enxuto estes dois varões de Deus, e assim fizeram.

Como continuassem seu caminho falando, eis que apareceu um carro e uns cavalos de fogo que, separando um do outro, deixaram Eliseu na terra e *“arrebataram Elias no carro com os cavalos de fogo e foi elevado ao céu num torvelinho de fogo”* (IV Rs, 2), isto é: ao paraíso de delícias situado em lugar ignorado por terra e por mar, muito longe de onde vivem os homens e já quase tocando o céu.

Naquele lugar, junto com Enoc que foi levado muito antes, vive Elias com grande paz e gozo do corpo e da alma e viverá até os tempos do Anti-Cristo; então voltará a este mundo como nos disse o Senhor: *“Elias há de vir e então estabelecerá todas as coisas”* (Mt 17, 11).

Antes de Elias ser transportado da terra ao paraíso de delícias, quando já era iminente a partida, visitou, solícito, cada um dos centros de seus monges e lhes providenciou um pai digno, que em seu lugar dirigisse e orientasse.

Para fazer esta visita de despedida, ele e Eliseu desceram do Monte Carmelo e, juntos foram a Galgala, em seguida a Betel, depois a Jericó, pois já dissemos que nestes lugares viviam os religiosos varões Filhos dos Profetas, discípulos de Elias.

Na visita os exortou a perseverarem no propósito que tinham de viver a disciplina profética e a vida monástica e lhes pediu que não se entristecessem porque ele ia ausentar-se corporalmente, não demorando a voltar.

Terminada a visita e despedindo-se, prosseguiu com Eliseu até o Jordão.

Tram atrás deles cinqüenta homens Filhos dos Profetas; estes se detiveram em frente ao rio, um pouco distantes, quando Elias e Eliseu passaram milagrosamente o Jordão a pé enxuto.

Já na outra margem do rio disse Elias a Eliseu: *“pede o que queres que eu faça por ti, antes que nos separemos”* (IV Rs 2, 9).

Elias havia recebido do Senhor o duplo espírito de conhecer o que estava oculto, especialmente o futuro, e o de fazer milagres. Eliseu lhe pediu não apenas um destes dons, mas os dois, dizendo-lhe: *“peço que teus dois espíritos venham à minha alma”* (IV Rs 11, 9).

O Senhor havia dito a Elias quando ele estava na entrada da gruta do monte Horeb: *“Ungirás Eliseu, filho de Josafá, natural da Abemeula, por profeta e teu sucessor”* (IV Rs 11, 10).

Nestas palavras do Senhor Elias compreendeu que depois de sua elevação ao céu, seria Eliseu seu sucessor, não no poder de fazer milagres, mas só no segundo

espírito de vaticinar o futuro; de modo que quando Eliseu lhe pediu seu duplo espírito ou suas duas graças extraordinárias, Elias, surpreendido, lhe responde: *“coisa difícil é a que me pedes”* (IV Rs 2, 10).

Pensando diante do Senhor que se Eliseu recebia o favor de ver o modo secreto e maravilhoso com que Deus o elevaria da terra ao céu, também receberia do Senhor por sua intercessão, o que lhe havia pedido, ajuntou sem demora: *“Não obstante, se me vires no momento em que for arrebatado de junto de ti, terás o que pediste”* (IV Rs 2, 10). Eliseu viu quando o separavam de Elias e foi o sinal de que lhe fora concedido o que pediu, ficando como sucessor de Elias com o dom de fazer milagres e de predizer o futuro como nô-lo disse o Sábio: *“Elias foi coberto pelo torvelinho e ficou em Eliseu a plenitude de seu espírito”* (Eclo 48, 13).

Quando Elias viu seu discípulo Eliseu cheio de seu espírito, iluminado por Deus, viu também que era digno e capaz para governar seus discípulos os Filhos dos Profetas, e lhe transferiu o encargo da formação de toda a religião de toda a religião que o mesmo Elias havia fundado e em sinal disto, naquele momento entregou a Eliseu o seu célebre hábito de religião, deixando-lhe sua capa quando já subia ao céu.

Eliseu se cobriu com esta capa e abandonou a sua, rasgando-a ao meio para que, vendo-o os Filhos dos Profetas vestido com o mesmo hábito que Elias usava, reconhecessem que estava cheio do espírito de Elias e sem demora nem obstáculo o receberiam em seu lugar como pai e mestre.

Ao voltar daquele lugar, Eliseu tocou duas vezes as águas do Jordão com a capa de Elias, estando observando-o os religiosos os varões Filhos dos Profetas que, na margem oposta do rio, esperavam sua volta; como as águas não se dividiram ao primeiro toque, repetiu a oração de tocá-las e, na segunda vez, se separaram as águas do Jordão, deixando-lhe seco o leito pelo qual passou Eliseu.

Os Filhos dos Profetas, ao verem que as águas do rio haviam dado, milagrosamente, passagem a Eliseu, reconheceram nele o sucessor de Elias, e que gozava do seu duplo espírito, e se diziam um aos outros: *“o espírito de Elias repousou sobre Eliseu; e saindo-lhe ao encontro, lhe fizeram profunda reverência prostrados por terra”* (IV Rs, 2, 15), recebendo-o em lugar de Elias como principal Pai e Mestre pois o viam vestido com o mesmo hábito de Elias e agradecido com seu mesmo espírito.

Com este fato fixaram a regra para seus sucessores para que, quando lhes faltar o pai principal e geral de todos recebam com humildade o seu sucessor, que o Senhor lhes envia, mostrando-o com milagres e prodígios como fez com Eliseu.

Quando não se vêem estes sinais com todo cuidado e todos juntos, procurem eleger por Pai comum ao que sobressair entre todos no espírito e na virtude de Elias, como sobressaía Eliseu entre os que o receberam por Pai.

O profeta Eliseu visita os conventos dos Profetas e ressuscita um morto

Logo que Eliseu aceitou o cargo de dirigir a religião profética fundada por Elias, foi visitar cada um dos centros de monges Filhos dos Profetas e, para

consolá-los da ausência de Elias, fazia milagres e prodígios diante deles, já para que não parecesse que havia recebido inutilmente esta graça extraordinária de Deus, já para mostrar-lhes com isto que estava no lugar de Elias, já também para fortalecê-los na perseverança da vida monástica.

E por isto, vivendo com os monges Filhos dos Profetas de Jericó, tornou doces as águas amargas da cidade a pedido de seus habitantes, lançando sal no manancial em presença deles.

Subindo dali para visitar os Filhos dos Profetas que moravam em Betel, os homens desta cidade tratavam o profeta como a um homem detestável, porque adorava o verdadeiro Deus, e incitaram os jovens para que insultassem e zombassem de Eliseu: *“e saíram da cidade uns jovens e zombavam dele, dizendo: sobe calvo, sobe calvo”* (IV Rs 2, 23).

Ao ver que aqueles cidadãos idólatras olhavam o Deus verdadeiro como se não fosse nada, pois o desprezavam a ele por dar-lhe culto, Eliseu, voltando-se para os juvenzinhos, olhou-os e os amaldiçoou em nome do Senhor, querendo, desde modo, engrandeceu o nome, do Senhor a quem eles desprezavam e, “em seguida, saindo do bosque dois ursos despedaçaram 42 daqueles rapazes” (IV Rs 2, 24). Quando os homens de Betel tiveram notícia do acontecido, temeram muito o nome do Deus de Eliseu e os Filhos dos Profetas que viviam ali, ante tão grande prodígio, receberam a Eliseu como seu Pai e Mestre com grande honra e cheios de alegria.

“Depois Eliseu partiu para o monte Carmelo” (IV Rs 2, 25) para visitar e consolar os Filhos dos Profetas que ali residiam. Então se deteve por pouco tempo no Monte Carmelo pelo desejo que tinha de visitar logo a todos os demais Filhos dos Profetas e logo voltar ao Carmelo.

Foi, pois a Samaria e visitou também os Filhos dos Profetas naquela cidade; ali encontrou a esposa de Abdias oprimida pelas dívidas contraídas por causa do alimento que Abdias proporcionou aos cem discípulos de Elias quando lhes conservou a vida, escondendo-os em grutas. Eliseu pagou a dívida da viúva e proporcionou alimento a ela e a seus filhos, multiplicando milagrosamente em grande quantidade o pouco azeite que a mulher tinha em sua casa; a viúva vendeu o azeite e com o preço pagou ao seu credor e ainda lhe sobrou para alimentar a si e a seus filhos.

Voltando Eliseu ao monte Carmelo passou pela cidade de Sunan onde vivia uma mulher rica em cuja casa se hospedava sempre que passava por aquele lugar. Esta mulher o recebia em sua casa, o atendia com presteza e até fez uma casa destinada só para o Profeta e mantinha com generosidade com tudo que precisava. Não tinha filhos, pois seu marido já era velho. Mas Eliseu como prêmio pela caridade com que o recebia, lhe prometeu que teria um filho de seu marido. Cumprida a profecia, aconteceu que, correndo o tempo, o filho crescido morreu.

A mulher disse a seu marido que queria ir ver Eliseu no monte Carmelo, porém ignorando o marido a morte do filho, lhe respondeu: *“por que queres ir visitá-lo? Hoje não é dia de festa nem sábado”* (IV Rs 4, 23); como se dissesse: se hoje fosse dia de festa terias razão para subir lá.

As pessoas piedosas costumavam visitar Eliseu e os demais monges do monte Carmelo, nos dias de festa, pela devoção que tinham de escutar de seus lábios e dos outros profetas a palavra de Deus e lhes levavam alimentos como agradecimento.

Chegando esta mulher a Eliseu, no monte Carmelo, lançando-se por terra se abraçou a seus pés e lhe disse: *“por ventura te pedi um filho? Não te disse que não*

me enganasses?” (IV Reis 4, 28). Considerava-se enganada porque perdeu tão depressa o filho que Eliseu lhe havia obtido de Deus sem que ela o pedisse.

Vendo-a Eliseu tão cheia de amargura, levantou-se e a seguiu até sua casa e, entrando no quarto onde estava o menino morto, se pôs em oração até que o ressuscitou. Entregando-o o vivo à sua mãe, ela se lançou por terra aos pés de Eliseu, venerando-o e dando graças a Deus e ao Profeta.

Com estas e outras muitas maravilhas, Eliseu mostrou aos Religiosos os Filhos dos Profetas e discípulos de Elias haver recebido dele o espírito em dobro e por isto o receberam todos estes monges por Pai principal e comum e Mestre de todos.

Eliseu instrui os Recabitas na vida monástica e alguns milagres que fez.

Muitos homens piedosos procuravam Eliseu, atraídos pelos milagres e prodígios que realizava entre o povo.

Um homem de Deus chamado Jonadab, filho de Recab, teve conhecimento do milagre realizado por Eliseu ressuscitando o filho da Sunamitis e isto o levou a segui-lo e viver segundo a disciplina ao modo da vida profética.

Os cineos, progenitores de Recab, homem de Deus, haviam recebido de Jabes, célebre doutor da lei de Deus uma profunda instrução religiosa e ensinaram a seus descendentes a cantar a Lei de Deus e os louvores divinos acompanhando-se de instrumentos musicais.

Jonadab estava perfeitamente instruído em tudo isto e, querendo chegar ao cume da perfeição, imitou como ficou dito, o Profeta Eliseu no viver ao modo da vida monástica eremítica.

E, embora não tenha imitado Eliseu guardando a castidade virginal, preferindo, pela fraqueza da carne, viver em matrimônio ele e seus descendentes e, deste modo, ter filhos que louvassem ao Senhor, imitou todavia, a Eliseu, deixando todas as coisas e os bens e habitando em tendas fora das cidades, tanto ele como os cineos que dele descendiam. Destes lemos no livro dos Paralipómenos: *“Estes são os cineos que vieram do calor de Recab, ou seja, do fervor da vida religiosa da casa de Recab, cantando e vivendo em tendas”*. (I Paral 2, 55).

Os Cineos descendem deste Recaba e com seu filho Jonadab, abraçaram a religião eremítica de Eliseu e eram conhecidos com o nome de Recabitas.

O Profeta Eliseu formou e instruiu muito bem a Jonadab, Pai de todos eles, no conhecimento e na arte profética da vida monástica eremítica. Recab, menos na castidade virginal, impôs a todos os Recabitas e aos que a ele se uniram para viver do mesmo modo, todas as demais coisas estabelecidas na religião de Eliseu (Jer 25, 8-10); estas dispunham que obedecessem sempre ao Pai comum que jamais bebessem vinho; que não construíssem casas; que não semeassem nem possuíssem campos próprios, que não possuíssem nem plantassem vinhas, mas que sempre vivessem em tendas fora das cidades, conforme o que descreve mais extensamente Jeremias ao falar de sua vida.

Eliseu governava e dirigia com grande esmero e acerto aos monges Filhos dos Profetas, que se haviam posto sob suas ordens e com seu exemplo e seus ensinamentos os induzia a procurar viver a perfeição segundo o modo e a ordem da vida monástica que o Senhor ensinou a Elias para chegar melhor e com mais segurança ao reino de Deus.

Providenciava também para eles tudo de que necessitavam para que não se preocupassem com o futuro e fazia esta provisão valendo-se não só do trabalho humano comum, mas algumas vezes de modo milagroso e superior ao poder natural.

No Livro dos Reis lemos que houve, naqueles dias, uma fome no país e estes Filhos dos Profetas a sofriam junto com Eliseu com quem viviam. Compadecido pela fome que passavam disse um dia a um de seus servidores: *“Ponha uma panela grande e cozinhe uma sopa para os Filhos dos Profetas. Nisto um deles saiu ao campo para colher ervas silvestres e encontrou uma espécie de parreira ou videira silvestre da qual colheu umas frutas, tantas quantas pode levar em seu avental; e assim que voltou as preparou e colocou a panela da sopa, sem saber o que era, servindo-as aos companheiros para que comessem. Logo que os Filhos dos Profetas provaram aquela sopa, gritaram dizendo: a morte está na panela ó homem de Deus”* (IV Rs 4, 38-40), pela amargura das frutas, notaram que aquela sopa era de morte.

Eliseu não se aborreceu com o cozinheiro que não estava acostumado a fazer comida mais abundantes. Semente lhe disse: *“Traga-me farinha”*; e assim que lhe trouxeram a colocou na panela e logo se transformou em bom sabor a comida, desaparecendo o amargor. Eliseu mandou que de novo a servissem aos Filhos dos Profetas que sentiram seu bom sabor e a comeram com agrado.

Noutra ocasião um bom homem trouxe de Betsaida, por devoção a Eliseu uns pães; eram vinte pães de cevada e espigas de trigo novo em seu alforje (IV Rs 4, 42). Eliseu mandou que seu encarregado os desse aos Filhos dos Profetas para comer ao que respondeu o servidor: *“que é isto para servir a 100 homens”* como se dissesse: é pouco menos que nada para tantos homens. Mas Eliseu lhe disse: *serve-os e comerá e sobrará. Ele obedeceu e todos comeram e depois de saciar-se, sobrou conforme falara”*(IV Rs 4, 43-44). Pela palavra de Eliseu, multiplicaram-se milagrosamente os pães sem que lhes juntassem nada.

Era conveniente que lhes desse tudo isto para que não ficassem intranquilos sem razão, pensando: *“que comeriam ou que beberiam e com que se vestiriam; porque acima de todas as coisas buscavam o reino de Deus e sua justiça, pondo todo o cuidado em Deus o qual cuida de todos os homens”* (MT 6, 33-34).

Os monges Carmelitas pela misericórdia de Deus se viram livres do cativeiro do povo judeu.

Estes monges, enquanto Eliseu os dirigiu e também depois de sua morte, buscavam com todo o seu coração o reino de Deus, e para melhor alcançá-lo deixavam as riquezas terrenas e desprezavam os gozos da carne, e fugiam do trato com os homens e do movimento do povo. Por causa disto, Deus os livrou do cativeiro que o povo judeu sofreu em castigo de seus pecados antes da encarnação de Jesus Cristo.

O que o povo judeu viu para sua maior confusão foi não poder livrar-se da derrota e cativeiro, defendendo-se em cidades fortíssimas e fortificadas, enquanto os Monges Carmelitas que viviam num desamparado deserto do Monte Carmelo sem defesa alguma, foram amparados e Deus os livrou do desprezo dos Assírios e do exército Caldeu.

A causa de tão diferentes resultados foi que o povo judeu foi infiel à lei de Deus e estes monges observaram com fidelidade a lei divina.

Tudo isto o Profeta Isaías expressou muito bem quando, em nome do Senhor, anunciou que viria o cativeiro do povo judeu e a desolação de sua terra, dizendo entre outras coisas: *“Chorai sobre vossa amada pátria, sobre as vossas férteis vinhas. Espinhos e abrolhos cobriram a terra de meu povo: quanto mais descarregará o castigo sobre todas as casas da orgulhosa Jerusalém, desta cidade que repousa na alegria? O certo é que minha casa ficará abandonada reduzida à solidão esta cidade populosa”*. (Is 32, 12-14).

E um pouco mais adiante, fazendo referência aos monges Carmelitas daquele tempo, o Profeta anunciava, em nome do Senhor, o contrário, dizendo: “Então o deserto se converterá em um Carmelo e o Carmelo em um deserto. E a justiça e a virtude habitarão, então, no deserto; e fixará sua morada no novo Carmelo a justiça e a santidade. E o fruto da justiça será a paz, e o resultado desta justiça, o sossego e a segurança eterna. E meu povo repousará em formosa mansão de paz e no tabernáculo de perfeita segurança e no descanso da opulência” (Is 32, 15-18).

No tempo do cativeiro judaico o Carmelo era um deserto, de modo que nele não havia nem fortaleza, nem edifícios, e era considerado como um bosque. A população de monges que ali havia, vivia naquela solidão o julgamento de Deus e guardava no Carmelo a justiça do reino dos céus como o havia predito o Profeta: “a virtude habitará no deserto e a justiça fixará sua morada no Carmelo; o fruto desta justiça é a paz” com a qual não era possível haver entre eles guerra nem discórdias; e o culto com que se honrava esta justiça era o silêncio com o quase se evitava o desencontro nas palavras. O culto desta justiça era também a segurança com a qual afugentavam do coração o medo dos inimigos.

De tal maneira estavam aqueles Monges dispostos a viver entre si em paz que entre eles não havia nenhuma guerra e de tal maneira tinham assegurada a paz de sua boca pelo silêncio que não havia entre eles nenhuma discussão e seu espírito os tinha tão pacíficos e seguros que a consciência não os acusava de nada diante de Deus.

Por isto tinham tal confiança em Deus seu protetor, cuja vontade executavam em tudo, que não tinham medo algum dos inimigos. Disse o Sábio: *“Se fores agradecidos ao Senhor o procedimento do homem, até aos seus inimigos os obrigará a pedir a paz”* (Prov 16, 7).

E como todo o seu cuidado era agradar a Deus pela fidelidade na virtude, Deus os protegeu do temor e os livrou dos escarneos dos inimigos e do seu cativeiro

que os judeus sofreram como fora anunciado por Isaías, dizendo: *“repousará meu povo na formosa mansão da paz e no tabernáculo da perfeita segurança e no descanso da opulência”*, ou seja: nas virtudes e nos fertilíssimos pastos da verdadeira religião, como dizia o Profeta Miquéias, quando afirmava que a terra da Judéia seria assolada por seus pecados: *“e aquela terra será assolada por causa de seus moradores e como pagamento de seus perversos pensamentos”* (Miq 7, 13), porém acrescentava idéias muito diferentes referindo-se a estes monges dizendo: *“apascenta, ó meu Deus, no meio do Carmelo com teu cajado o teu povo, a grei de tua herdade, a qual habita sozinha no bosque; algum dia ela se apascentará em Basan e em Galaad como nos tempos antigos”* (Miq 7, 14).

Aqui o Profeta pede, primeiro a Deus, que os monges que habitam no monte Carmelo não sejam incluídos na sentença da desolação pronunciada contra os judeus, mas que o mesmo Deus os apascente como antes com a doutrina da religião, sob o seu cetro que é a regra de sua direção; e por isto, acrescenta: *“apascenta, ó meu Deus, com teu cajado, o teu povo”*, deste cajado disse o Profeta Davi: *“o cetro do teu reino é cetro de retidão”* (Sl 44, 7).

Para que não se pensasse que o Profeta orava por todo o povo judeu, especifica que é só por estes monges dizendo: *“a grei de tua herdade, a qual habita no bosque sozinha”*, a saber do Carmelo.

Prevendo que sua oração fosse favoravelmente acolhida, predisse que sucederia o que havia, pedido, dizendo: *“no meio do Carmelo serão apascentados Basan e Galaad”*. Por Basan entendeu esses monges do Carmelo; em primeiro lugar porque a maioria deles eram, então, naturais das regiões de Basan e Galaad; e em segundo lugar, porque Basan significa fértil e a congregação ou reunião destes religiosos se alimentava no meio do Carmelo com manjares divinos, os quais eram as doutrinas da verdadeira religião.

Galaad significa montanha do testemunho e Deus congregou no meio de Carmelo o grupo destes monges como testemunho contra os judeus para que a nação se desse conta de que havia sido levada ao cativeiro e a terra foi desolada por quebrarem a lei de Deus, enquanto estes religiosos, porque guardaram a lei de Deus, permaneceram livres naquela terra **“no meio do Carmelo”**.

Em seguida, o Profeta expõe como seriam apascentados, dizendo: *“como nos tempos antigos”*, naqueles em que Elias, com o cajado da direção do reino de Deus na doutrina e no conhecimento da vida profética e da vida monástica no monte Carmelo, segundo o modo que o próprio Deus lhe mostrou para que fundasse esta religião.

O recabitas não foram levados a Babilônia com o povo judaico.

Apesar de os monges recabitas haverem, sido obrigados a viver em Jerusalém enquanto o exército caldeu assolava a cidade e toda a terra da Judéia, não foram levados para Babilônia com o restante da nação, mas continuaram vivendo na terra da promessa, como os monges Carmelitas, conforme dissemos.

Nabuzardan, chefe do exército do rei Nabucodonosor, conduzia o povo judeu para o profetizado cativeiro da Babilônia e permitia que estes monges recabitas continuassem vivendo em liberdade com o Profeta Jeremias, como este mesmo Jeremias havia anunciado em nome do Senhor, sobre o cativeiro do povo e a liberdade dos Recabitas, dizendo: “Os filhos de Jonadab, filho de Recab, observaram constantemente o preceito que lhes deixou seu pai; mas este povo não me tem obedecido”.

Portanto isto diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Eu vou descarregar sobre Judá e sobre todos os habitantes de Jerusalém todas as tribulações com que os ameacei; porque eu lhes falei e não quiseram escutar-me, os chamei e não quiseram responder-me. Porém à família dos Recabitas deixo Jeremias... Porquanto vós haveis obedecido ao mandamento de vosso Pai Jonadab e cumprido tudo quanto vos prescreveu; por isto disse o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: “Não faltará homem da estirpe de Jonadab que esteja em minha presença todos os dias” (Jer 35, 16-19).

Por homem da estirpe de Jonadab Deus entendeu, principalmente, não a descendência de Jonadab segundo a natureza, mas de modo especial a família de nossa religião eremítica. Nem foram os filhos nascidos de Jonadab, ou os gerados por ele que perseveraram constantemente diante do Senhor, mas somente os monges que o sucederam nesta religião eremítica, mesmo quando a estirpe natural dos recabitas durou até que Tito e Vespasiano destruíram a cidade de Jerusalém; pois quando os judeus pouco antes da destruição de Jerusalém mataram a pedradas o apóstolo São Tiago, filho de Alfeu, um sacerdote da família dos Recabitas se esforçou por livrá-lo da morte porque o apóstolo São Tiago nunca bebeu vinho e observou outras grandes abstinências muito semelhantes às observadas entre os Recabitas.

Os monges Carmelitas Cristãos são da mesma religião dos monges fundados por Santo Elias no Carmelo na lei antiga

Alguns homens, pensando que os monges que agora vivem no monte Carmelo são cristãos, julgaram, como dizes, amado Caprásio, que não pertenceram à mesma religião que aqueles fundados antigamente no mesmo monte pelo Profeta de Deus Santo Elias, porque aqueles não eram cristãos, mas judeus.

Quão longe da verdade esteja esta opinião, o verás claramente pelo que agora vou dizer-te: os antigos monges deste monte, embora não fossem cristãos no nome, foram verdadeiramente cristãos na fé reta que tinham, como o são os monges

atuais. Eles tiveram uma fé firme em Cristo, de quem esperavam receber a salvação de suas almas e para melhor garantir esta salvação, deixaram o mundo e consagraram a Deus seus corpos e suas almas. Deles disse o Apóstolo: “andavam de um lado para outro, cobertos de peles de ovelhas e de cabra, desamparados, angustiados, maltratados, dos quais o mundo não era digno; vagando perdidos pelas solidões, pelos montes, e escondendo-se nas grutas e nas cavernas da terra e todos receberam o testemunho da fé” (Heb 11, 37-39).

Se o Apóstolo disse que foram provados com testemunho da fé quem se atreverá a dizer que foram pérfidos como os judeus atuais e não dirá melhor, com toda a verdade, que foram fiéis e crentes?

Se Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem eles desejavam ver e ouvir, tivesse vindo quando eles viviam, como veio em nossos tempos, teriam abraçado, não só a fé, mas também o nome de cristãos, recebendo sua doutrina e os sacramentos, como os receberam seus sucessores.

A eles se referia nosso Salvador quando dizia a seus discípulos: “Em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes e não viram; e ouvir o que ouvís e não ouviram” (Mt 13, 17).

Mesmo que não tenham visto a instituição dos sacramentos da graça que nós vemos, feitos por Jesus Cristo para perdoar os pecados, e embora não tenham ouvido os dogmas, doutrinas e milagres ensinados e feitos por Jesus Cristo, e que nós sabemos que ensinou e realizou para a salvação das almas e que se fundamentaram na fé, anunciaram eles a seus sucessores que tudo isto aconteceria como não-lo assegura o Apóstolo São Pedro: “todos os profetas que, desde Samuel, profetizaram, anunciaram o que acontece nestes dias”(At 3, 24).

Não se pode pensar com certeza que seus sucessores não pertencem à mesma religião deles porque estes são cristãos, mas deveríamos pensar que estes sucessores não teriam nada a ver com sua religião se não tivessem aceitado o rito e a fé cristãs para conseguir a salvação das almas, como lhes anunciara o Profeta. O Apóstolo São Pedro o afirma: “dá referida salvação tanto pesquisaram e indagaram os profetas, os quais prenunciaram a graça que haveria em nós, procurando saber para quando e para que ponto do tempo lho dava a entender o espírito de Cristo que tiveram em si, quando lhes predizia os tormentos que Cristo padeceu e as glórias que se lhe seguiam. Aos quais foi revelado que não administravam ou profetizavam para si mesmos as coisas que agora são anunciadas”(1 Pd, 1, 10-12).

Os monges Filhos dos Profetas que, como se disse, viviam no deserto do monte Carmelo, e nas solidões que ficam junto ao rio Jordão e em outros desertos e cidades da Terra da Promissão, eram os sucessores daqueles santos Profetas e deles haviam aprendido e conservavam com zelo como profecia que Cristo havia de se encarnar e morrer e logo ressuscitaria glorioso para redimir o gênero humano e, com todo o seu coração, desejavam o Cristo e esperavam sua chegada.

Como o Senhor teve a bondade de instruir estes monges por Elias e pelos demais Profetas que se haviam proposto o mesmo fim de vida, sobre a futura vinda de Cristo, teve também a mesma bondade de lhes ensinar a presença de Cristo no mundo por meio de seu Precursor. Pois o Senhor ordenou que este Precursor de tal maneira precederia a Jesus Cristo segundo o espírito e a virtude de Elias que desde a infância abraçou a observância de sua monástica vida eremítica como Elias a havia fundado. O Evangelista São Lucas não quis deixar isto passar em silêncio, mas disse do Precursor: “enquanto isto o menino (João) ia crescendo e se fortalecendo no espírito e morou no deserto”(Lc 1, 80).

Note-se que São Lucas disse “morou nos desertos” porque João se retirou para viver escondido, algumas vezes nos desertos da solidão do Jordão como os Filhos dos Profetas, outras nos desertos dos montes à imitação de Elias e Eliseu.

João Batista foi verdadeiro imitador de Elias. Batizou os Filhos dos Profetas, sucessores de Elias e os instruiu para que recebessem a fé de Cristo.

Quando chegou a plenitude do tempo sagrado, Deus enviou àqueles monges dos desertos “este homem chamado João”(Jo 1, 6) que era o Batista, monge acostumado a viver com extraordinária perfeição a vida monástica e eremítica fundada por Elias.

Tanto Elias como João usaram vestes grosseiras; os dois foram inocentes em suas ações, frugais em sua alimentação, solitários em sua vida e escolheram viver continuamente nos desertos.

Deus escolheu os dois para precursores de Cristo: **JOÃO** da primeira vinda; **Elias** da última; assim disse o Senhor: “*Elias há de vir e então restabelecerá todas as coisas. Porém eu lhes declaro que Elias já veio e não o conheceram, mas fizeram com ele quanto quiseram... Então os discípulos entenderam que lhes falava de João Batista*”(Mt 17, 11-13).

Os sacerdotes e levitas enviados a João pelos judeus de Jerusalém, vendo que seu modo de agir era em tudo conforme a vida monástica e eremítica estabelecida por Elias, lhe perguntaram se ele era Elias.

O Anjo Gabriel anunciou dele: “Vem no espírito e na virtude de Elias (Lc 1, 17) e como Elias, deixando a casa paterna e os bens terrenos, viveu sempre nos desertos; e como Elias não bebia nem vinho nem cerveja; sua roupa era de pele de camelo e cingia sua cintura com uma correia de couro, conforme nô-lo diz o evangelista São Mateus.

Como Jesus sabia que João representava claramente a imagem da vida monástica do Profeta Elias em todas as suas ações, disse ao povo: “e se quiserem entender, é o mesmo Elias que devia vir”(Mt 11, 14).

“Este João veio como testemunha para dar testemunho daquele que era a luz, afim de que, por meio dele, todos crescem (Jo 1, 7); foi à frente do Senhor para preparar seus caminhos (Lc 1, 76); no ano quinto do império de Tibério César... o Senhor fez ouvir sua palavra a João (Lc 3, 1-3) que vivia no deserto junto ao rio Jordão, onde tinham sua habitação os religiosos Filhos dos Profetas. E veio por toda a margem do Jordão pregando um batismo de penitência para a remissão dos pecados”. (Lc 3, 3).

“Diz-nos o Evangelho que, então iam procurá-lo o povo de Jerusalém e de toda a Judéia, e de toda a redondeza do Jordão; e dele recebiam o Batismo no Jordão, confessando seus pecados”(Mt 3, 5-6). Por isto os Religiosos Filhos dos Profetas do Monte Carmelo e os demais que viviam em tendas junto no rio Jordão e

nos outros desertos da Terra Prometida, foram batizados por João que era quem os governava como os demais eram também batizados por ele.

Por este batismo se preparavam para se fazerem dignos de conhecer o Filho Unigênito de Deus o qual, ainda que desconhecido, já vivia entre os homens como o mesmo Batista disse claramente aos judeus com estas palavras: “no meio de vós está quem não conheceis. O que há de vir depois de mim, o qual é maior que eu e de quem não sou digno de desatar as correias de seu sapato” (Jo 1, 20-27).

Quando estes religiosos ouviram da boca do Precursor que já estava no mundo o Unigênito Filho de Deus a quem, com todas as forças de sua alma desejavam conhecer e distinguir entre todos os demais homens, fizeram o propósito de não se separarem do lado do Batista, pois não ignoravam que o Filho de Deus havia de manifestar-se no batismo, como haviam ouvido dizer o próprio João Batista: “eu batizo com água, para que Ele seja reconhecido por Messias em Israel” (Jo 1, 31).

São João deu a estes monges conhecimento de Jesus quando ainda não se havia manifestado e lhes assinalou quem era.

Jesus veio da Galiléia ao Jordão e se apresentou a João para que o batizasse. Vendo João que Jesus se aproximava, apontando-o a todos com o dedo, disse: “Eis o Cordeiro que Deus que tira o pecado do mundo. Este é aquele de quem eu disse: depois de mim virá um varão, o qual existia antes de mim” (Jo 1, 29-30).

Para que todos acreditassem com mais segurança neste testemunho do Precursor, mal João havia terminado de batizar Jesus, “os céus se abriram e desceu sobre Ele o Espírito Santo em forma de uma pomba” (Lc 3, 21-22) como se, com o dedo da fé mostrasse a todos que aquele era o que fora prometido e João o encarregado de apresentá-lo no batismo.

Além disto, a voz do Pai que se ouviu no céu também mostrou a todos que aquele sobre o qual havia descido a pomba era o verdadeiro Filho de Deus, dizendo: “*este é meu Filho querido em quem pus toda a minha complacência*” (Mt 3, 17).

Por isto o Batista dava um novo testemunho de Cristo, enaltecendo o batismo de Cristo ao dizer: “Vi o Espírito Santo descer em forma de pomba e repousar sobre Ele. Eu não o conhecia, mas o que me enviou para batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires que o Espírito Santo desce e repousa sobre Ele, este é que batiza com o Espírito Santo” (Jo 1, 33).

E para que estes religiosos não pusessem a esperança da salvação no batismo do Precursor, ele próprio lhes anunciou que tinham que batizar-se com outro batismo mais perfeito, com o de Cristo: “*eu vos batizei com água... Ele (Jesus Cristo) vos batizará no Espírito Santo e no fogo*” (Mt 3, 11), ainda que, como observa o Evangelista São João, não foi Ele que batizou, mas seus discípulos. Porém como quando se diz que alguém faz uma coisa quando outro a faz com sua autoridade e em seu nome, e os Apóstolos, depois de haverem recebido o Espírito Santo, batizavam os homens em nome de Jesus, conforme disse São Lucas, e quando invocavam seu nome o Espírito Santo descia sobre os batizados, em forma de fogo visível, por isto João disse a estes religiosos: “*aquele (ou seja Jesus) é quem há de batizar com o Espírito Santo e no fogo*” (Mt 13, 11).

Com estes sinais lhes fixava o tempo em que haviam de batizar-se com o batismo de Cristo, isto seria quando os Apóstolos batizassem no nome de Jesus Cristo e os batizados, sob a invocação de tal nome receberiam o Espírito Santo em forma de fogo visível.

O Evangelista São João nos diz terminantemente que isto só aconteceu depois da ressurreição de Cristo e de sua gloriosa ascensão aos céus; estas são suas

palavras: “o Espírito Santo ainda não se havia manifestado porque Jesus ainda não estava em sua glória” (Jó 7, 39).

Os Carmelitas se converteram à fé de Cristo em Jerusalém depois da ascensão e foram batizados com o batismo de Cristo.

Nos tempos que precederam o batismo de João, o povo judeu sofreu muitas opressões e foi desterrado para diversas nações gentias para diversos impérios e reinos. Especialmente sofreram duríssimas perseguições por observar sua lei sob Antíoco Epifanes, rei da Síria.

A História Sagrada, no Livro dos Macabeus refere haver chegado a tanto o desprezo deste rei para com os judeus, que castigava com a pena de morte a todos que quisessem guardar a lei de Deus; todo judeu era obrigado a sacrificar aos ídolos ou seria condenado à morte.

Ante esta violência, muitos judeus de ambos os sexos, não tendo paciência para superar tantas opressões e abominações, preferiram deixar sua parte e desterrar-se, indo viver dispersos pelas diversas nações do mundo. Em suas novas pátrias adotivas tiveram filhos, os quais falavam as línguas e dialetos dos povos em cuja nação se educavam.

Muitos destes judeus, nascidos naquelas nações, atraídos pela devoção à sua terra prometida, voltaram a ela no reinado de Tibério César, pois, então, reinava a tranqüilidade e a paz. Esmeravam-se por viver fervorosamente e se uniam a estes religiosos que já viviam na Terra Prometida, em especial aos que residiam em Jerusalém. São Lucas tem presentes estes judeus quando nos Atos dos Apóstolos diz: “Havia nesta ocasião em Jerusalém judeus piedosos e tementes a Deus, de todas as nações do mundo” (At 2, 5).

Estes Religiosos tinham casa especial em Jerusalém onde viviam, pois sendo uma cidade célebre e a capital do reino Judeu, onde florescia principalmente o culto divino, encontravam nela muitos judeus piedosos que abraçavam sua religião.

Os religiosos instruíam estes judeus nas verdades fundamentais da ciência profética e da vida monástica e, já instruídos, os transferiam para os desertos.

Deus havia mandado, na lei antiga, que os judeus celebrassem solenemente três festas especiais que eram: Páscoa, Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. Não era permitido aos judeus celebrar estas festas senão no lugar escolhido por Deus para honrar seu nome, como mandou Moisés no Livro do Deuteronômio.

Nos Paralipómenos lemos que o lugar que Deus escolheu para honrar seu nome foi o templo edificado em Jerusalém. Os varões do povo judeu tinham obrigação de apresentar-se em Jerusalém ante o Senhor, por mandato da lei, três vezes no ano, nestas três festas já nomeadas.

Todos os Religiosos Filhos dos Profetas, que viviam como eremitas no monte Carmelo, como os que viviam junto ao rio Jordão e nos desertos ou nos bairros

das cidades da Terra Prometida, costumavam vir todos os anos para cumprir esta lei e celebrar, segundo o mandato divino estas três festas especiais da Páscoa, Pentecostes e dos Tabernáculos.

Por isto os Religiosos Filhos dos Profetas tinham em Jerusalém a casa principal e maior, para poderem reunir-se todos nas ditas festas.

No ano em que Jesus Cristo subiu aos céus, vieram todos estes religiosos logo depois da Ascensão, a Jerusalém para ali celebrar a festa de Pentecostes que estava próxima.

Naqueles dias viviam os Apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo em Jerusalém junto à casa destes Religiosos, ou seja, naquele salão grande e mobiliado escolhido por Cristo para que ali lhe preparassem a Páscoa, onde celebrou a Ceia e instituiu o Sacramento da Eucaristia, deu a comer seu corpo aos Apóstolos sob o acidente de pão e onde os ordenou Sacerdotes.

Este Cenáculo estava no monte Sião, naquela parte do monte que se chama **Melo**, onde antigamente havia estado o palácio que David construiu para viver.

E assim estes religiosos estavam naquele momento na casa contígua à dos Apóstolos.

São Lucas refere que no dia de Pentecostes, *“de repente veio do céu um ruído como de um vento impetuoso que encheu toda a casa daquele Cenáculo onde estavam os Apóstolos de Cristo e os discípulos. Ao mesmo tempo viram aparecer umas como línguas de fogo que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Então todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em diversas línguas as palavras que o Espírito Santo punha em sua boca”* (At 2, 2-4)

Estes Religiosos viviam no monte Sião não muito longe do Cenáculo e ao ouvir tão estranho ruído no Cenáculo dos Apóstolos, ficaram atônitos. Desejando saber o que se passara, aproximaram-se do Cenáculo dos Apóstolos. Quando ali chegaram ficaram todos maravilhados e fora de si porque ouviram os Apóstolos falar as maravilhas e grandezas de Deus, não só os que haviam nascido na Terra Prometida, mas todos os demais religiosos que haviam nascido fora da Judéia nas diversas nações e cada um os ouvia falar na sua própria língua.

E os Religiosos estavam ainda mais maravilhados, ouvindo-os falar suas línguas e dialetos porque sabiam que os Apóstolos eram da Galiléia e jamais haviam estado naquelas regiões nem ninguém lhes havia ensinado tais idiomas.

Outros judeus que também se aproximaram ao ouvir os Apóstolos falar em diversas línguas e não compreendendo a razão, zombaram deles dizendo que estavam embriagados.

Mas São Pedro, vendo os religiosos e os outros que se aproximaram, conhecedores do fato, começou a enfrentar-se com os detratores, mostrando que os Apóstolos não estavam embriagados, e provando com as Escrituras dos Profetas que estavam cheios do Espírito Santo.

Anunciou também aos religiosos a boa nova de que Jesus havia ressuscitado, que era Deus e que enviava do céu o Espírito Santo aos Apóstolos, exortando-os que se separassem da geração empedernida dos Judeus.

Quando os religiosos ouviram estes ensinamentos de São Pedro, confundidos de coração, disseram a Pedro e à comunidade dos Apóstolos: *“Que devemos fazer? Ao que Pedro lhes respondeu: fazei penitência e receber p batismo no nome de Jesus Cristo, para a remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”* (At 2, 37-38) e com outras muitas palavras Pedro os exortou.

Muitos destes religiosos, vendo que os batizados pelos Apóstolos em nome de Jesus Cristo, recebiam o Espírito Santo em forma de fogo visível, se deram conta

de que havia chegado o tempo anunciado por seu guia e Superior São João Batista quando, anunciando-lhes Cristo lhes dizia: “Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo” (Mt 3, 11).

Por isto abraçaram as palavras do Apóstolo São Pedro e no mesmo dia se batizaram no Cristo, recebendo o Espírito Santo na forma de fogo visível.

Os Carmelitas, vendo os milagres dos Apóstolos, se fortaleceram na fé e se fizeram seus coadjutores.

O número destes religiosos que ainda não haviam sido batizados pelos Apóstolos no dia seguinte estavam rezando no templo com o povo na Hora Nona e pediam humildemente ao Senhor Deus que lhes mostrasse com algum sinal se já havia chegado o tempo anunciado por seu guia e Superior João Batista quando lhes disse que Jesus Cristo “os batizaria no Espírito Santo e no fogo”.

Alguns destes religiosos duvidavam porque não haviam visto nem ouvido que Jesus Cristo houvesse batizado alguém com suas próprias mãos e, não entendendo bem a profecia de João, esperavam que Cristo os batizasse com suas mãos como o próprio João os havia batizado.

Deus escutou aquela oração e lhes deu luz para que entendessem bem a profecia de São João. Porque naquela mesma hora os Apóstolos de Cristo, Pedro e João, subiam ao templo e, movidos pelo Espírito Santo, na porta do templo chamada Formosa, encontraram um homem de mais de quarenta anos que desde o seu nascimento era coxo e lhes pedia uma esmola. Olhando-o, Pedro e João lhe disseram: “Em nome de Jesus Nazareno, levanta-te e anda. E tomando-o pela mão direita, o levantaram no mesmo instante... e dando um salto cheio de alegria, se pôs de pé, começou a andar e entrou com eles no templo. Os mencionados religiosos vieram; e com todo o povo, viram como ia andando e louvando a Deus e o conheciam porque costumava ficar sentado esmolando na porta Formosa do Templo, ficaram espantados e fora de si com tal sucesso. Pedro e João o tomaram pela mão e todo o povo assombrado veio correndo para eles. (At 3, 2-11). Pedro falou ao povo dizendo que Jesus, a quem o povo por ignorância havia matado, havia ressuscitado dentre os mortos; e mediante a fé em seu nome e não pelo poder de Pedro ou de João, foi curado este coxo.

Assim Pedro lhes dizia: “o nome de Cristo e a fé que vem dele é que curou este homem diante de todos vós” (Mt 3, 16).

Exortava-os também para que fizessem penitência e se convertessem crendo em Jesus Cristo e seus pecados seriam perdoados. Pelos escritos dos Profetas lhes provava como deviam abraçar a fé e a doutrina de Jesus Cristo e os que não quisessem recebê-la pereceriam.

E aos Religiosos, para melhor convencê-los, os chamou por seu próprio nome, chamando-os Filhos dos Profetas e lhes disse: “Vós, Filhos dos Profetas e herdeiros da aliança que Deus fez com nossos pais dizendo a Abraão: em um dos teus descendentes serão benditas todas as nações da terra. Para vós, em primeiro

lugar, Deus ressuscitou seu Filho e o enviou para encher-nos de bênçãos a fim de que cada um se converta de sua vida errada” (At 3, 25-26).

Diante do milagre da cura do coxo que presenciaram e com a exortação de São Pedro, estes religiosos compreenderam que como era o próprio Jesus Cristo quem dera saúde ao paralítico por meio de Pedro, apenas com a invocação de seu nome, era também Cristo quem batizava no fogo e no Espírito Santo” quando os Apóstolos derramavam a água sobre os batizados e invocavam, ao mesmo tempo, seu santo nome.

Com isto compreenderam bem o que profeticamente lhes havia dito João Batista: “Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo”; pois era Jesus quem batizava aqueles sobre quem os Apóstolos punham as mãos derramando a água sobre eles invocando o nome de Jesus e dando-lhes o Espírito Santo em forma de fogo enviado do céu.

Por isto acreditaram de coração em Jesus e com eles muitos outros que ouviram a exortação de Pedro em número de cinco mil homens.

Os Apóstolos os batizaram, e desceu sobre eles o Espírito Santo em forma de fogo visível.

“E perseveravam todos ouvindo as instruções dos Apóstolos e na comunhão da fração do pão... permanecendo cada dia, muito tempo no templo, unidos num mesmo espírito... com alegria e simplicidade de coração louvando a Deus” (At 2, 47-48).

Empregavam todo o dia no estudo e na instrução do Santo Evangelho. Tinham também instruções sobre os livros sagrados explicando as leis dos Pais (Profetas) em sentido alegórico; pois eles pensavam que toda a lei antiga era a semelhança de um animal, que no exterior se vê como se fora o corpo, a letra e a narração natural do que diz a letra e dentro, no íntimo do próprio sentido da letra se esconde como se fora a alma, outro sentido vivo invisível e espiritual de um mistério profundo e divino.

Os religiosos, instruídos pelos Apóstolos, viam como por meio de um espelho este sentido íntimo, mais excelso e nobre, e até dos próprios nomes das letras recebiam umas admiráveis imagens e notícias intelectuais, com as quais enchiam sua inteligência como de abundantes e saborosos manjares, da profunda e divina sabedoria dos sagrados livros.

Logo muitos deles comunicavam aos demais o que haviam aprendido dos apóstolos e pregavam a fé de Cristo e levaram as verdades da fé na Fenícia e na Palestina e, com suas virtudes edificantes, e com sua vida monástica, mostraram a maravilha do reino de Deus.

Os Carmelitas com a luz do Evangelho compreenderam melhor alguns mistérios que o Profeta Elias lhes havia comunicado.

Batizados os Religiosos que pertenciam a esta congregação e instruídos pelos Apóstolos nas verdades do Santo Evangelho, compreenderam claramente que já havia-se tornado realidade o mistério que Deus revelou ao Profeta Elias no Monte Carmelo.

No Livro dos Reis lemos: “Elias subiu ao cimo do Carmelo, onde ajoelhado em terra e com o rosto entre os joelhos, disse a seu criado: observa o mar. Havendo o criado ido, voltou dizendo: Não há nada. Replicou-lhe Elias: volta sete vezes. E na sétima vez eis que subia do mar uma nuvenzinha pequena como a pegada de um homem (III Rs 18, 41-44) para o Carmelo”.

Desde o local do monte Carmelo de onde o criado subia até o cume do monte de onde se avistava o mar, havia dez escalões. Tendo subido todos eles, e olhando para o mar, Elias lhe ordenou, como ficou dito, que voltasse a subir outra sete vezes os mesmos escalões e olhasse para o mar; e quando voltou pela sétima vez, que era a oitava vez que olhava, o criado viu que subia aquela nuvenzinha pequena como a pegada de um homem, para o Carmelo. Então Elias lhe disse: “vai e diz a Acab; toma a tua carruagem e desce logo para que a chuva não te pegue. E enquanto se fazia isto, e ia de uma parte a outra, o céu se escureceu num momento, vieram nuvens e vento e começou a cair uma grande chuva” (3Rs 17, 44-45).

Elias teve a bondade de comunicar claramente, não a todos, mas só aos seus companheiros, e em segredo, as misteriosas verdades das coisas futuras que estavam simbolizadas naquela visão e a grandeza do mistério que Deus lhe comunicou por esta nuvenzinha quando o Profeta estava prostrado.

Por tradição recebemos dos discípulos de Elias que, sob a alegórica visão, Deus revelou a Elias quatro grandes mistérios, os quais quero explicar por esta ordem.

Primeiro: que nasceria uma meninazinha pura e livre de todo pecado desde o seio materno.

Segundo: o tempo em que esta menina nasceria.

Terceiro: que esta menina abraçaria a perpétua virgindade como fez Elias.

Quarto: que Deus, assumindo a natureza humana, nasceria daquela virgem.

Por esta nuvenzinha que o criado de Elias viu subir do mar Deus revelou a Elias que uma meninazinha, a Virgem Santa, figurada naquela nuvenzinha, nasceria da natureza humana pecadora significado pelo mar amargo.

Esta meninazinha, já em seu nascimento, estaria pura e livre de toda mancha de pecado, como aquela nuvenzinha que saíra do mar amargo.

Pois, embora a nuvenzinha fosse, em sua origem da mesma natureza do mar, era, contudo, de diferente condição e diversas qualidades. Porque o mar é pesado e amargo, e aquela nuvem foi leve e doce. De modo que, ainda que em qualquer outro homem seja, em sua origem, a natureza humana como a do mar amargo pelo pecado e manchada com o peso dos vícios, vendo-se obrigada a exclamar: “minhas maldades sobrepujam minha cabeça; e como uma carga pesada me esmaga” (Sl 37, 5), não obstante, a Virgem Maria nasceu de maneira muito diversa deste mar amargo da natureza humana; porque em seu nascimento foi livre da

amargura do pecado e de toda má inclinação; e como a nuvenzinha, foi leve e vaporosa pela imunidade do pecado e doce pelo acúmulo de graças recebidas.

A virgem foi, em seu nascimento, aquela nuvem da qual, em alegoria, escreveu Moisés: “a glória do Senhor apareceu no meio da nuvem” (Ex 16, 10).

Quem Deus mostrou a Elias na nuvem. Explicação alegórica da visão.

Nesta visão Deus mostrou a Elias o tempo em que seus discípulos veriam nascer aquela nuvenzinha (ou seja, a Virgem Maria), e subir do mar da amarga e manchada natureza humana. Na mesma visão se significou que ninguém a veria subir antes que ele subisse uma vez pelos dez escalões e olhasse o mar, e logo voltasse a olhar o mar outras sete vezes pelos mesmos escalões, uma vez que Elias disse ao seu criado: “vai e observa o mar. O criado foi e voltou dizendo que não havia nada.

Agora pergunto: que significa o criado de Elias subir uma vez os dez escalões para olhar o mar e não ver nada especial?

Certamente isto quer dizer que o criado, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias, subiu meditando primeiramente por aquelas dez gerações humanas que São Lucas põe na genealogia de Cristo e existiram antes do dilúvio na primeira idade do mundo desde Adão até Noé e examinando desde Noé até Adão se neste tempo se via alguma nuvenzinha que nascesse em frente ao mar, isto é, contra e fora da descendência amarga e triste da natureza humana, e não vendo naquela primeira idade do mundo nuvenzinha ou jovenzinha semelhante, o criado ou a Congregação de religiosos disse: **não há nada**.

Obedecendo ao mandato de Elias voltou o criado ou congregação, outras sete vezes a olhar o mar pelos mesmos dez escalões; **volta outras sete vezes**; nas seis primeiras não se apresentou nada diante de seus olhos.

Que o criado, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias voltasse a subir os dez escalões e não visse nada, significa que continuou examinando e olhando por outras seis décadas de gerações humanas escritas por São Lucas na genealogia de Cristo desde Sem, filho de Noé, até Jamne, filho de José.

A primeira década destas gerações começa em Sem, filho de Noé e termina em Tare, filho de Nacor.

A segunda começa em Abraão, filho de Tare e termina em Salmon, filho de Naasão.

A terceira começou com Booz, filho de Salmon, e terminou com Joná, filho de Eliaquim.

A quarta começou com José, filho de Joná, e terminou com Elmadon, filho de Her.

A quinta começou com Cosan, filho de Elmadan e terminou com José, filho de Judá.

A sexta começou com Semei, filho de José, e terminou com Jamna, filho de outro José.

O criado, ou seja, a Congregação dos discípulos de Elias, subiu examinando e meditando por estas seis décadas escritas por São Lucas na genealogia de Cristo, isto é, por todo o transcurso de tempo que passou desde Jamne até Sem, observando se neste tempo havia aparecido a nuvenzinha, ou seja, a meninazinha, e como em todo este tempo não havia nascido, os discípulos de Elias não puderam vê-la.

Mas quando voltaram pela sétima vez, a nuvenzinha lhes apareceu por que no tempo que transcorre durante a sétima década daquelas gerações, nasceu a Virgem Maria e os discípulos de Elias a viram.

Na sétima vez, eis que subia do mar uma nuvenzinha pequena como a pegada de um homem.

O referido Jamne em quem termina a sexta década daquelas gerações teve um filho a quem pôs o nome de Melqui; e neste filho começou a sétima década destas gerações.

Este Melqui foi pai de Levi e Levi teve dois filhos: um a quem São Lucas chama Hatat, porém outros chamam Melqui, conservando o nome do avô; e outro filho chamado Panter. Este Panter teve um filho chamado Bompanter e Bompanter teve Joaquim, casado com Ana, de cujo matrimônio nasceu a Virgem Maria. E assim, na sétima vez que voltou, ou seja, naquela década das gerações correspondente à sétima (isto é, desde Sem, filho de Noé), ou seja, desde que, depois do dilúvio, Deus mandou aos homens que voltassem a povoar a terra, nasceu a Virgem Maria, até a metade desta sétima década e morreu antes que terminasse este década de gerações.

Mas antes que Deus levasse a Virgem Maria deste mundo, a visitaram muitas vezes em Nazaré, em Jerusalém e em outros lugares, os religiosos que pertenciam a esta religião.

Prossegue a explicação da nuvenzinha, aplicando-a à Virgem

Como esta nuvenzinha, ou seja a Virgem Santa Maria nasceu na sétima década das gerações enumeradas, nesta mesma sétima década os discípulos de Elias a viram subir espiritualmente ao Carmelo.

Porque antes que terminassem as gerações desde Melqui, no qual vimos que começou esta sétima década o Sumo Pontífice do templo comunicou em Jerusalém aos homens que professavam esta religião que a bem-aventurada Maria havia prometido viver em virgindade, seguindo o exemplo de Elias, como fora anunciado na referida visão: *“Na sétima vez, eis que uma nuvenzinha (ou seja, a Virgem Maria) pequena como a pegada de um homem, subia do mar até o monte Carmelo; e apareceu a figura da pegada de homem, que subia ao Carmelo; porque nesta sua espiritual subida não tinha mulher alguma a quem imitar, mas só tinha o homem por modelo”*.

Antes que aquela nuvenzinha subisse ao Carmelo, Elias e seu criado já haviam subido, pois disse o texto: “Elias subiu ao Monte Carmelo”.

Carmelo significa ciência da circuncisão e aprende principalmente esta ciência quem sabe arrancar perfeitamente de seu corpo e de seu pensamento a fantasia, a inclinação sensual e não só se conserva pela castidade da mancha proibida do desejo carnal, mas que, pela virgindade oferecida e consagrada a Deus, se preserva também de se sentir imune da complacência desonesta. Na lei antiga Deus prescreveu a circuncisão para que, praticada onde acontece sentir mais violenta a luxúria, ficasse claro, com ela, que se deve oferecer a Deus a castidade na mente ou espírito e no corpo do qual se deve desterrar a desonestidade.

Antes de Elias e seu criado, ou seja, antes da congregação dos Filhos dos Profetas, discípulos de Elias, ninguém havia aprendido a ciência da circuncisão ou ciência da virgindade. Foram eles, os primeiros homens que, voluntariamente, abraçaram a virgindade perpétua, purificaram por completo seus pensamentos e desejos de todas as complacências sensuais e por esta causa se chamaram **Carmelitas** que quer dizer: **os que sabem a ciência da circuncisão**, porque souberam viver santamente a pureza do coração e do corpo. Desejosos de desterrar por completo de si a concupiscência do corpo e da mente, foram os primeiros homens que escolheram viver para Deus em virgindade perpétua.

Primeiro eles subiram de verdade no monte Carmelo, ou seja à altura da virtude da castidade perfeita e perpétua, por que começando por cima de todos os homens que os precederam, de tal, maneira souberam destruir até o ataque da luxúria que foram os primeiros homens que escolheram abraçar a perpétua virgindade por amor a Deus.

Mais tarde subir também a este Carmelo, ou seja, a esta alta virtude da pureza sem sombra, aquela nuvenzinha, isto é, a Virgem Santíssima; e subiu como **a pegada de um homem**, porque até então não havia exemplo de virgindade em mulher alguma que pudesse imitar, mas só de homem, de Elias, e ela se esmerou em imitá-lo.

E como antes Elias soube desterrar de sua carne e de sua mente toda sombra de sensualidade e começou a ser o primeiro homem que voluntariamente, ofereceu a Deus a virgindade perpétua, a Santíssima Mãe de Deus soube, mais tarde, à imitação de Elias guardar-se livremente pura, libertando-se de toda inclinação sensual e como seguisse a pegada daquele homem, escolheu viver consagrada a Deus na virgindade perpétua, a primeira entre todas as mulheres.

Como razão, o Divino Esposo, cheio de gozo a felicita no Epitalâmio, dizendo: “tua cabeça é como o Carmelo”(Cant 7,5); entendendo aqui por cabeça o querer e entender, ou a mente da alma; porque como a cabeça se levanta sobre os membros do corpo, assim a mente que conhece e ama, é a mais nobre das potências da alma, e como a cabeça dirige e manda nos membros do corpo, assim a mente da dirige todas as demais atividades da alma. O Carmelo significa que conhece a Circuncisão.

Admiravelmente o Esposo felicita alegre esta Virgem, dizendo: *tua cabeça, ou seja, tua inteligência, ó Mãe de Deus, é como o Carmelo, isto é, conhece a íntima beleza da circuncisão, já que com toda a perfeição soubeste afastar-te de todo gozo sensual, oferecendo livremente a Deus a virgindade sendo a primeira mulher a oferecê-la.*

Prossegue explicando mais amplamente esta visão de Elias

Finalmente naquela visão se mostrou aos discípulos de Elias como o Filho de Deus nasceria de uma Virgem. Pois logo depois que o criado de Elias, ou seja, a congregação de seus discípulos viu aquela nuvenzinha como a pegada de um homem que subia do mar para o Carmelo, Elias disse ao seu criado: *“vai e diz a Acab: prepara a tua carruagem e vai depressa para que a chuva não te alcance”*.

O sinal claro de que já estava iminente a encarnação do Filho de Deus foi que o criado, isto é, a congregação de seus discípulos, viu a nuvenzinha, ou seja, aquela jovenzinha que, como a pegada de um homem, subia da maneira que fora anunciada ao Carmelo, isto é, a um conhecimento tão feliz da pureza que determinou abraçar a continência virginal.

Os religiosos desta congregação assim que ouviram em Jerusalém que uma jovenzinha havia oferecido a Deus a perpétua continência virginal compreenderam que a vinda do Filho de Deus era iminente e já estava às portas.

E como Elias havia mandado o criado que fosse a Acab, a congregação de seus discípulos também foi, por meio da oração até Acab; esta palavra significa **irmandade paterna**.

Isto em figura ou alegoria nos ensina como, antes da encarnação, entre o Filho de Deus e os homens só havia **irmandade paterna** que é o próprio Pai, o qual desde a eternidade engendrou o Filho e criou, no tempo, os homens; e por isto o Filho não se envergonha de chamar a seu Pai, Pai também dos homens, dizendo: “subo a meu Pai e vosso Pai” (Jo 20, 17).

Porém, como antes da encarnação não havia ainda **irmandade paterna** entre os homens e o Filho de Deus, porque ainda não havia nascido de mulher, desejando esta congregação dos discípulos de Elias que a **irmandade paterna** fosse logo uma realidade, subiu, por meio de sua oração, a Acab, isto é, ao Filho de Deus e como Elias havia mandado a seu criado que dissesse a Acab, diziam eles, suplicando ao Filho de Deus: “prepara tua carruagem”.

A palavra **“carruagem”** procede de carro, de correr; é veículo com rodas as quais têm forma circular; o carro é próprio para transportar carga. O carro é, por suas rodas, símbolo da natureza divina do Filho de Deus; a natureza divina é representada por um círculo (ou esfera) que quer dizer é eterna e, como a roda do carro, não tem princípio nem fim, pela natureza divina o Filho de Deus se elevou ou saltou como um gigante a correr (Sl 18, 6) e o sustenta com sua poderosa palavra (Heb 1,3) segundo a expressão do Apóstolo São Paulo.

Dizia então o criado, ou seja, a congregação dos discípulos de Elias, ao Filho de Deus, suplicando-lhe com humildade: “atrela tua carruagem” isto é, tua natureza divina unindo-a à nossa natureza humana, e desce, a nós para que a chuva não te alcance isto é, não te retarde, mas que a chuva te apresse e desças como ela, pois é necessário que “desças como a chuva sobre a pele de lã” (Sl 71, 6); porque quando a pele de lã recebe em si a chuva sem violência, não se rompe nem ao se encharcar, nem ao soltar a água quando é torcida mas permanece intacto. De semelhante modo é necessário que, sem violência, da obra humana, desças suavemente à nuvenzinha, ou seja, à Virgem Maria e atreles tua carruagem que é unir

a natureza divina à humana nas puras entranhas da Virgem para que uma Virgem te conceda Deus e homem juntamente e, ao dar-te a luz, não perca a integridade virginal, mas que permaneça virgem.

Como nos refere esta visão, Deus escutou favoravelmente a humilde súplica dos discípulos de Elias, contínua: e ia de uma parte a outra, de contemplar em uma juvenzinha o espontâneo oferecimento de sua virgindade, a suplicar a Deus infinito que enviasse a seu Filho, enquanto fazia isto, se escureceu o céu em um momento e vieram nuvens e vento e começou a sair uma grande chuva.

Por céus se entende aqui a honra, o poder e a realeza do Filho de Deus, cuja vinda o Profeta David esperava dizendo: “Senhor, inclina estes teus céus e desce” (Sl 143, 5). Pela nuvem entende-se, como foi dito, a Virgem Maria. Pelo vento, o Espírito Santo, como nô-lo disse o Profeta: “Fazes soprar os ventos e as águas correm” (Sl 147, 81). Foi dito que os céus se obscureceram, as nuvens e o vento, porque o poder do Altíssimo os cobriu com sua sombra como cobriu com sua luz divina aquela Virgem e, por obra do Espírito Santo, o Filho de Deus uniu a si ou tomou o corpo humano com a alma humana da carne daquela Virgem e em seu seio, como o Anjo Gabriel anunciou à Virgem: “O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra, por isto o fruto que de ti nascer será chamado Filho de Deus” (Lc 1, 35). Então desceu a grande chuva de grandes graças porque “o Verbo se fez carne e habitou no meio de nós; e nós vimos a sua glória, a glória que o Unigênito devia receber do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,14), de cuja plenitude todos nós recebemos graça sobre graça como disse o Evangelista São João.

Porque os Carmelitas se chamaram irmãos da Virgem. Do oratório que em sua honra construíram no Monte Carmelo

Os religiosos desta ordem lembravam que Deus havia revelado, de modo especial, na referida visão, como nasceria uma meninazinha que, desde o seio materno, estaria isenta de toda mancha de pecado e, como eles, abraçara livremente a virgindade.

Desta Virgem nasceria o Deus-homem (ou melhor, o Homem-Deus).

Observavam como tudo isto já se havia realizado e como o gênero humano, por meio da Virgem, havia recebido do Filho de Deus tão desejado e esperado benefício da chuva, ou seja, da graça divina, e se propuseram honrar, com assídua e especial devoção a esta Virgem há tanto tempo profetizada a seus predecessores, tão esperada e logo apresentada.

Determinaram eleger por Patrona a esta Virgem especial, pois reconheceram que só ela possuía um dom singular parecido com seu Instituto por ser a primeira mulher que abraçou espontaneamente a virgindade. Como os antigos monges que abraçaram esta religião foram os que, por amor de Deus, começaram a viver, por primeiro, a virgindade voluntária e a introduziram entre os varões, do mesmo

modo, como já dissemos, a Mãe de Deus foi a primeira que começou depois a introduzir a virgindade entre as mulheres; por isto, como os Religiosos Carmelitas foram os primeiros varões que livremente assumiram viver a virgindade, assim a Virgem Santíssima foi a primeira que entre as mulheres fez voto de virgindade.

Esta igualdade especial entre a Mãe de Deus e os Religiosos Carmelitas em ser as primícias da virgindade voluntária com um voto, muito tempo antes profetizada e por fim realizada, foi a razão pela qual os Carmelitas, enquanto os Apóstolos ainda viviam, chamavam a Virgem Maria sua irmã e, por esta mesma igualdade, chamavam-se a si mesmas de irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria.

Não creio que ocorra negar que os membros de uma Ordem Religiosa possam chamar-se com diferentes nomes em tempos determinados e por razões diversas sem que a religião deixe de ser e continuar a mesma. Se negas isto, incorres no erro de que a religião cristã não é agora, entre nós, a mesma que foi no tempo dos Apóstolos e discípulos de Cristo, porque os que, então abraçavam a religião de Cristo, no início de sua pregação e de apóstolos não se chamavam como mesmo nome de agora. Segundo nos disse São Lucas, no princípio, os que abraçavam a doutrina de Cristo se chamavam discípulos e, mais tarde, pela primeira vez em Antioquia, se chamaram cristãos.

Por acaso podemos dizer que a religião cristã era diferente neles do que é agora em nós, porque se chamavam com nomes diferentes? De maneira alguma.

Nem deves julgar como absurdo que os Monges que agora vivem no Monte Carmelo são da mesma religião dos que viviam neste monte antes da encarnação do Salvador, embora naquele tempo se chamassem Profetas e Filhos dos Profetas e estes se chamem agora Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria.

Chamavam-se, então, como dissemos, Profetas quando cantavam, louvando a Deus, os Salmos e cânticos acompanhando-se de instrumentos musicais.

Quando começou a era evangélica, cessou o rito de cantar a Deus acompanhando-se de todos aqueles instrumentos musicais e se mudou em outro rito como disse o Apóstolo: “Enchei-vos do Espírito Santo falando entre vós e entretendo-vos com salmos, com hinos e canções espirituais cantando e louvando ao Senhor em vossos corações” (Ef 5, 18-19).

Como aquele rito antigo de cantar louvores a Deus acompanhando-se de instrumentos musicais já não se usa agora em nossa religião, não se chamam Profetas os que pertencem a esta religião.

Também se chamaram, com muita razão, Filhos dos Profetas quando um Profeta os governava e dirigia, como dissemos; mas agora como nenhum Profeta os governa, deixaram de chamar-se Filhos dos Profetas, como a ninguém que esteja em são juízo lhe ocorrerá dizer que, então, se houvessem chamado Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria quando esta ainda não havia nascido; mas, como se declarou, depois que conheceram a semelhança tão expressiva e tão própria entre eles e a Mãe de Deus por haverem sido os primeiros a oferecer voluntariamente a Deus a virgindade, desde esse tempo se chamaram Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria e em memória da visão que simbolizava o nascimento desta Virgem mostrada em profecia a Santo Elias sob a figura de uma nuvenzinha que subia do mar para o Carmelo, estes monges, no ano 83 da encarnação do Filho de Deus, derrubaram o antigo local chamado Semnion e edificaram uma Capela em honra desta primeira Virgem consagrada a Deus, junto à fonte de Elias no mesmo lugar onde Elias, quando ia orar, viu aquela nuvenzinha como a pegada de um homem que subia do mar para o Carmelo.

Desde este tempo, estes religiosos sempre se reuniam nesta Capela encomendando-se a esta Virgem e rezando todos os dias nas sete horas canônicas a esta Virgem e a seu Filho, com fervorosas orações, súplicas e louvores. Na Capela se reuniam para fazer com simplicidade as exortações e mútuas instruções espirituais e para estudar o modo de salvar as almas.

Esta é a razão pela qual, mesmo os estranhos à Ordem, os chamaram Irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

Do hábito dos Monges Carmelitas e o princípio da correia e seu significado.

Havendo investigado e descrito ligeiramente, no que precede, o culto e modo de vida interior que os fundadores e seus antigos monges viveram e nós devemos imitar, só resta que agora, muito brevemente, te exponha, amado Caprásio, o modo de vestir que usaram e nos deixaram como modelo. Pela veste exterior chegarás a possuir um claro conhecimento interior disposição do espírito daqueles padres a quem devemos imitar.

Segundo o Sábio: “a maneira de vestir diz o que é o homem” (Eclo 19, 27). E assim, quando os enviados do rei Ocozias descreveram ao rei o modo de vestir, adivinhou que era o primeiro fundador desta Ordem que se lhes apresentou. Perguntava o rei aos enviados: que figura tinha e como estava vestido o homem que lhes saiu ao encontro e lhes falou. Os enviados disseram: “um homem coberto de pelo de animal, cingido com um cinto de couro” (IV Rs 1, 81).

Por este traje logo o rei conheceu o Profeta e disse: “é Elias, o tesbita”. O sinal da correia e a figura do corpo coberto de pele de animal e desalinhado lhe representaram, sem dúvida nenhuma, o varão de Deus. Pois o cinto de couro era como um sinal especial que levava sempre cingido à cintura. Com a cintura cingida Elias correu diante da carruagem de Acab, pai de Ocozias, desde o Monte Carmelo até o campo de Jezrael.

Com este seu exemplo Elias ensinou que o monge desta religião deve andar com a cintura cingida. Pois São João Batista que “veio no espírito e poder de Elias”, o imitou, andando também com a cintura cingida. São Marcos nos diz: “andava João vestido com um saco de pele de camelo e trazia uma correia à cintura” (Mc 1, 6).

Não é pequeno o mistério que com esta veste se exige do monge.

O fato de andar com a cintura cingida e de levar a correia ao redor significa que o monge deve rodear-se da mortificação nas partes que são como a fonte da luxúria. (Os antigos, na análise das paixões, punham os rins como a origem e centro da sensualidade).

Que a cintura esteja externamente rodeada do cinto feito de uma pele morta, expressando que, no interior, devem estar totalmente extintos os movimentos sensuais, podendo cantar, em verdade, o que disse o Profeta: “fui feito como um odre

na neve” (Sl 118, 83), como se com o gelo da continência se reprimisse e sujeitasse o ardor da concupiscência da carne como a neve seca e reprime o odre, fechando-o.

Por isto lemos na Sagrada Escritura que Elias foi o primeiro que cingiu sua cintura com cinto de couro porque, com este sinal, foi o primeiro homem que deu aos monges o exemplo de oprimir a carne e mortificar o estímulo de todo movimento sensual como disse o Apóstolo: “Fazei morrer os membros do homem terreno que há em vós a fornicção, a impureza, as paixões desonestas, a concupiscência desordenada” (Col 3, 5).

A “melota”, antiga veste destes monges e seu significado

São Paulo faz referência aos fundadores desta religião assegurando que vestiam “melotas”- túnicas. Estas são suas palavras: “andavam girando de um lugar a outro, cobertos com túnicas de pele de ovelha e de cabra, desamparados, angustiados, maltratados, dos quais o mundo não era digno, vivendo perdidos nas solidões, pelos montes e recolhendo-se nas grutas e nas cavernas da terra” (Heb 11, 37).

A palavra “melota” procede de melo, um animal conhecido também com o nome de “teirão”. A roupa confeccionada com seus pelos ou com sua pele, é muito áspera e muito apropriadamente chamada “melota”.

Porém, por analogia, chama-se ordinariamente de “melota” qualquer roupa tecida com pelos ásperos de animais ou feita com peles sem tirar-lhes os pelos. Às roupas tecidas com peles de camelos e de cabra, muitos costumavam chamar de “melotas”.

O Evangelista São Marcos nos diz de São João Batista, já na era da graça, que usava esta veste: “andava João vestido com um saco de pelos de camelo” (Mc 1, 61).

Quando os tempos mudaram, andar vestido de “melotas” servia de zombaria para aqueles que os viam do que de edificação. Por isto os monges desta religião decidiram unanimemente aquela veste de cilício, estranho para todos, e que, por isto mesmo, já não produzia nenhum bem para as almas e podia ser origem de falso desprendimento. Em seu lugar decidiram vestir-se com uma túnica de lã grossa e barata, mas prudentemente áspera e da mesma cor da “melota”; usam esta túnica debaixo do escapulário.

Pelo exemplo destes nossos Padres tanto do Antigo como do Novo Testamento, vê-se claramente que o monge que professa nesta religião deve usar uma veste áspera que moleste o corpo em vez de usar vestes caras, finas e suaves para agradar ao corpo, o que é contrario a religião que abraçou.

Se fosse conveniente que os monges solitários usassem roupas suaves e caras, Nosso Senhor teria permitido que fossem ao deserto ver um homem que usasse roupas finas e luxuosas como nos palácios dos reis. Porém repeliu isto para que servisse de aviso quando disse: “Que fostes ver no deserto? Um homem vestido de roupas delicadas? ... Sabeis que os que vestem roupas preciosas e vivem em delícias estão nos palácios dos reis”. (Lc 7, 24-25; Mc 11).

Vestir a “melota” ou o hábito áspero significa que o monge assumiu sua obrigação de chorar por si mesmo e pelo mundo e deve apresentar diante do Senhor sazoados e diligentes frutos de penitência. A roupa áspera significa a dor dos

pecados, com a cor cinza ou preta se representa a corrupção do cadáver; o monge deve ter presente as duas para praticar a penitência, para que no desconforto da roupa áspera reconheça o pecado que cometeu e do qual tem que arrepende-se e mortificar-se e na cor cinza ou preta de seu hábito pese bem e medite no julgamento que merece, que foi de morte, e não só morte temporal, mas eterna, que tanto deve temer.

Isto nos disse o Profeta: “cobre-te de cilício e de cinza; chora com amargo pranto como se chora na morte de um filho único” (Jer 6, 26).

Do escapulário e seu significado

Os antigos monges de nossa religião usavam, já no antigo testamento, o escapulário.

A lei mandava aos judeus que nos quatro lados de suas roupas pusessem orlas e, nas orlas, cordões. Os que pertenciam a esta religião, para cumprir a ordem da lei, levavam nos quatro ângulos da parte inferior do escapulário as orlas com seus respectivos cordões.

O escapulário era um vestido sem mangas que chegava até a cintura, aberto pelos dois lados deixando também descobertos os braços; a parte das costas se unia à do peito sobre os ombros.

Já no novo testamento se acrescenta a este vestido, na abertura do pescoço, um capuz que cobria a cabeça e os ombros até as costas; e desde então se chamou, a esta veste, escapulário, porque com seu capuz, não somente cobria a cabeça, mas também as costas.

Todos os religiosos que pertencem a esta religião têm usado, até o presente, com suma diligência, continuamente de dia e de noite, esta veste, suprimindo as orlas e os cordões.

Esta parte do hábito que o monge leva continuamente sobre sua cabeça e seus ombros, significa que o monge deve levar sempre sobre si humilde e amorosamente, o jugo da obediência e estas em tudo submisso ao seu superior como nô-lo exorta o Apóstolo São Paulo: “obedecei a vossos prelados e sede-lhes submissos, já que eles velam como quem deve dar contas a Deus de vossas almas; para que o façam com alegria e não penando, o que não vos seria proveitoso” (Heb 13, 17). Pois se não obedecéis aos prelados, desprezais a Cristo que os pôs à vossa frente. E Ele mesmo disse aos prelados: “*o que vos escuta, a mim escuta; e o que vos despreza, a mim despreza*” (Lc 10, 16).

Esta parte do hábito deixa livres e descobertos os braços e os lados do corpo para ficarem mais desembaraçados para o trabalho; isto significa que o monge que a usa deve ser diligente para executar a obra do Senhor, como o manda o Apóstolo, dizendo: “Assim, amados, irmãos, sede firmes e constantes, trabalhando sempre no labor do Senhor, pois sabeis que vosso trabalho não ficará sem recompensa diante de Deus” (Cor XV, 58), e por isto deve o monge afastar toda a preguiça em todas as obras do Senhor. Pois como disse o Profeta: “maldito o que executa de má fé e com negligência a obra que o Senhor lhe ordenou” (Jer 48, 10).

A casa branca que usam à imitação de Elias e seu significado

Prova-se também com a autoridade da Sagrada Escritura que Elias Tesbita, o primeiro fundador desta religião, usou como veste a capa.

Com este hábito cobriu seu rosto no monte Horeb quando Deus passou diante dele.

Pôs esta capa sobre Eliseu quando o recebeu por discípulo.

Esta capa ou manto era uma veste redonda que cobria o corpo por cima da outra veste e descia do pescoço até a metade das pernas; era aberta na frente e fechada ao redor; era estreita em cima e amplamente aberta em baixo.

Quando Elias se separou de Eliseu para ir ao paraíso de delícias lhe jogou esta capa.

Com esta capa Elias ensinou que os monges que abraçam esta religião devem levar por cima do hábito a capa branca da maneira que o Senhor lhe mostrou em profecia; vestidos a Sabac (à maneira de Sabac), pai de Elias. Pois antes que lhe nascesse seu filho Elias Sabac viu em sonhos que uns homens vestidos de branco o saudavam.

Com esta visão foi-lhe anunciado como se vestiriam os imitadores que seu filho teria na vida monástica. Vendo Sabac aqueles varões vestidos de branco, conheceu em espírito os religiosos que seu filho havia de fundar. E os viu vestidos de branco porque seriam imitadores de Elias que era o modelo da forma de viver da vida monástica e o imitariam, não só na íntegra brancura da alma, vivendo uma íntima pureza, mas também na brancura do hábito que usavam por cima da veste que cobria seu corpo.

Levar a capa branca significa que os monges que abraçaram esta profissão devem guardar a pureza de seus pensamentos e desejos junto com a pureza do corpo, segundo o mandamento do Apóstolo ao dizer: “Purifiquemo-nos de tudo que mancha a carne e o espírito, aperfeiçoando nossa santificação com o temor de Deus” (Cor 7, 1), “porque Deus não nos chamou para a imundície, mas para a santificação”(Tes 4,7).

Elias que foi o primeiro que introduziu entre os monges o uso desta capa branca quis simbolizar com ela que o monge, vestido com sua capa branca, deve conservar intacta a pureza, não só de sua alma, mas também de seu corpo.

Desta veste disse Jó ao Senhor: “me vestiste de pele e de carne” (Jó 10, 11), guarde-a, pois, o monge sempre limpa pela pureza, como está escrito: “em todo o tempo estejam teus vestidos limpos e brancos” (Ecl 9, 8).

O báculo e seu significado espiritual

Sabemos por Eliseu, um dos primitivos monges desta religião, que os primeiros que viveram esta vida monástica já usavam báculo.

Quando mandou que seu criado Giesi fosse ressuscitar o filho da Sunamita, lhe disse: “Toma em tua mão meu báculo e vá... e porás meu báculo sobre o rosto do menino (IV Rs 4, 29). Certamente não lho teria dado para que o levasse, se o Profeta não tivesse o costume de levá-lo em sua mão.

Com este seu exemplo, Eliseu nos ensinou que o monge desta religião deve levar o báculo na mão.

Levar o báculo significa espiritualmente que o monge nunca ande desprevenido entre os cães de tantas paixões e vícios que o perseguem ladrando; entre tantos animais invisíveis de tentações espirituais das quais o Profeta pede ao Senhor que o livre dizendo: “não entregue ao poder destas feras as almas que te confessam e adoram” (Sl 33, 19).

O monge, armado com a fé, deve resistir e expulsá-las de si, o Apóstolo São Tiago nos diz: “resisti com sua graça ao demônio ele fugirá de vós” (Tg 4, 7).

O monge deve expulsar os cães furiosos das concupiscências e dos vícios que se lançam sobre ele e imitar a Jesus Cristo em sua paixão seguindo o exemplo de sua mortificação como nos disse o Apóstolo: “Os que são de Cristo, crucificam sua própria carne com os vícios e as paixões” (Gal 5, 24).

Vês, pois, como cingir a cintura com a correa de couro lembra de modo especial que o monge deve extinguir radicalmente em seus membros a fonte de toda inclinação luxuriosa e todo movimento de sensualidade, fazendo brilhar a luz da castidade.

Cobrir-se com a capa branca, em geral, ensina ao monge o dever de expulsar de seu corpo e de sua alma toda mancha culpável de sensualidade e de fazer seu corpo e sua alma resplandecerem com uma pureza heróica.

Usar sempre o escapulário simboliza que o monge deve obedecer humildemente a seu superior por amor de Deus e realizar com presteza as suas obras.

Usar o báculo significa que o monge não deve permitir diante de si nenhuma espécie de tentações, nem do demônio, nem do mundo, nem da carne, mas expulsá-las para longe.

Usar a túnica ou a veste ásperas ensina que o monge deve corrigir tudo que houver feito contra o disposto, por ignorância ou fraquezas fazendo uma justa penitência.

Isto que acabo de escrever compendiosamente sobre o hábito de nossa religião e seu significado espiritual ensina ao religioso a veneração que deve sentir por seu hábito e a ser muito circunspecto nas obras, nas palavras e nos pensamentos, e apartar-se sinceramente de tudo que possa ter alguma semelhança ao que é mundano, e mostrar em suas obras e costumes aos olhos de Deus, o que o hábito representa aos olhos dos homens: **“coberto sempre de luz como de roupagem”** (Sl 103, 2), porque está escrito: **“ditoso o que vela e guarda também seus vestidos, para não andar despido e que não vejam sua torpeza”** (Ap 16, 16).

Digne-se Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus que com o Pai e o Espírito Santo vive e reina, Deus bendito e gloriosos por todos os séculos dos séculos, conceder-nos esta graça. Amém!

L.D.V.M.

CARTA DE SÃO CIRILO

III Geral Latino dos Carmelitas Escrita em latim, em 1230

I

*Da regra ou norma de vida que os monges desta
religião observaram no antigo testamento e no novo até
o ano 412 de Cristo e depois até 617*

Observação:

Esta carta foi escrita até o ano 1230. ó Aqui só coloco a tradução como complemento e explicação do Livro da Instituição de João. Quem quiser estudar mais detalhes e as explicações, como as dificuldades e interpelações, pode ler, entre outros autores, o Padre Florêncio do Menino Jesus, O. C. D., em sua obra O Monte Carmelo na qual resume muito bem tudo que nesta carta se escreveu nos capítulos XIII e XV. Também o Padre Gabriel Wessels, em Analecta Ordinis Carmelitarum, Volume III, página 267 e seguintes.

Os varões que antigamente abraçaram esta ordem religiosa estudavam nas Sagradas Escrituras, como em ameno jardim, o espírito e a história de sua fundação e na Divina Escritura encontravam os admiráveis exemplos de seus fundadores que eles se propunham imitar, recomendados pelos Profetas e elogiados com abundantes sentenças dos livros santos.

Destes exemplos e sentenças tiravam os referidos monges abundante doutrina de espiritual sabedoria, com a qual alimentavam seu espírito como com maduros e copiosos manjares.

Nos tempos dos imperadores Arcádio e Honório (395 - 408), o Monte Carmelo teve, por Pai dos religiosos, um varão de extraordinária virtude e perfeição chamado João que, com seu exemplo e doutrina, punha em todos os demais monges, seus companheiros, ânsias e desejos de alcançar a perfeição segundo o ensinamento profético da vida monástica estabelecida pelo Profeta Elias.

João explicava o espírito e a forma da vida monástica com inúmeras sentenças tiradas tanto do antigo como do novo testamento e também de alguns tratados escritos pelos que, anteriormente, haviam vivido este gênero de vida.

Mais tarde, por sua grande santidade, foi nomeado Bispo de Jerusalém, tendo sido o 44º Bispo que, naquela sede, sucedeu ao Apóstolo São Tiago.

Um monge deste monte e desta Ordem chamado Caprásio, discípulo de João, insistiu com ele para que tivesse a bondade de escrever brevemente num livro dedicado a ele e a seus irmãos, o que tantas vezes lhes havia ensinado sobre o princípio e o espírito desta religião, sobre seus primeiros fundadores e o modo

especial de conseguir a perfeição à imitação dos fundadores, para que num só livro encontrassem tudo ordenado, sem que tivessem que consultar muitos livros para encontrá-lo.

Vendo João que as ocupações do novo ofício o impediam de ter sua residência por mais tempo no monte Carmelo, pôs em prática o que Caprásio lhe havia suplicado com instância.

Escreveu, pois, para Caprásio um livro sobre o princípio e fundação da nossa Ordem em edição e letras Gregas que, então, eram as usadas na Terra Santa. Neste livro João escreveu com muita ordem e estilo compendioso e claro o princípio da fundação da nossa religião, a dignidade e santidade de seus fundadores, as preclaras virtudes e o modelo do hábito exterior dos antigos o primitivos monges, para que sucessores, vendo no livro o princípio e o espírito de sua Ordem, como em um límpido espelho, se esforçassem com toda a diligência em observar sua vida santa e imitassem com a maior cuidado os exemplares costumes destes seus pais.

O mesmo João entregou, no tempo do imperador Honório, no ano 412, o livro a seus companheiros irmãos, os religiosos eremitas do monte Carmelo, para que lessem e observassem o que dizia. Todos que, desde esse tempo, abraçaram nossa religião têm se esforçado em alcançar a perfeição e o objetivo da vida solitária, vivendo do segundo espírito e modo ensinado pelo Profeta Elias e que o referido João escreveu em seu livro.

Permaneceram vivendo esta vida santa pacificamente na Terra Santa até os tempos do imperador Honório pelo espaço de quase 205 anos, imitando seus fundadores e os antigos Padres desta Ordem.



*Da devastação da Terra Santa e da grande perseguição
de Cosroas, rei dos persas, e de Omar, rei dos
sarracenos. ó Da mudança da capa branca pela
listrada.*

Pelo ano 617 de Cristo, o sacrilégio Cosroas, rei dos persas, veio sobre Jerusalém e devastou toda a Terra Santa. Desde que começara a vir os males sobre esta terra, foram multiplicando-se no correr dos anos.

Tendo o cristianíssimo imperador Heráclio obtido uma grande vitória sobre pagão Cosroas, e com a vitória, a recuperação da Terra Santa voltou a pertencer ao seu império; pouco depois, porém, um rei da Arábia chamado Omar, discípulo do pérfido Mahoma e seu terceiro sucessor no governo do reino, veio com um numeroso exército de sarracenos sobre a Terra Santa e a submeteu inteiramente e no ano 639 de Cristo tomou também a cidade Santa de Jerusalém; matou uns cristãos desta nação; arrastou outros à sua pérfida religião e aos restantes, ou os fez apóstatas, ou os sujeitou ao seu domínio.

Os sarracenos viam com maus olhos que nossos religiosos andassem sempre vestidos de branco, enquanto que entre eles, só os sátrapas (Sultões) usavam

vestes branca exterior; por esta causa proibiram aos religiosos usar a capa branca e os religiosos, unanimemente, decidiram vestir a capa barrada (listrada).

Esta capa, como já sabes, consta de sete franjas de duas cores; alternadas entre si e unidas formando uma peça, descem perpendicularmente desde o pescoço até os tornozelos; delas 3 são pretas ou cinza e quatro, brancas e estão ordenadas da seguinte maneira:

Posta a capa está totalmente aberta na frente, descendo a abertura desde o peito até os pés e as bainhas desta abertura são brancas. A segunda franja do lado direito é preta e igualmente a do lado esquerdo. A última franja cai perpendicularmente no meio da capa e é preta.

Os monges antigos davam a esta capa o nome de “carpita”; mais tarde tornou-se um costume chamá-la Clâmide ou manto.

Vestir esta capa significa que o religioso deve levar sempre o Evangelho de Cristo pela observância. A cor branca significa que a pureza vem do religioso que a veste da observância e esta cor está dividida em quatro cores distintas, porque o Evangelho chegou a nós escrito por quatro evangelistas, cada um com seu estilo diferente.

O Evangelista é aquele recipiente que “São Pedro viu baixar do céu à terra como um grande manto suspenso pelas quatro pontas, no qual havia animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu; e Deus disse a Pedro: levanta-te, Pedro, mata e come; mas Pedro disse: não farei isto, Senhor, pois jamais comi coisa profana e imunda. E a voz do Senhor de novo lhe disse: não chames de impuro o que Deus purificou. Isto se repetiu três vezes e logo o manto tornou a subir ao céu” (At 10, 12-16).

Sobre isto temos que meditar que a observância do Evangelho guardada com a mortificação da carne e a formosura da santidade se compara com o manto, porque embora se veja que tem quatro pontas pelas quatro formas distintas de narrar dos quatro Evangelistas, como a capa tem quatro franjas brancas, porém como é uma única capa, assim é um só o conjunto dos Evangelhos, pois os quatro evangelistas ensinam a mesma fé e a mesma doutrina: que Jesus Cristo Nosso Senhor baixou à terra e os evangelistas o escreveram.

Neste recipiente se viram todos os animais quadrúpedes, os répteis da terra e os pássaros do céu. “Porque o homem constituído em honra, não teve discernimento; igualou-se com os insensatos jumentos e se fez como um deles” (Sl 48, 13). Os quadrúpedes da terra são os homens apegados ao terreno; os répteis rasteiros são os irascíveis, brigões e traidores; e os pássaros do ar são os soberbos e altaneiros. A toda esta classe de homens pecadores o evangelho sempre admite que o cheguem a cumprir, como disse o Senhor: “Pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16, 15) e por isto ao Superior da ordem, representado em São Pedro, se diz: “levanta-te mata e come”.

Quem come introduz em seu corpo o manjar que está fora e de modo semelhante os pecadores que estão fora do corpo da ordem monástica entram no corpo da congregação religiosa quando o prelado os mata com sua doutrina e os come, ou seja: lhes ensina a mortificar seu corpo.

Embora Pedro tenha respondido: “que nunca havia comido nada profano e impuro”, lhe disse a voz do céu: “não chame de profano e impuro o que Deus purificou” porque quando os pecadores matam o pecado, o Senhor não os olha como profanos e impuros, mas como limpos e purificados por Deus e muito especialmente se isto se realizou por três, isto é, pelas três partes da penitência que são: a contrição,

a confissão e a satisfação; que é o que significam as três franjas pretas e separadas entre si, na capa.

Então se recebe o recipiente com os animais quadrúpedes, com os répteis e com as aves do céu, porque aos pecadores que vestem, esta capa e estão arrependidos de seus pecados, não só não se deve excluir, mas recebê-los na unidade da congregação religiosa como aos demais que vivem o Evangelho; pois também eles entrarão no reino dos Céus, como não-lo disse o Senhor: *“faça penitência porque o reino dos céus está próximo”* (Mt 3, 2).

III

Continua tratando da perseguição e da conquista de Jerusalém e de toda a Terra Santa por Godofredo de Bulhões

Naquele tempo nossos Monges embora reduzidos a um pequeno número, eram excelentes e esforçados; obrigados a deixar as casas que tinham nas cidades e na aldeias, continuaram vivendo sem interrupção neste Monte Carmelo e em outros desertos da Terra Santa, na observância da vida monástica eremítica estabelecida pelo Profeta Elias e escrita no referido livro de João.

Estes monges, como todos os demais fiéis cristãos desta nação submetidos ao duro poder dos infiéis, tiveram que sofrer muitos trabalhos e desprezos dos maometanos durante mais ou menos 460 anos.

Na tribulação eles e todos os demais cristãos da nação, clamaram ao Senhor que, enfim, os tirou das angústias quando começou a livrar pouco-a-pouco Jerusalém e juntamente toda a Terra Santa dos pérfidos sarracenos no ano de Cristo de 1099 e a região e os fiéis nativos voltaram a ficar sob o poder e o domínio dos cristãos.

Então a nossa religião começou a expandir-se no monte Carmelo.

Muitos peregrinos piedosos que haviam chegado do Ocidente, atraídos pela fama de santidade deste santo monte e do fervor destes religiosos eremitãos que viviam no monte, renunciavam ao mundo e uniam a eles como irmãos para dedicar-se à contemplação das verdades do céu.

IV

*Da restauração e reforma da ordem por Aymerico,
Patriarca de Antioquia e da nomeação de São Bertoldo
como
Prior Geral, o primeiro com este nome.*

Por aqueles dias era Patriarca de Antioquia e Legado da Santa Fé Apostólica um varão amado por Deus e pelo homem chamado Aymerico Malafaida, de origem limosina, nascido em Limoges.

Estudando este varão a admirável vida dos ermitãos, nossos predecessores, irmãos da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, os instruiu muito durante o seu patriarcado.

Sabendo que alguns dos solitários chegados do Ocidente menosprezavam os conselhos e avisos dos anciãos e não viviam segundo o fervor do verdadeiro ensinamento da vida eremítica que João descreveu em seu livro, e vendo que isto acontecia principalmente porque, ignorando a língua grega não sabiam ler o livro, mandou traduzir do grego para o latim.

E para submeter o atrevimento dos mais ousados, para que se conservasse nos religiosos bem garantida a vida santa e inocente dos antigos eremitas deste monte, os obrigou a fazer o voto de obediência.

Estabeleceu que, dali em diante, um deles estivesse à frente de todos e que lhe fosse dado o título de **Prior** e que cada um dos demais fizesse o voto de obedecer a ele e que o Prior se encarregasse de cuidar e governar a todos.

Já desde antes havia um dentre eles que estava à frente de todos a quem davam o nome de **Abade**. Em latim dizemos **Pater** e em castelhano **Padre**; todos estavam sob o seu governo e lhe obedeciam como a um Pai segundo estava estabelecido na Instituição; porém nunca se haviam obrigado a obedecer com voto especial até que o mencionado Patriarca Aymerico os obrigou a todos pela primeira vez a que fizessem o voto de obediência.

O Patriarca tinha um irmão entre estes religiosos chamado Frei Bertoldo que era religioso perfeito e sacerdote santo. Com o conhecimento de todos o nomeou primeiro Prior no ano 1121 e o encarregou da missão de fomentar a virtude dos demais.

Em honra da Bem-aventurada Virgem Maria fez construir um mosteiro neste monte Camelo; o mosteiro estava todo rodeado de uma cerca alta e era sua intenção que todos vivessem dentro desta cerca; mas o Senhor o levou deste mundo antes de terminar o mosteiro.

V

*São Brocardo sucessor de São Bertoldo e a Regra que
lhe deu Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém*

Com o passar dos anos, Frei Bertoldo morreu, primeiro Prior sob cujo governo e direção haviam permanecido 45 anos.

Ficaram cheios de muita incerteza sobre quem nomeariam seu sucessor, pois o Patriarca Aymerico morreu sem deixar-lhes nenhuma instrução especial para eleger outro Prior.

Passado algum tempo se decidiram, por fim, a nomear, por unanimidade a Frei Brocardo varão perfeito, para que os presidisse e todos lhe prometeram obediência e os governou durante 33 anos.

Durante seu governo, expuseram a Alberto, Patriarca de Jerusalém, como desde o tempo em que o Patriarca Aymerico os reuniu, pondo-os sob o governo de um Prior e obrigando-os ao voto de obediência desejavam viver dentro de um mosteiro cercado observando a disciplina da vida religiosa eremítica estabelecida pelo Profeta Elias. Pois, embora soubesse bem pelo Livro da Instituição como haviam de procurar a perfeição e o objetivo da vida monástica, vivendo isoladamente e cada um por si, como agora se propunham encerrar-se no Camelo dentro do mosteiro cercado e deste modo jamais haviam vivido, antes de encerrar-se suplicaram instantemente ao referido Patriarca que lhes desse umas regras necessárias para viver a vida monástica e que eles lhe apresentavam, para que lhes servissem de norma certa que para sempre haviam de guardar.

A primeira regra era com, dali em diante, deviam nomear o Prior para seu cargo, ao qual todos tinham que prometer obediência.

A segunda, que lhes descrevesse a disposição que deviam ter os edifícios que construíssem de modo que ficassem aptos e convenientes para observar a vida solitária e como deviam conviver uns com os outros.

A terceira, que salmos deviam recitar sobretudo em cada hora canônica e como deviam dizer as horas seus servidores.

A quarta, se os que viviam dentro do mosteiro podiam ter algo próprio, ao menos em comum, e como deveriam distribuir os bens que lhes adviessem no futuro.

A quinta, em que parte do edifício seria mais conveniente situar o oratório.

A sexta, quando se visse que algum religiosos havia cometido alguma falta, se eles podiam corrigi-lo e de que modo o fariam.

A sétima, quanto tempo deviam jejuar durante o ano e quando deviam abster-se de comer carnes, ou quando lhes era permitido comê-las.

A oitava, com que armas deviam especialmente preparar-se o melhor possível para lutar contra o demônio.

A nona, se lhes era permitido trabalhar corporalmente com suas mãos ou se deviam abster-se por completo do trabalho corporal.

A décima, em que horas do dia deviam guardar principalmente o silêncio e quando lhes seria permitido falar.

Pois, embora nos demais tivessem instruções claras e precisas, sobre estes dez pontos tinham dúvidas e havia diversos pareceres e não lhes era possível resolvê-los e precisá-los com as instruções que tinham.

O referido Senhor Patriarca Alberto leu primeiro a Instituição antiga como está no livro de João, e convencido de que não se podia determinar com ela nenhum destes dez pontos, anuiu à súplica que com humildade lhe faziam e no ano do Senhor de 1199 lhes deu uma regra clara e precisa sobre estes dez pontos, regra que estabelecia dez mandamentos, e segundo ela deviam viver; estava escrita em língua latina e devia ser, então, a regra perpétua que todos os seus sucessores deviam observar para sempre.

Desde este mesmo ano os obrigou a edificar em mosteiro neste Monte Carmelo junto à fonte do Profeta Elias e lhes mandou incluir dentro da cerca e levantar de novo a capela que em honra da Bem-aventurada Maria Mãe de Deus já haviam construído seus antecessores depois da Ascensão de Cristo.

E o próprio Patriarca Alberto junto a todos os que viviam distantes nas grutas, quartinhos ou celas espalhadas por este Monte Carmelo, e mandou que vivessem encerrados no referido mosteiro, para que levassem a observância da vida religiosa solitária do mesmo modo que a havia estabelecido o Profeta Elias, e que vivessem no mosteiro segundo a regra que agora, novamente lhes havia escrito ele mesmo, regra que aqui copio como é.

(Seguia a Regra)
L. D. V. M.

Tradução feita sem revisão.
Terminada em Teresópolis, em 01/03/96
Irmã Maria Calixta Benevenuti